



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA – 2016

RICHARD REIVERSON PINHEIRO DO NASCIMENTO

**A ORALIDADE VIVENCIADA POR FREQUENTADORES DA FEIRA/BEIRA DE
ABAETETUBA-PA: PROCESSOS EDUCATIVOS E CULTURAIS**

ABAETETUBA-PA
2021

RICHARD REIVERSON PINHEIRO DO NASCIMENTO

**A ORALIDADE VIVENCIADA POR FREQUENTADORES DA FEIRA/BEIRA DE
ABAETETUBA-PA: PROCESSOS EDUCATIVOS E CULTURAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito obrigatório para obtenção de grau em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge.

ABAETETUBA-PA
2021

RICHARD REIVERSON PINHEIRO DO NASCIMENTO

**A ORALIDADE VIVENCIADA POR FREQUENTADORES DA FEIRA/BEIRA DE
ABAETETUBA-PA: PROCESSOS EDUCATIVOS E CULTURAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito obrigatório para obtenção de grau em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge.

APROVADA EM: ____/____/____

CONCEITO: _____

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge
Orientadora - UFPA

Profa. Dra. Víviam da Silva Lobato

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus pelo dom da vida, e por sempre me dar força para não desistir diante das dificuldades. Por ter me proporcionado iniciar e concluir minha graduação, finalizando com este trabalho.

A toda minha família, principalmente a minha mãe Marilza Pinheiro que foi ao mesmo tempo mãe e pai, pelo carinho, apoio e força nos momentos difíceis, que nunca mediu esforços para conseguir nos criar a mim e aos meus dois irmãos Raiane e Maurierbert Nascimento, pela força durante minha vida acadêmica, sendo minha referência de mulher guerreira e exemplo de vida.

A minha esposa Dilvana Martins que sempre esteve ao meu lado nos momentos felizes e de dificuldade, sendo a minha maior referência e motivadora do meu ingresso na vida acadêmica. Sua força regada de amor e carinho, de compreensão nos momentos de dificuldade durante a produção deste trabalho e por ter me dado o maior presente de minha vida meu filho Ricardo Nascimento.

Aos meus avós Clemente Pinheiro e Cezaria Pinheiro que sempre estiveram ao meu lado durante a minha trajetória, em especial ao meu avô pois, da minha vivência com ele tive a motivação da pesquisa. Falecido em 2020 decorrente da pandemia, minha eterna saudação e carinho, lindas lembranças de seus ensinamentos sobre um tipo de tradição oral.

A minha Orientadora professora Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge, por ter contribuído de forma significativa em minha vida acadêmica, pelo incentivo e presteza no auxílio às atividades, principalmente sobre o andamento e normatização deste trabalho de conclusão de curso, onde com toda certeza seus conhecimentos foram partilhados. Muito obrigado.

Em especial o meu grupo da graduação, Antônio, Damiana, Eduardo, Joyce, Müller, Suziellem, por todos os momentos bons e difíceis que passamos juntos durante o curso. Podemos dizer que somos vencedores, por conseguirmos alcançar o objetivo comum, terminar a graduação.

Aos membros da banca examinadora, pelas ricas contribuições.

*“Abaeté, ardente princesa
De encantos suaves e agreste beleza
És a jóia destes confins.
Regada a aguardente, pura e tão somente.
Do meu Tocantins.*

*Do lado de cá, tu nascestes
Assim, sempre mais, vais crescendo
De lendas e mitos, viestes
Em noites dolentes, do seu habitat
Matinta Pereira, vem assobiar
Nas noites de luar, assim como em sonho
Homem que tem fado vira labizonho*

*Lembra ainda, noites de festas
Fatos contados, e tuas serestas
Maria Mané, olhando o horizonte
Coloca a cabeça, em cima da ponte
Se Maria, ou se é Mané, vem a saudar
Com ternura Abaeté.*

*E dentro domar, vai sumindo
Pra baixo da Igreja subindo
Assim como o boto, assombrar
Em notas musicais
Dançando balé, nas ondas do mar [...]”*

(Maria de Nazaré C. Lobato)

RESUMO

Este trabalho intitulado de “A oralidade vivenciada por frequentadores da feira/beira de Abaetetuba-Pá: processos educativos e culturais”, teve como objetivo discutir a oralidade manifestada por frequentadores da feira/beira, visto a feira constituir-se um lugar de múltiplos movimentos e significados, espaço onde se vivencia e se oraliza parte da cultura da cidade, onde são narradas histórias. Estudo de natureza qualitativa e com a utilização de observações, entrevistas e relatos orais no espaço da feira em diversos momentos. Também, fizemos minimamente o aprofundamento do tema por meio dos autores Barros (2009), Brandão (2007, 2008, 2014), Machado (2005, 2008, 2014), Loureiro (2001, 2015), entre outros que discutem a temática. Pode-se concluir que na oralidade são vários aspectos que podem ser debatidos, discutidos, pesquisados, conforme as colocações expostas neste trabalho nos sugerem, assim os apontamentos aqui são ensaios que carecem de maiores reflexões ao tema, na medida a amplitude das tradições culturais e do conjunto de narrativas que perpassa no espaço da feira. De todo modo, as narrativas e relatos orais aqui trazidos pelas vozes e opiniões de frequentadores da feira, ilustram um pouco sobre a diversidade cultural manifestada pela oralidade que se processa no cotidiano da vida, pela interação de pessoas e expressa das mais diferentes, as quais fazem parte indissociável de nossas histórias e de histórias de vidas.

Palavras-chave: Oralidade. Processos educativos e culturais. Feira/beira.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO I – O POVO TRADUZ CULTURA.....	16
1.1 – Sobre a cultura, culturas.....	16
1.2 – A importância da identidade cultural de um povo.....	19
1.3 – A oralidade e a contação de histórias no processo cultural do povo abaetetubense.....	24
CAPÍTULO II – PRODUÇÃO CULTURAL CABOCLA E AMAZÔNICA.....	36
2.1 – Aspectos culturais de Abaetetuba.....	36
2.2 – A Feira/Beira e outras produções culturais.....	43
CAPÍTULO III – O QUE FREQUENTADORES DIZEM E SABEM DA FEIRA E DA CIDADE.....	51
3.1 – Temporalidade e produções da cidade e da feira.....	51
3.2 – Fluxo de pessoas e produtos.....	59
3.3 – Histórias lendárias e outras narrações orais.....	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	79
ANEXOS.....	81

INTRODUÇÃO

O processo de construção de um TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) envolve um conjunto de habilidades por parte do iniciante ou pesquisador como foco, dedicação, atenção, paciência, tempo, concentração, determinação, todas essas habilidades são necessárias galgar para que se consiga ter êxito. São horas de trabalho e estudo que a pesquisa exige, sem contar que na grande maioria das vezes é realizado de forma solitária, seguidos erros e acertos no caminho trilhado, logo demandou esforço intelectual, físico e emocional.

Inicialmente, cabe informar que se tinha para a pesquisa outro rumo, o qual sintonizava com a oralidade pela contação das histórias lendárias da cidade de Abaetetuba tendo como lócus o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) no Centro de artes e esporte unificado (CÉU), no entanto, com a vinda desse ciclo pandêmico vividos no Brasil desde o início do ano de 2020 estendendo-se até o momento, o nosso ‘mundo acadêmico’ sofreu alterações e tivemos dentro desse cenário que alterar o pensado, já que não se tinha previsão de retorno de muitas instituições, situação que ocorreu com o espaço onde pretendia desenvolver o trabalho de campo.

Com isso houve a necessidade de repensarmos junto com minha orientadora nos caminhos a serem seguidos dentro da pesquisa, ainda que com persistência por continuar focalizando a oralidade pela contação de histórias, assim potencializamos a feira/beira como um espaço para fazer a discussão, justificado porque desde a minha infância na presença dos meus avós, percebo as histórias e a oralidade bastante manifestada nesse espaço. Assim, nesse ambiente poderia dar continuidade ao foco da investigação.

Assim, este trabalho somado a estudos bibliográficos, abarcou também uma pesquisa empírica, tomada para além das visitas ao local exigiu atenção e observações por parte do pesquisador para entender o objeto investigado numa relação contínua de aprendizagem, conforme sinaliza Brandão (2007).

Por isso, seguindo com olhar fixo nesse lócus, o espaço da feira/beira, tinha como pressuposto de que ali é um local rico da cultura abaetetubense e também um local de encontro das pessoas advindas das várias cidades da região do Baixo Tocantins, de lugares e bairros da cidade de Abaetetuba, ou seja, naquele espaço a oralidade e o contar histórias está presente pelo povo. De certo modo, visava perceber as interlocuções da oralidade, de opiniões, de manifestações e das histórias existentes. “É uma preocupação em entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro” (SANTOS, 1987, p.7).

A assertiva dialoga com as pretensões e interfaces com a pesquisa, de que as relações possuem muitos caminhos, e o da investigação versa sobre o caminho cultural de contar histórias, de escutar as formas de narrar e de dizer sua leitura de mundo, especificamente as narrativas que enredam a vida da feira/beira. Detivemo-nos a investigar a cultura do lugar que perpassa a oralidade das pessoas, no município de Abaetetuba.

Volto um pouco até minha infância, narrando o que escutava e aprendia. Aprendi a ouvir histórias, pois contar histórias foi algo que vivenciei quando criança e adolescência pelas vozes de meus avós que gostavam de transmiti-las aos seus filhos e netos. Era um costume reunir aparentados, sendo os mais jovens instigados em sua curiosidade e atenção. Por exemplo, entre as muitas histórias lendárias contadas por eles, ouvi a do boto, da cobra grande, da ilha da Pacoca, do poço da moça, do curupira, da Matinta Pereira, do porco do mato. Tais momentos foram bastante fortes na minha vida familiar, momentos que ficaram marcados em minha memória, sempre lembro com nitidez e uma sensação de carinho e saudade desses momentos.

Também, na companhia dos meus avós passei a frequentar a feira da cidade. A feira é um local frequentado inclusive por crianças e comigo não foi diferente, sempre em companhia de parentes. Inicialmente, era um passeio e com tempo passei a ajudá-los, carregando as compras. Por volta dos meus 14 anos, ia à feira para ajudar meu avô na venda do leite para prover o sustento da família.

Meu avô, Clemente Ferreira Pinheiro, viveu até seus 80 anos de idade. Ele nasceu e foi criado uma parte da vida nas ilhas de Abaetetuba, e depois mudou-se para a área urbana da cidade já com sua família composta da esposa e seus oito filhos. Na perspectiva de uma vida melhor, trabalhou na feira por aproximadamente 30 anos, exercendo várias funções como a de carregador em carro de mão, vendedor de leite e massagista. Já de idade avançada parou de trabalhar na feira, mas continuou frequentando o espaço. Este curto relato e alguns de seus depoimentos expressos neste trabalho de pesquisa, são parte de uma simples homenagem que faço, visto que infelizmente meu avô veio a óbito durante a produção dessa pesquisa em decorrência da pandemia.

O que ouvi e vivi ficou guardado e, no espaço da Universidade tive a oportunidade de dar importância e até compreender um pouco mais acerca do significado de contar histórias, compreender sobre as narrativas que eram transmitidas por meus avós. Pude constatar que todos aqueles personagens das histórias contadas faziam parte de algo maior, parte da cultura de um povo; percebi que todas as histórias que meus avós contavam retratavam algumas lendas que vinham sendo passadas de geração em geração, as quais focalizava conteúdo da história e visão das pessoas sobre a cidade de Abaetetuba, entre outros aspectos. Ficou nítido que na

universidade poderia aprender mais sobre cultura, derivando assim o interesse por essa temática de pesquisa, cujo recorte perpassa a vivência e o cotidiano de contar histórias, perpassa o valor da oralidade. Assim, “Sem poder ser esquecida ou desconsiderada, a oralidade é uma forma encarnada de registro, tão complexa quanto a escrita, que se utiliza de gestos, da retórica, de improvisações [...]” (SOUSA; SOUZA, 2008, p.155).

Partindo dessa perspectiva a oralidade abordada nesse trabalho diz respeito a todo um conjunto de ensinamentos, de tradições, saberes que se são produzidos e circulam entre homens e mulheres das diferentes idades através dos tempos, no caso se produzem e fazem circular essa forma de registro no espaço da feira.

A escolha do lócus do trabalho levou em conta ser um espaço que representasse a vivência e o cotidiano das pessoas, onde a oralidade tivesse presente e fosse um canal, desse modo, a feira da cidade de Abaetetuba possui esta singularidade.

Reiterando, a escolha do objeto de estudo está intimamente ligada à minha vivência principalmente durante minha infância, marcada por inquietações que surgiram na trajetória de estudante do ensino médio e, posteriormente, no ano de 2016 como estudante do curso de pedagogia.

Atualmente o ato de contar histórias é foco de muitos debates e discussões, principalmente entre os profissionais da área educacional e no exímio levantamento que pude fazer sobre a temática, verifiquei que a maioria dos trabalhos realizados nessa linha de pesquisa são focados no ato de contar histórias para formação de leitores. No entanto, a história cultural de um povo precisa ser contada não somente pelos livros, jornais, revistas ou internet, mas também através da oralidade, que é uma forma de transmissão de saber, de conhecimento e de riqueza cultural.

Dessa forma, por entre os vários teóricos, pesquisadores, o estudo em tela soma-se ao conjunto de muitos que já pesquisaram e escreveram sobre a feira/beira de Abaetetuba, constatando inclusive os existentes no Campus Universitário de Abaetetuba produzidos por trabalhos de conclusão de curso que tratam de temáticas relacionadas a feira/beira, no entanto, não foi localizado nenhum estudo retratando a oralidade e a contação de histórias nesse espaço.

Assim, como futuro profissional da educação a pesquisa tem importância por contribuir com construção do conhecimento cuja ênfase perpassa a riqueza da cultura e da oralidade abaetetubense traduzida pela contação, pelos causos, piadas, histórias de vida; alicerçada e refletida em interface com referenciais teóricos.

O trabalho tem relevância na minha vida, além de representar um ciclo de estudos que se encerra, o da vida universitária. Também, contribuiu significativamente na minha formação

profissional como docente da Educação Básica. Dessa forma, como pedagogo de formação, ficou a expectativa de exercitar na prática docente formas pedagógicas de valorizar as raízes culturais amazônicas e da cidade, disseminar a arte da contação que pode ser explorada e trabalhada de muitas formas. Logo, um primeiro aprendizado docente galgado com este estudo, foi a compreensão de que a educação está totalmente impregnada da cultura, e a feira exemplifica um lugar vivo de aprendizagem entre os sujeitos que a frequentam.

No âmbito pessoal, acumulei aprendizados sobre a cultura e a oralidade, com destaque a riqueza das tradições orais e de narrativas de Abaetetuba, (re)avivando-me não somente o gosto por ouvir as contações de histórias, mas agora também a vontade de contá-las, de transmiti-las para outras pessoas.

Nesse sentido, tomamos como embasamento as leituras específicas sobre o tema em questão, como assevera Brandão (2007, p.12) “uma teoria que fundamenta uma hipótese de pesquisa delimita até o que vai ser visto, ou seja, até aquilo que, dentro de um todo de relações sociais, econômicas e políticas, vai ser intencionalizado pelo pesquisador, vai ser objeto de sua própria atenção [...]”, nesse caso os vínculos entre processos educativos e culturais que ocorrem no cotidiano da feira balizaram a investigação.

Assim, autores que pesquisam e possuem produções sobre cultura, feira, cultura amazônica, oralidade, histórias lendárias foram importantes para realização desta pesquisa, como os aqui destacados: Barros (2009), Brandão (2007, 2008, 2014), Costa (2019), Fraxe (2004), Laraia (2001), Lobato (1996, 2001), Loureiro (2001, 2015), Machado (2005, 2008, 2014), Santos (1987), Silva (2019), Torres (2008).

Logo, os referenciais dão suporte às reflexões desenvolvidas, fazendo com que elas se apresentem com firmeza e consistência bem como nos proporcionaram o aprofundamento da temática e a re(olhar) o caminho a ser construído e problematizado, pois eles são subsídios para as questões levantadas.

Dentro desse processo, foi tomado como pressuposto a ideia de que a feira é um lugar de múltiplos movimentos e significados, onde pulsa intensamente o fluxo de pessoas e produtos, onde a nossa cultura é vivenciada e representada de muitas formas, por onde são tecidos processos identitários e culturais do povo abaetetubense e, pontualmente, o espaço onde predomina a oralidade que cria e recria relações, onde muitas narrativas são transmitidas. Trago aqui o conceito de feira referendado por Silva (2019, p.87), “[...] além de sua dimensão econômica permite ser pensada como espaço no qual estão presentes elementos indicadores de diversos processos identitários. A feira também funciona como produtora de diversas formas de sociabilidade e de lazer no cotidiano urbano [...]”. Assim, dentro da feira de Abaetetuba se

observa toda essa multiplicidade de sentidos e significados, onde abordamos precisamente as narrativas orais que permeia este espaço.

No caso da oralidade, se observa na contação de histórias e no cotidiano daquele espaço, logo é parte constituinte da tradição e da identidade cultural de um povo, daí o estudo deter-se em discutir a oralidade traduzida entre outras formas, pela contação de histórias lendárias de frequentadores¹ da feira/beira de Abaetetuba-PA.

Com base em tais pressupostos, a investigação teve como questões norteadoras: Que narrações orais estão presentes na feira/beira? Que histórias, causos e relatos são narrados/contados por frequentadores da feira/beira? Que relações podem ser visualizadas entre a tradição cabocla/amazônica da cidade e as narrações dos frequentadores da feira/beira?

Na direção dessas questões, tínhamos como objetivo geral: discutir a oralidade manifestada por frequentadores da feira/beira e suas implicações culturais e educativas.

E, como objetivos específicos, os seguintes: Mapear as narrações de histórias presentes na feira/beira. Identificar como se manifesta a tradição cabocla/amazônica nas narrações dos frequentadores da feira/beira. Observar a produção oralizada dos frequentadores da feira/beira e sua relação com identidade cultural cabocla/amazônica da cidade.

O caminho metodológico buscou atender o objeto investigado, os objetivos e as questões propostas, visando produzir uma compreensão sobre os processos orais do espaço que estão permeados por visões de mundo, memórias e fatos sobre a cidade, histórias de vida e do cotidiano banal da feira, sendo uma construção de uma síntese de fazeres, saberes, histórias e formas de olhar e se colocar diante do mundo social e educacional.

Aspectos Metodológicos

As significações e processos orais da feira abarcou a abordagem de pesquisa qualitativa, no sentido do ambiente natural como fonte de coleta de dados junto a frequentadores da feira/beira de Abaetetuba.

Sobre a abordagem qualitativa de investigar, Richardson (2012, p.80) menciona que “os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais [...]”. No estudo em tela versa um apreender da realidade e seus significados no espaço da feira, através das relações que os sujeitos constroem e de suas vivências.

¹ Nesse estudo referimo-nos a “frequentadores” para as pessoas que de alguma forma vão à feira/beira, sejam trabalhadores, sejam as que vão fazer compras, ou outras pessoas que estejam diariamente de passagem ali.

Buscando captar a oralidade manifestada por frequentadores da feira/beira, utilizamos de técnicas e procedimentos que visassem os propósitos da pesquisa, ressaltando a necessidade de um trabalho de coleta de dados. Este foi um desafio diante da atual circunstância de pandemia, havendo atenção com a saúde e, cuidados para manter o distanciamento social e a utilização de máscaras, álcool em gel, prevenindo de possíveis contágios até porque a feira possui intenso fluxo e movimento de pessoas. Ainda, houve atenção redobrada por conta da maioria dos interlocutores da pesquisa estavam dentro do grupo de risco.

No campo empírico foram utilizadas algumas técnicas de coleta de dados, que para Severino (2007, p.124): “As técnicas são os procedimentos operacionais que servem de mediação prática para a realização das pesquisas”, quais sejam:

a) Observação ao espaço da feira, que abarcou especificamente os locais onde os frequentadores/trabalhadores atuam, comportando a beirada que entrecorta as ruas Avenida Quinze de Agosto, Justo Chermont e Dom Pedro II, sendo realizadas de modo esporádico em dias e horários alternados, para que se conseguisse visualizar o cotidiano das pessoas, os fluxos dos produtos e do comércio, e principalmente as interações entre frequentadores do espaço em suas formas de usos da oralidade dentro dessa dinâmica.

Com base em Brandão (2007), estudamos que pela observação o pesquisador interage com as questões que envolvem o objeto de estudo, e se computa um conjunto de dados sobre fatos, acontecimentos, visões relevantes ao estudo.

b) Entrevistas com quatro frequentadores da feira/beira, buscando uma maior aproximação que permeou conversas, risos, informações complementares e a escuta de histórias, causos, etc., tudo dentro dos procedimentos de gravação e aceito pelos participantes. Sobre a técnica da entrevista, Severino nos diz:

Técnicas de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados. Trata-se, portanto, de uma interação entre pesquisador e pesquisado. Muito utilizada nas pesquisas da área das Ciências Humanas. O pesquisador visa compreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam (SEVERINO, 2007, p.124).

Vale ressaltar que foram feitos os roteiros prévios de tais instrumentos visando apurar melhor o que precisávamos saber e compreender bem como houve antecipadamente os devidos esclarecimentos sobre a pesquisa e posterior autorização pelos participantes, conforme consta em documento em anexo. Informamos que os entrevistados nos deram permissão para que fossem usados neste trabalho seus nomes e todo o material da entrevista.

A seguir, uma breve descrição do perfil de cada frequentador que contribuiu com a pesquisa, dispondo com receptividade e ajuda por meio de seus relatos orais, narrativas de vida e sobre o cotidiano da feira, os quais foram de suma importância para o trabalho.

✓ Deonil dos Passos Martins, 55 anos. Estudou até a antiga 6ª série. Trabalha a 16 anos na função de auxiliar de serviços gerais pela prefeitura de Abaetetuba, na Praça de Nossa Senhora da Conceição, área que compõe a feira. Segundo ele, viveu sua infância e parte da juventude nas ilhas de Abaetetuba no rio Urubueua e sempre frequentando a feira, trazia seus produtos da agricultura familiar para comercializar, posteriormente mudou-se para a área urbana. Sua travessia e mudança esteve regada de sua experiência de vida e da tradição familiar voltada para narrar histórias, por isso se observa sua desenvoltura como contador das histórias lendárias de Abaetetuba. Seu Deonil é um frequentador assíduo da feira e como já o conhecia, facilitou sua contribuição com este trabalho.

✓ Elina Elza Quaresma Lopes, 42 anos. Possui o Ensino Médio. Nascida e criada na cidade, também se considera uma frequentadora assídua da feira, até porque ela trabalha desde jovem como vendedora de mingau assim já se passam 20 anos. Sua contribuição para a pesquisa se deu por meio de sua filha, estudante do curso de pedagogia.

✓ Manoel Bendito dos Santos Moraes, 63 anos. Estudou até a antiga 4ª série primária. Seu Manoel é segundo ele o mais antigo vendedor de farinha daquele espaço, possui mais de 50 anos nesse ramo. O contato com ele se deu a partir das observações, sendo indicado por outros frequentadores/vendedores de farinha para ajudar, por ser considerado o mais antigo na função no local.

✓ Otacílio Ferreira Dias Junior, conhecido como Castor, 53 anos. Possui o magistério. Morou nas ilhas e ainda jovem mudou-se com sua família para área urbana da cidade. Atualmente exerce atividades de cabeleireiro, de humorista e de músico, atuando nelas a mais de 30 anos. Por seu lado humorístico ficou conhecido na cidade, sendo um dos personagens o “cumpradre Vardivino”, e por esta atividade frequenta regularmente a feira. Ele retrata e exalta em meio as suas múltiplas contações a cultura do lugar por meio de todo um linguajar caboclo, com causos, piadas, lendas e mitos.

A maioria das entrevistas ocorreram nas casas dos frequentadores e foram previamente agendadas e acordadas. A realização nas casas foi justificada por alguns se sentirem mais seguro devido à saúde, outros por considerar o local mais calmo e tranquilo para se conversar. Apenas seu Manoel Bendito dos Santos Moraes concedeu sua entrevista na feira, entre o fluxo de compra e venda da farinha, ora atendia seus fregueses, ora contava suas experiências vividas e histórias no cotidiano da feira. Todos foram receptivos e solícitos em contribuir com o trabalho,

e mesmo com a perda do pai de dona Elina, falecido na semana agendada para a entrevista, concordou e me recebeu muito bem em sua casa.

Os dados coletados serviram para a análise, levando em conta os processos ocorridos e as informações decorrentes principalmente de narrativas orais que englobam a cultura, a oralidade e trilham os caminhos das histórias, de causos e relatos de vida e de sobre aspectos da cidade e da feira, com atenção as questões levantadas na investigação.

Finalmente, o trabalho foi estruturado e organizado em três capítulos, além desta Introdução e as Considerações Finais.

No capítulo I, são enfatizados aspectos afins da temática que sobre a cultura, a identidade cultural do povo abaetetubense, com destaque a oralidade dos sujeitos com o jeito do linguajar² e outras formas de manifestação cultural.

No capítulo II, o foco é a feira/beira e suas significações dentro da cultura local, permeado pela oralidade geradora dos enredos comunicativos que se propagam e são produzidos neste ambiente fértil.

No capítulo III, a ênfase são as histórias lendárias, de vida e relatos orais sobre a cidade e feira/beira. Ainda, são pontuados os fluxos, as interações das pessoas e as produções que se articulam com todo um processo comercial existente.

Nas considerações finais são trazidos apontamentos que dizem um pouco dos achados da pesquisa, dando vez novamente a feira/beira como parte importante da minha formação e da cultura abaetetubense.

² Alinhado ao tema, neste trabalho todos os termos utilizados na linguagem do povo, estão em *itálico* para dar o devido valor e visibilidade.

CAPÍTULO I – O POVO PRODUZ CULTURA

Neste capítulo se discute a produção oralizada e sua relação com identidade cultural cabocla/amazônica da cidade de Abaetetuba, passando pela discussão dos costumes e crenças presentes na cultura local, isto é, tratamos da cultura amazônica abaetetubense. Para isso, nos detemos nos seguintes tópicos: sobre a cultura, relacionando-a com aspectos da feira da cidade; reflexões sobre a importância da identidade cultural ditada pontualmente pela valorização e/ou silenciamento da cultura de Abaetetuba e, ainda, sobre a rica oralidade dos sujeitos presente na linguagem, nas opiniões e nas narrativas da vida cotidiana.

1. 1 Sobre a cultura, culturas

Este tópico trata da cultura, em um sentido amplo e abrangente, situando seu tempo histórico e sua importância na existência da humanidade, e o quanto ela está presente no cotidiano da vida das pessoas.

O surgimento do termo cultura como definição de algo propriamente dito é bem antigo, surgiu na Alemanha no século XVIII, até então esse termo não era uma preocupação dos pensadores da época, deste período em diante começaram a pensar em compreender e interpretar a história da humanidade. Segundo Laraia (2001, p.25), “o termo germânico Kultur era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa Civilization referia-se principalmente às realizações materiais de um povo”. Em (1832–1917) Edward Tylor sintetizou esses dois termos dentro do vocabulário inglês Culture.

Dessa forma, Edward Tylor foi um dos primeiros pensadores a utilizar e definir a palavra cultura, desde então muitos outros autores, estudando esse conceito, também vieram buscando cada vez mais ampliar o termo cultura, para que fosse abrangente e significativo.

O tempo foi passando e os povos foram se organizando, ganhando expansão territorial e poder, com isso, a partir do século XIX o termo cultura passou a ter ainda mais importância e significação, devido ao grande crescimento das nações europeias, dos mercados mundiais, da industrialização, e um maior contato entre as nações, chegando ao período em que o povo que detinha o maior poder econômico, detinha também o maior entendimento e domínio sobre a cultura.

[..] as preocupações com cultura contribuíram para delimitar intelectualmente a posição internacional do Ocidente. Essa posição se realizou através da dominação política e econômica, e também da imposição de suas próprias concepções culturais aos povos sob domínio e controle (SANTOS, 1987, p.26).

Esses fatos ocorreram há muitos séculos atrás, servem para explicar alguns acontecimentos dos dias atuais relacionados à cultura, fatos que ocorrem até mesmo dentro do nosso país.

A cultura tem papel fundamental, pois, através dela podemos ver a passagem do tempo e as mudanças que ocorreram, guarda todo um apanhado histórico do povo, ela não é estática, se modifica dentro da dinâmica social, política e educativa, as pessoas vão se adaptando às transformações culturais que ocorrem, assim, os modos culturais de um povo podem perdurar muitos séculos, somando aos contornos sociais do presente ou simplesmente pode desaparecer se não for valorizada, ou potencializada.

Cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. Ou seja, a cultura não é algo natural, não é uma decorrência de leis físicas ou biológicas. Ao contrário, a cultura é um produto coletivo da vida humana. Isso se aplica não apenas à percepção da cultura, mas também à sua relevância, à importância que passa a ter. Aplica-se ao conteúdo de cada cultura particular, produto da história de cada sociedade. Cultura é um território bem atual das lutas sociais por um destino melhor. É uma realidade e uma concepção que precisam ser apropriadas em favor do progresso social e da liberdade, em favor da luta contra a exploração de uma parte da sociedade por outra, em favor da superação da opressão e da desigualdade (SANTOS, 1987, p.37-38).

Dessa forma, não existe cultura sem sociedade, ela historiza a sociedade por isso é tão importante. A cultura é o que faz cada povo ser único, vem ser a condição histórica e social de um povo, todos nós seres humanos estamos inseridos de alguma forma em uma determinada cultura, a qual possui significados e traços que formam a nossa identidade comunitária, pessoal e de cidadãos brasileiros. Agora, sabemos que ela muda de um lugar para outro mesmo dentro do próprio território, significa dizer que existem múltiplas culturas, fazendo parte do nosso cotidiano.

Produzimos cultura e temos sua influência em nossas vidas, ela está presente constituindo grande parte das nossas ações, modos, costumes, aptidões e rituais comuns entre os mesmos indivíduos de um determinado grupo social, que convivem em uma mesma sociedade, como exemplo nos aspectos da língua, da religião, das artes entre muitos outros.

A cultura é um modo de estar no mundo, é a forma como cada pessoa vê o mundo que está ao seu redor, definindo os valores e regras de cada sociedade, são construções sociais reveladoras da interação e comunicação entre as pessoas e grupos.

Partindo do que foi exposto sobre a cultura, sua importância e os múltiplos significados, escolhemos como locus da pesquisa a feira/beira de Abaetetuba, pois em grande medida representa uma dada diversidade e multiplicidade de movimento cultural em si e da

cultura abaetetubense. Esse espaço é rico de signos e significados, o que tem gerado muitas pesquisas e estudos, onde muitos autores já escreveram e escrevem sobre ele.

A feira surgiu com o início da colonização da cidade em meados dos anos de 1635 a 1745, pelo seu fundador, Francisco de Azevedo Monteiro, que por estas terras se estabeleceu formando assim os primeiros povoados.

A área onde se localiza a feira, foi um dos primeiros marcos de ocupação de pessoas e de produção de subsistência, precisamente por se localizar às margens do rio, facilitando o deslocamento das pessoas da cidade para as ilhas ou vice-versa. Da beira foi sendo povoada a cidade adentro, e a feira possui em sua gênese a vinda dos ribeirinhos para a cidade, que foram chegando e dando forma a um costume cultural bem marcante na atualidade.

O espaço da feira/beira vem continuamente crescendo, podendo se afirmar que é um dos locais mais frequentados da cidade, existe uma perene movimentação de idosos, mães com crianças, adolescentes, trabalhadores ou não da feira, moradores ou não da cidade de Abaetetuba. É um local que as pessoas gostam de ir, assim comenta um frequentador assíduo da feira, o senhor Otacílio:

Na feira eu gosto de fazer as minhas compras, rever os amigos, de contar e escutar certos causos, piadas, e é uma alegria. Você vem da feira renovado, com uma energia muito boa pra trabalhar em casa, sempre com otimismo (Otacílio Ferreira Dias Junho, entrevista em dezembro de 2020).

A feira/beira abriga uma estrutura comercial, portuária e de manifestação cultural polivalente. Nela existem barracas, cantinas, mercados, lojas e prédios comerciais dando conta da compra e venda de produtos que é intensa. Também, está cercada por belezas naturais como o rio Maratauíra situado em toda a sua frente com suas marés, mais do outro lado do rio vemos a floresta pertencente às ilhas da cidade. Em suma, na feira se observa o contraste dado pela natureza e o centro urbano, visto por qualquer pessoa que ali chega.

Devido à grande diversidade existente na cidade, o trânsito cultural também é intenso, e se propaga de várias formas, é o caso da agricultura que é forte naquele contexto comercial. Sobre o assunto, Barros (2009) discorre sobre a feira:

Grande parte dos feirantes traz seus produtos diretamente da propriedade, enquanto outros compram dos produtores para revender. Neste sentido, a feira assume um papel essencial para o fortalecimento da economia local, sobretudo para a manutenção da cadeia produtiva e para obtenção de renda no âmbito da agricultura familiar (BARROS, 2009, p.156).

Ainda, compondo essa diversidade cultural tem a circulação de pessoas que frequentam a feira, vindos de várias localidades, e de outros municípios próximos como Moju, Barcarena, Igarapé-Miri e sujeitos de grupos sociais diferentes, pessoas que habitam o centro

urbano e o rural. A produção é bastante visível, sendo diversificado os produtos e preços, atraindo as pessoas para o local.

Entrelaçado ao movimento das pessoas de diversos lugares, se presencia uma oralidade distinta, elas oralizam, conversam, contam sobre suas vidas e vivências, contam causos e histórias; as pessoas durante o ato de comprar ou vender, dinamizam costumes, ritmos de vida, evocam suas raízes culturais. Podemos dizer que a feira é um território vivo onde pulsa a oralidade.

Tal discussão acerca do aspecto cultural da oralidade, é um eixo central na pesquisa, pois, se adentrará nos costumes e marcas lendárias de Abaetetuba, assim ao longo deste capítulo, o esforço é mostrar as interfaces da oralidade como parte integrante da cultura da cidade, prática constante no lugar, demonstrando interfaces de sua transformação e continuidade.

1.2 A importância da identidade cultural de um povo

Pontualmente, se destacará o sentido da cultura em suas tradições e costumes, e como contribui nos processos identitários de uma pessoa ou comunidade.

O Brasil é um país da América, colonizado pelos portugueses, estes quando aqui chegaram já havia povos que habitavam o lugar, os povos indígenas, os quais tinham cultura própria, no entanto, a cultura dos povos que aqui viviam fora suprimida pela cultura europeia.

Na América Latina, e o Brasil é bem um caso, as culturas de povos e nações que habitavam suas terras antes da conquista européia foram sistematicamente tratadas como mundos à parte das culturas nacionais que se desenvolveram. Sua importância para essas culturas nacionais só costuma ser reconhecida na medida em que contribuem para esta última, em que fornecem elementos e características que dão a esta caráter particular, tais como comidas, nomes, roupas, lendas (SANTOS, 1987, p.28).

Cada povo produz processos identitários com base em sua cultura, cabe ao povo cultivar e valorizar seu saber, suas práticas sociais dando importância às suas raízes culturais, assim, a cultura vem ser um conjunto de simbolismos, tradições, crenças e costumes de um povo, representados no seu modo de vida e vivenciados no seu cotidiano. Vários são os conceitos de cultura, considerando uma certa dimensão específica e abordagem. Ficamos então, com a versão definida por Santos:

Cultura é uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade. Não diz respeito apenas a um conjunto de práticas e concepções, como por exemplo se poderia dizer da arte. Não é apenas uma parte da vida social como por exemplo se poderia falar da religião. Não se pode dizer que cultura seja algo independente da vida social, algo que nada tenha a ver com a realidade onde existe. Entendida dessa forma, cultura diz respeito a todos os aspectos da vida social, e não se pode dizer que ela exista em alguns contextos e não em outros. (SANTOS, 1987, p.37).

Para se compreender as transformações que vem passando a cultura de um povo, primeiramente temos que olhar para o passado, somos um povo carregado de identidades culturais diversas que abrangem o branco, o japonês, o negro e o indígena. Assim, primeiramente deve-se fazer um estudo sobre suas raízes, adentrar na história de seus antepassados e conhecer a história de sua própria cultura. Conhecendo nossa cultura passamos a valorizar e preservar nossas tradições, diversidades e processos identitários que nos constituem.

Podemos falar então de culturas, cada uma apresenta sua forma de existir, onde as suas práticas só fazem sentido para os que fazem parte daquele lugar, existe relação direta entre os procedimentos culturais e a forma como essa cultura é produzida e difundida. Sobre isto, Brandão (2008, p.31), adverte-nos que “a *cultura* existe nas diversas maneiras por meio das quais criamos e recriamos as teias, as tessituras e os tecidos sociais de símbolos e de significados que atribuímos a nós próprios, às nossas vidas e aos nossos mundos”. Então na maioria das vezes absorvemos processos culturais diversos bem como produzimos a cultura local, lócus este que estamos inseridos.

E, dessa mistura, aprendizado e produção do povo, a cidade de Abaetetuba possui suas memórias, histórias e manifestações culturais. Para ilustrar, a cidade que é cercada pelo rio Maratauíra com suas dezenas de ilhas, sua descendência advém principalmente de índios ou negros escravizados, possui rico patrimônio cultural de narrar, memorar, escutar e contar histórias, deixados por seus ancestrais. Segundo o autor D'Angeli (2008), nos diz:

Onde, exatamente, essas histórias tiveram início? E quando? Não é possível saber. Sabemos que elas integravam a riqueza da tradição oral de vários povos indígenas (e elas passavam, também, de um povo ao outro), mas não sabemos quando e onde elas começaram. Em todo caso, quando um avô (brasileiro) conta para os netos uma daquelas histórias (como a do *mico* que montou a *cavalo* na onça), ele está transmitindo uma narrativa que é contada há centenas de anos, que foi criada em uma aldeia indígena, e se conservou nas aldeias indígenas exatamente pelo trabalho dos contadores (D'ANGELI, 2008, p.141).

Percebemos na afirmativa acima que o ato de contar histórias é antigo, ancestral e uma tradição de escuta e oralidade, sendo transmitida de geração em geração através dos contadores, aqueles informais carregados de saberes aprendidos no coletivo do povo.

Aspectos culturais são vetores dos processos identitários de um povo, de uma sociedade, da representação filosófica de um determinado lugar, um povo sem cultura é um povo sem processos educativos e civilizatórios próprios. Fica fadada a tomar simplesmente o que vem de fora, sem criticidade, fechando os olhos para a grandiosidade e diversidade cultural da sua própria sociedade, estado ou nação.

No sentido da valorização da cultura local, a pesquisa buscará indícios de como na cidade de Abaetetuba ocorre ou não o processo de valorização do contar histórias, prática antiga deixada por nossos ancestrais conforme mencionado e vivenciada por mim através de meus avós. Meu avô seu Clemente costumava contar sobre a lenda conhecida do boto. Dizia ele que quando morava nas ilhas de Abaetetuba e não tinham outros meios de distração, uma das formas que encontravam de passar o tempo era contando histórias e causos da região. Ele conseguia reunir com os mais novos à noite para contar histórias, tais histórias eram cativantes e prendiam a atenção dos que ouviam, constituindo um momento prazeroso que ele guardava em sua memória.

Neste local, mesmo não compreendendo naquele momento a importância da oralidade, já observava que era algo que balizava as relações. Eu gostava de ir à feira com meus avós, era um momento que observava as pessoas horas esquecidas conversando, ou como diz os abaetetubenses “*batendo-papo*”, isso me distraía e chamava minha atenção, porque as pessoas mais velhas contavam histórias diversificadas, algumas envolviam acontecimentos daquele espaço, outras de fatos das suas vivências pessoais, sobre novidades ocorridas na cidade ou sobre lendas; as conversas ditavam de um repertório oral que me fascinava, principalmente pela curiosidade em saber como aquelas histórias lendárias (especialmente) teriam seus finais, quais seriam os desfechos.

Nesse sentido, a perspectiva do estudo é discutir sobre esse patrimônio nos dias atuais e o cotidiano das pessoas acerca da escuta e transmissão oral de histórias. Sabemos de antemão que a cultura não é estável e que a cidade sofreu transformações ao longo do tempo, exibindo na atualidade uma cidade mais populosa, urbanizada, situando-se no processo geral da globalização.

Na sociedade tem sentido ser/estar/sentir-se pertencente a um grupo de pessoas que comungam das mesmas práticas e gostos, pertencente a uma identidade cultural, assumir compartilhar os mesmos ideais, isso é gerador de processos identitários e de valor humano que se educa e educa com um coletivo. As culturas, nesse sentido, promovem a socialização de uma sociedade, que busca o bem viver de todas as pessoas, as experiências e os conhecimentos do grupo. Para Brandão:

As culturas não têm todas o mesmo destino, não devem seguir todas a mesma trajetória, assim como as pessoas que nós convivemos não estão todas condenadas a viverem de um modo semelhante ou igual, a estudarem de um único modo, a crerem num único Deus, e da mesma maneira (BRANDÃO, 2014, p.14).

Essa interação entre as pessoas e os diversos grupos culturais que faz sentido uma identidade cultural ou a marcha coletiva de processos identitários gerador de liberdade, de

autonomia e de humanização, tão escassa nos dias atuais. Dessa forma, a interação entre os diversos grupos sociais faz com que a cultura se amplie ainda mais, pois, em todos os momentos da vida os indivíduos sofrem influências pelos meios sociais, não se pode dizer que o homem vive isolado, mas sim que sua singularidade ganha sentido em meio a diversidade.

Com a globalização as culturas acabam sofrendo influências de todos os lados, até porque estão totalmente interligadas, assim a preservação das práticas culturais dentro dos grupos ocorre de várias formas, sendo algumas delas pela ressignificação e manutenção de suas tradições, com seus costumes e rituais, mesmo que com condicionantes externos, devido ao contato com culturas diferentes, e à frente a modernização. Também, há situações culturais que se ressignificam pela própria alteração condicionada da natureza, como o desmatamento da floresta, e conseqüentemente as alterações dos territórios.

O Brasil é um país multicultural, ou seja, formado por uma diversidade cultural, que comporta ter sido colonizado, de uma tradição herdada principalmente dos índios e de povos que foram trazidos escravizados da África e tantas outras situações que o compõem. Séculos depois, com a industrialização e a globalização, muitos outros povos vieram para o Brasil, os ditos imigrantes. Ou seja, no Brasil não há uma única identidade cultural e sim múltiplos processos identitários, levando em conta a condição territorial de cada região.

Mas, vale reiterar que são culturas no plural, isto é, existem diferentes culturas.

As diferenças existentes entre os homens, portanto, não podem ser explicadas em termos das limitações que lhes são impostas pelo seu aparato biológico ou pelo seu meio ambiente. A grande qualidade da espécie humana foi a de romper com suas próprias limitações: um animal frágil, provido de insignificante força física, dominou toda a natureza e se transformou no mais temível dos predadores. Sem asas, dominou os ares; sem guelras ou membranas próprias, conquistou os mares. Tudo isto porque difere dos outros animais por ser o único que possui cultura (LARAIA, 2001, p.24).

A cultura fala por nós, e nos identifica por onde quer que passamos, é um documento vivo de um povo, de uma raça, sem ela não tem identidade sociocultural que nos fazem existir e continuar existindo, sem cultura somos seres sem rumo, direção, passado e futuro, simplesmente perdidos no tempo, sem legados para as futuras gerações. Somos seres construídos culturalmente, e quanto mais valorizarmos as singularidades e pluralidades culturais existentes, mais enriquecido são as visões, opiniões e identidades das pessoas e de uma comunidade/lugar/povo.

A cultura está sujeita tanto a sua valorização quanto a perda ou esquecimento de suas raízes e tradições, costumes e ritos, manifestações e produtos, por esse motivo elucidamos esta dimensão, danos e prejuízos dentro de uma sociedade/povo/comunidade.

A perda de uma identidade cultural acontece por vários motivos, sendo um dos principais a modernização juntamente ao processo de globalização. A globalização é uma parte importante da evolução da humanidade, no que tange à expansão econômica, política e cultural, isto ao nível mundial.

Este processo global contribuiu significativamente para a perda da identidade cultural, pois, ocorreu o processo de crescimento das cidades, populacional, massificação das mídias, o fascínio pelas inovações e pela cultura estrangeira, tudo isso fez com que a preservação e manutenção das tradições e costumes fossem se perdendo com o passar do tempo. Ficando assim, cada vez mais difícil para os povos a preservação das suas raízes culturais.

O fascínio pela cultura do outro é um fator que contribui para a perda da identidade cultural, com a supervalorização da cultura de massa em detrimento das outras, ato incentivado muitas vezes por nossos próprios governantes, visando o crescimento das cidades e o lucro financeiro dos cofres públicos. Tais governos acabam investindo na cultura hegemônica deixando de lado a cultura local, por ser considerada em sua visão “menos atrativa”, e lucrativa, isso gera consequências danosas para qualquer identidade cultural.

Sobre esta questão, Silva³ (2019), no seu livro *Repensando o Folclore* comenta:

O trabalho de apropriação de manifestações culturais populares por parte do Estado, tem trazido inúmeras consequências como o enfraquecimento da própria manifestação fazendo com que se perca a experiência dos sujeitos à frente de uma dada tradição, em detrimento de outra realidade olhada agora apenas como produto ou espetáculo [...] (SILVA, 2015 apud SILVA, 2019, p.58).

Infelizmente, essa é uma realidade presente nos dias atuais, os governantes que deveriam priorizar pelo incentivo a valorização da cultura local, acabam fazendo exatamente o contrário, inclusive com a aprovação da própria população, que fica encantada com as produções e espetáculos de outras culturas, a exemplo no carnaval com as conhecidas micaretas e trios elétricos. Cabe ressaltar, que o governo deveria ter o papel de ajudar nessa consciência cidadã ao nível cultural, pois, as pessoas do lugar, na maioria das vezes interiorizam ritmos, melodias, jargões, sem se darem conta da perda cultural, diminuindo o valor de si, deixando de lado as próprias raízes e tradições locais de povo.

³ Dedeival Brandão da Silva é Doutor em Letras – Literatura Comparada/Estudos Literários e Antropólogo. Atua nas áreas de Antropologia urbana e educacional, Rituais e sociedade, Literatura e narrativas da nação. Publicou artigos em periódicos na área da Cultura, Educação e Literatura. Atualmente, é docente da Faculdade de Educação e Ciências Sociais – FAECS e de Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios e Identidade – PPGCITI, Campus Universitário de Abaetetuba, UFPA – Linha de Pesquisa Identidades: Linguagens, Práticas e Representações. É autor dos livros *Os Tambores da Esperança* (1997), *Cabanagem Narrativas da Nação* (2008), *Migalhas do Carnaval* (2015) e *Repensando o Folclore* (2019).

A massificação da cultura é bastante preponderante no país, e dentro da cultura abaetetubense isso não é diferente. No entanto, Silva (2019, p.58), diz que acontece nesse tempo em que “o papel do poder público foi determinante para que a comunidade local deixasse de narrar experiências que até então formavam sua tradição na cidade em prol de uma política do esquecimento”. Tempo que vemos acontecer de forma deturpada o incentivo à cultura, com a valorização maior de uma cultura externa em detrimento da cultura local, com isso se promove mais ainda a perda da identidade cultural.

Assim sendo, percebemos que a identidade cultural do povo abaetetubense vem atravessando por vários processos de mudanças, perpassando ora pela valorização, ora pela perda, isso devido à expansão da cidade, mas muitos dos aspectos identitários herdados dos povos tradicionais que habitavam ou ainda habitam o lugar, permanecem vivos até os dias atuais, entre estes aspectos encontram-se a oralidade, que faz parte da cultura tradicional dos povos amazônicos e também integra as raízes identitárias de Abaetetuba, além de se desenvolver dentro de vários aspectos, como os vocabulários, a contação das lendas e causos. Desta forma, irei tratar mais profundamente, deste aspecto que é tradicional e integrante da identidade do nosso povo no tópico seguinte.

1.3. A oralidade e a contação de histórias no processo cultural do povo abaetetubense

A oralidade é uma prática tão antiga quanto a humanidade, é característica específica do ser humano. No presente o estudo será abordado enquanto marca da tradição de um povo, logo transcende o simples ato de falar e se insere em uma forma contextualizada, de se fazer compreender pontos de vista e se posicionar em uma realidade. Segundo Marcuschi e Dionísio (2007, p.40), “a *oralidade* seria uma prática social que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais que vão desde o mais informal ao mais formal e nos mais variados contextos de uso”. No caso do povo amazônico, isto é bastante presente e diversos nas vivências, com destaque a um tipo de oralidade pelo conjunto de todo um vocabulário diferenciado e particular. O Senhor Otacílio em entrevista faz referência a esse vocabulário riquíssimo do povo:

É uma região rica, que tem uma linguística bonita. A forma de se falar dessa região é bonita, o sotaque. A gente fala *sumano*, *suprimo*, *paresque*, *ilharga*, *istorde*, *engalicar*, *gastura*, *cumu é então*, *nós não temo as condição*. Aqui é uma herança, uma mistura dos portugueses com o europeu em si, com as nossas ilhas, e surge esse linguajar caboclo interessante, né? Se mistura também com os negros da região, dá essa riqueza cultural fantástica, somado as nossas lendas, crenças, até hoje ainda temos muitos lugares que se reza a ladainha aqui nas ilhas de Abaetetuba. Rezam ainda na língua do latim, de uma riqueza fantástica que temos aqui nessa região do Baixo Tocantins, digamos assim que do Tucuruí até Vigia é a mesma cultura, o mesmo linguajar, o mesmo sotaque. Como eu falei, as crendices em todos os lugares são as mesmas e esse é um motivo de orgulho de todos nós que vivemos nessa região (Otacílio Ferreira Dias Junho, entrevista em dezembro de 2020).

Sabemos que cada região do Brasil possui um linguajar próprio, com termos, sentidos e significados acessíveis e de uso rotineiro. Na região amazônica paraense não é diferente, e sobre essa linguagem o escritor Jorge Machado⁴ (2008, p.17), afirma: “No Pará esse costume manifesta-se na forma de gírias, ditados, provérbios, gestos, mímicas, expressões populares, que constituem um verdadeiro glossário paraense ainda muito presente em todas as cidades, notadamente aquelas do interior”. Na região existe toda uma riqueza da oralidade por sua singularidade, simplicidade e criatividade na maneira de falar, não é à toa que o autor nascido em Abaetetuba, produziu um glossário abaetetubense, onde explica a origem dessas palavras e o seu significado para o povo abaetetubense:

Recentemente foi editado o *Glossário Abaetetubense* por esta mesma editora, que reuniu cerca de 300 palavras e expressões comuns no Baixo-Tocantins com explicações de seu significado e exemplos de uso. Algumas são simples adaptações ou alteração de significado de palavras já existentes na língua portuguesa. Outras são derivadas de palavras indígenas ou (mais raramente) africanas. Uma terceira categoria é constituída de palavras totalmente criadas na região, sem uma origem perfeitamente definida (MACHADO, 2008, p.17).

Especialmente na cidade de Abaetetuba se destaca um vocabulário marcante, um tipo de caboclo amazônico com expressões orais próprias, são exemplos algumas expressões⁵ utilizadas na feira da cidade por pessoas que a frequentam, circulando durante conversas, nas compras e vendas de produtos tais como: *mais não é então* (afirmativa), *rabudo* (embarcação pequena), *vem ti bora* (venha embora), *se buiu* (flutuar), *antão* (confirmação), *buiado* (rico), *mina* (muito), *toró* (chuva forte), *tuíra* (pó da pele de quem não toma banho direito), *potoca* (mentira), *já me vú* (despedida), *zarpa* (ir embora), *mina de gente* (muito cheio), *estribado* (cheio de dinheiro), *pior* (afirmando), *tá zolho da cara* (muito caro).

Barros (2009) faz um destaque para outras expressões utilizadas também na feira:

As expressões “só o creme” e “só o charque” são, com frequência, empregadas para as mulheres cujos homens as destaquem como bonitas e atraentes; portanto, na beira de Abaetetuba, não é raro se ouvir frases do tipo: “Olha...é só o creme!” Entretanto, é importante destacar que o primeiro é utilizado também para indicar o peixe fresco, gordo, de boa qualidade. No mercado do peixe, existem várias placas de preço com o escrito: “só o creme!” (BARROS, 2009, p.160).

Esse modo peculiar de falar do caboclo amazônico, de acordo com o contexto acima exemplificado por Barros, e pelas minhas vivências são parte de um conjunto linguístico da

⁴ Jorge Ricardo Coutinho Machado é escritor (contista), roteirista e professor universitário. Nasceu em Abaetetuba, em 26 de março de 1963. Licenciado em Química (UFPA, 1989), pós-graduado em Ensino de Ciências (UFPA, 1995), Mestre em Educação em Ciências (UFPA, 2004) e Doutor em Educação em Ciências (IEMCI/UFPA). Atualmente é professor da Faculdade de Educação da UFPA Campus Belém. Dentre suas obras destacam-se Terras de Abaetetuba; Memória Fotográfica; O que é alquimia.

⁵ Essas expressões foram observadas no linguajar de frequentadores da feira, e também nas minhas vivências no lugar.

cidade, são termos empregados em vários contextos ou ambientes sociais, sendo que alguns termos possuem o mesmo significado, como “*só o creme*”, que se refere a uma coisa boa, assim como o “*pitiú*” que independente do contexto traz sempre o sentido de um cheiro forte, odor desagradável.

Assim, a oralidade é uma prática que se desenvolve no meio social e coletivo, especialmente nos vários ambientes da feira isso se processa a depender do meio em que está inserida e das pessoas que as reproduzem, disso dependerá o seu significado e como está sendo empregada. Um exemplo é o fruto açaí, que na região Norte é conhecido com esse nome, mas quando chega para outros estados como São Paulo ou Rio de Janeiro, o mesmo fruto ganha outros nomes como: juçara, içara ou jiçara. Isso nos mostra como a oralidade se modifica e desenvolve dentro do meio social, a depender do espaço e do meio, logo a linguagem oralizada possui variações no país.

Também na forma do seu consumo que na região é ingerido in natura com farinha de mandioca ou tapioca, já em outras regiões são consumidos de outras formas, com açúcar, banana, granola, leite, como sorvetes e principalmente como energéticos.

Ou seja, podemos inferir que a oralidade dita as relações que são estabelecidas na feira, com suas expressões que marcam modos de tratar as pessoas, modos informais para que se sintam à vontade para chegar e conversar, perguntar, trocar saberes. De certa forma as pessoas na feira se tratam com familiaridade, isso é percebido pelo uso de palavras: *cumpadre*, *cunhado*, *amigo*, *querido*, *meu patrão*, linguajares que segundo alguns frequentadores servem para atrair as pessoas para uma venda, ou ainda significando uma forma de ganhar fidelidade e confiança do cliente. Sobre isto Barros (2009, p.160), destaca: “Como não existe protocolo, chamar os fregueses de “meu querido” ou “minha querida”, “meu amor” não constitui desrespeito, mas um modo amigável de atrair o cliente”. Esse palavreado é considerado por aqui como expressões de tratamento entre clientes e fregueses, ou simplesmente expressões usadas entre as pessoas que frequentam a feira/beira da cidade.

As conversas que circulam dentro deste espaço são as mais variadas possíveis, na feira se fala de tudo, de religião, política, casos amorosos, piadas, homicídios e principalmente futebol, devido à feira constituir-se em um momento de encontro ou encontrar alguém. “As pessoas vão à beira para encontrar os amigos, para conversar sobre os mais diversos assuntos, dentre eles religião e política; amiúde, também serve como local para divulgar segredos alheios, e até para conquistar namorado/a” (BARROS, 2009, p.154).

Existe toda uma informalidade na linguagem do caboclo abaetetubense que acontece no cotidiano da feira, durante uma viagem de barco, em uma negociação ou venda, está presente

na conversa entre alunos, uma linguagem que faz parte da vivência cultural das pessoas, sendo que esta forma oral marca a diversidade, parte da identidade cultural de cada povo.

Antes de toda a tecnologia existente, já existia a oralidade, se formos observar o histórico da humanidade alguns séculos atrás, poderíamos afirmar que com o advento da globalização a oralidade poderia ser substituída, mas mesmo com as inúmeras tecnologias presentes na atualidade, nem a mais moderna dentre delas conseguiu substituí-la. O certo é que é próprio da vida humana a prática da oralidade.

A oralidade constitui-se da comunicação oral, da voz, e se perpetua dentro de um processo cultural, principalmente dentro de uma cultura tradicional, na medida que a utilizam como ferramenta de perpetuação cultural. No Brasil, devido à imensa pluralidade cultural e territorial, ainda persiste um tipo de preservação e perpetuação da oralidade. Sobre esta questão, Barbosa e Frediani, no livro, cultura popular e educação, trazem algumas ponderações. Segundo os autores:

Um país pluriétnico e multicultural como o Brasil possui, como não poderia deixar de ser, uma riquíssima literatura oral, transmitida de geração a geração, formando um repertório lúdico e mágico. São contos, fábulas, lendas, mitos, adivinhas, provérbios, histórias de assombração que povoaram e povoam o universo imaginário dos brasileiros, trazendo as múltiplas visões de mundo dos povos que formam a identidade cultural de nosso país (BARBOSA; FREDIANI, 2008, p.134).

Ainda, nosso país foi construído no contexto da oralidade, primeiro pelas inúmeras populações indígenas e negras que sedimentaram todo um construto sociocultural oralizado, são exemplos: as ferramentas utilizadas na caça, pesca e na própria defesa das tribos como o arco e flecha, as canoas e remos utilizados nos transportes pelos rios, os quais foram e ainda são transmitidos de geração em geração através da oralidade. Assim, nos deixaram um legado de sistemas de linguagens e de comunicação oral, que perduram até os dias atuais. Àquela altura a escrita era domínio de poucos, e com isso a oralidade teve seu ápice.

Não foi diferente tal experiência oral para os povos amazônicos, sendo a oralidade parte da cultura e por muito foi preponderante na comunicação da região, e funcionou também como forma de transmissão cultural. Na região amazônica, uma forma de transmissão cultural oralizada ainda nos dias atuais, é a *fazição* da farinha⁶, sendo todas as etapas repassadas de pais para filhos oralmente e com segredos guardados por famílias que trabalham a anos com o cultivo e extrativismo da mandioca. Segundo Costa (2018 apud COSTA, 2019, p.14), essas narrativas “vem sendo conduzidas por uma dialética da produção, transmissão [circulação] e

⁶ Termo adotado por produtores da farinha em sua arte de fazer, tradicionalmente amazônica, que envolve o plantio, cultivo e a produção eminentemente praticada por comunidades que habitam territórios rurais da cidade.

ressignificação de práticas e saberes locais”. Na linguagem oral são específicos os termos desta produção, *roça, roçado, pilão, terçado, tipiti⁷, tacho*, entre outros.

O processo de produção da farinha é um conhecimento tradicional do povo amazônico, que vem de geração em geração, sendo transmitido de modo oral e cujo momento de compra e venda se dá também pela oralidade. Um pai de família quando leva seus filhos na feira da cidade ou em qualquer outro lugar que venda o produto, vai logo explicando oralmente como descobrir a melhor farinha para o consumo, isso faz parte da cultura do lugar, da tradição e costume do nosso dia-a-dia que muitas vezes nem as percebemos. Significa dizer que nossas raízes são transmitidas naturalmente através de gestos, de uma conversa, ou um ir à feira, são transmissões por narrativas orais demonstrativas do que é ser caboclo amazônico. Para Costa:

Nessa dinâmica, percebe-se que a tradição oral, um modo de ser amazônico que atravessou temporalidades e se apresenta na contemporaneidade como elemento estruturante do rico patrimônio cultural, vem ganhando consistência e vivência nas diferentes formas de registros produzidas pelos grupos sociais na Amazônia (COSTA, 2019, p.14).

E ainda hoje percebemos a manutenção de costumes ancestrais, que são repassados a descendentes, e isso é uma forma de valorização da cultura. Exemplificando com a *apanhação* do açaí. A transmissão oral da produção do açaí, fruto abundante na região das ilhas constante nos *açaizais*, cujo solo, são em sua grande maioria, inundados e igapós, é um ambiente fértil para produção do fruto. Sobre essa produção trago o relato de um grande conhecedor do açaí, o senhor Deonil, que nasceu e se criou nas ilhas de Abaetetuba que desde a infância trabalhou com o fruto:

Nós tínhamos plantação de açaí. O fruto precisa de 4 anos pra poder dá o açaí, que é a idade de um prefeito numa prefeitura [...]. Trabalhei com o plantio e com a venda, a gente trazia lá do sítio de casa, também dos vizinhos que a gente comprava para trazer pra cá. Depois que eu passei morar aqui na cidade eu já comecei a *marretar* açaí, aí comprava e vendia, naquele tempo o açaí era barato, era cruzeiro, né? Não era real e o açaí mais caro era comprado por um cruzeiro [...]. Tinha muito açaí, a gente dava pro vizinho, às vezes a gente perdia a venda do açaí porque dava muito que não tinha pra quem vender [...], eu apanhava, meus irmãos apanhavam entendeu. Era assim, a mamãe era nossa *debulhadora* de açaí, fosse a quantia que fosse ela que *debulhava*, assim que era (Deonil dos Passos Martins, entrevista em dezembro de 2020).

Geralmente espera-se muito tempo para que um *açaizeiro* comece a dar frutos, no entanto, é uma planta de vida longa e bastante frutífera. Quando maduro, o fruto é apanhado sob técnica tradicional em sua retirada do *açaizeiro*. Como igualmente acontece com a mandioca, o açaí desde o plantio até a extração do fruto existe todo um conjunto de conhecimentos próprios das pessoas que habitam o contexto ribeirinho que são repassados

⁷ Objeto produzido artesanalmente de palha trançada para espremer mandioca.

oralmente para seus descendentes. Somente as pessoas que vivenciam o plantio e a *apanhação* desse fruto sabem contar detalhadamente sobre as dificuldades em cultivar e produzi-lo, sabendo narrar todas as etapas de sua produção, são tradições e conhecimentos antigos, guardados e compartilhados através da tradição oral.

[...] entre gerações, não se resume a conceitos operatórios, ideias unificadas. Ao contrário, envolve uma complexidade que se designa nas formas de transmissão e ressignificação de saberes, cosmologias e práticas locais, transcritas e narradas por meio da produção de diferentes coisas encontradas na sociedade entre os grupos tradicionais, como os ribeirinhos da Amazônia (COSTA, 2019, p.14-15).

O estado do Pará é o maior produtor de açaí do país, alguns anos atrás esse fruto era consumido apenas pelas pessoas da região, porém, na atualidade tornou-se um fruto conhecido e popular, devido aos seus inúmeros benefícios para a saúde. No estado do Pará o fruto já está sendo exportado para outros países.

Estas duas produções, do açaí e da farinha, são exemplos que contam histórias, narram fatos, transmitem saberes e técnicas, externalizam opiniões, sendo repassadas a outros e para outras gerações. Trata-se de uma tradição oral que perdura há décadas e, mesmo com a tal modernização, ainda perdura costumes, rituais e maneiras de avivar uma cultura enquanto tradição.

Dentro dessa produção e tradição oral temos a contação de histórias, que são narrativas retratadas através de lendas, causos e mitos. Contar histórias faz parte do enraizamento cultural caboclo amazônico abaetetubense que compõe um tipo de oralidade comum no âmbito familiar, pois, constantemente vemos pessoas reunidas com um ou mais contadores transmitindo relatos e histórias lendárias. A prática da oralidade está viva no meio social, ela “jamais desaparecerá e sempre será, ao lado da escrita, o grande meio de expressão discursiva e de atividade comunicativa” (MARCUSCHI; DIONISIO, 2007, p.27).

A contação possui uma característica familiar informal, isso não significa que ela não possa ocorrer dentro de outros espaços como nas ruas, espaços educacionais, feira, etc. Para acontecer de modo geral basta ter um contador, aquela pessoa que gosta e possui habilidade para narrar histórias, somado a um exímio acúmulo de conhecimento e repertório oral com vocabulário, causos, lendas e mitos para contar.

Em Abaetetuba são histórias que dizem dos seres vivos e dos encantados do mundo amazônico que mistura as águas, ilhas, bichos, matas e florestas, sendo um hábito e uma prática repassada também de pai para filho, são exemplos de contadores conhecidos na cidade de Abaetetuba o professor de música Nei Viola, o humorista Otacílio Ferreira (Castor), a professora Neuza Rodriguez e a professora Maria do Monte Serrat, essas são algumas pessoas

conhecidas pela prática da contação de histórias, porém, existem tantos outros contadores desconhecidos pela população que diariamente realizam essa belíssima prática.

Tais contadores geralmente são pessoas de mais idade, moradores das ilhas ou estradas, que nasceram e se criaram ouvindo seus pais e avós contando histórias, adquirindo assim, o gosto e o encantamento por essa prática milenar. Crescendo mergulhados em um ambiente em que ouviam relatos e contações, se tornando praticantes nessa arte da oralidade.

Tal prática inicia de modo comum pela simplicidade, vontade de se expressar, conduzindo um momento dialógico em que o contador e os ouvintes estão interessados. O ato de contar histórias requer habilidades por parte do contador que podemos resumir em: precisar envolver o ouvinte; suscitar a curiosidade pelo conteúdo de uma narração; ter domínio do que está falando com vocabulário diversificado entre outros aspectos para que o momento de contação seja interessante aos que dele participam.

Também, dentro da habilidade de contar, os tons da fala são importantes, pois, dão vivacidade ao enredo narrado, contando ainda com a simplicidade de manifestar gestos corporais e outros movimentos, buscando sempre aguçar a curiosidade do ouvinte. No caso das histórias lendárias da nossa região, estas são dotadas de seres encantados e as expressões de voz e do corpo como um todo, servem para dar vida aos seres míticos durante a reprodução.

A oralidade se traduz dentro dessas narrativas que são trazidas por esses contadores, exemplificando temos a lenda do boto, um ser encantado vindo das águas doces que nos cercam, diz respeito também a um peixe que habita os rios, que sai das águas transformando-se em homem que encanta as mulheres. Contava meu avô seu Clemente, que:

Aconteceu a muitos anos atrás com um *cumpadre* de seu pai, seu José, que morava na cabeceira do rio Paruru com sua mulher e viviam sozinhos em uma casa de palha. Ele era um homem trabalhador que cuidava da sua roça, e sem vícios como bebida ou qualquer tipo de jogo. Seu costume era ao cair da noite sair em sua canoa a remo pelo rio para a casa de seu amigo, o *cumpadre* Constâncio. Certa noite de luar indo para casa do *cumpadre* Constâncio, seu José remando sentiu algo bater debaixo do casco, ele ficou meio assustado com aquilo, parou de remar e ficou em silêncio quieto *espiando* para ver o que era aquilo. Logo em seguida *boiou* um boto fazendo *remanso* na água, ele *avistando* que era um boto que tinha batido na canoa seu José ficou muito irritado e disse: - se tu fores macho mesmo amanhã à noite aparece em casa pra gente conversar, tu vais ver o que te acontece! Depois disso prosseguiu remando para casa de seu *cumpadre*. Noutro dia, não lembrando de nada da noite passada e como era de costume seu José saiu até a casa do seu *cumpadre*, com pouco tempo que ele tinha saído um homem misterioso entrou na sua casa. E, se passando vários dias notou que sua mulher estava ficando cada vez mais magra e pálida, com medo do que poderia ser seu José foi procurar uma *rezadeira* e disse o que estava acontecendo, a *rezadeira* falou que era um boto que tava se deitando com sua mulher e se não tomasse uma atitude o boto ia matá-la. Voltando para sua casa seu José disse: - dessa noite isso não passa.

Chegando na casa agiu como se nada tivesse acontecido, quando anoiteceu ele pegou sua espingarda e um pouco de sal bento, embarcou em sua canoa e foi *remando* rio acima. Quando já estava uma boa distância de sua casa escondeu a canoa no mato à beira do rio e seguiu a pé por terra na floresta de volta pra sua casa e sem fazer barulho

aproximou-se, entrou debaixo da casa para esperar o boto. Não demorou muito ele viu um homem subir no *miritizeiro* assobiando alto que nem seu José quando estava chegando. O boto ao entrar na casa, seu José olha por uma *greta*⁸ que tinha no chão, vê um homem e era como se ele estivesse olhando para um reflexo no espelho, e quando o boto tenta deitar com sua mulher que estava imóvel na rede, seu José entra por traz da casa e diz: - agora tú morre boto safado!

O boto desesperado sai correndo, seu José acerta um tiro certo na costa dele e o boto corre, pula n'água desaparecendo em meio a escuridão. Pela manhã veio a notícia que tinham achado um boto na praia boiado com um buraco enorme nas costas.

Partindo desta narração contada pelo meu avô, percebemos alguns traços fortes da cultura amazônica, com a presença dos rios, matas e florestas, dos seres que habitam esses lugares como o boto presente nesta região. É uma história bastante contada, conhecida e que faz parte do imaginário popular do povo amazônico. Sobre esse ser encantado – o boto, a autora Fraxe nos afirma:

O boto é um mamífero cetáceo, da família dos platanídeos e definídeos, marinho e de água doce, que pode alcançar mais de 2 metros de comprimento e diâmetro aproximado de 70cm. Corresponde, nas águas doces, ao golfinho ou delfim do mar. Das seis espécies conhecidas, três pertencem à Bacia Amazônica. Destacam-se o boto preto e o vermelho. O *boto preto* é tido como o que protege, o *boto vermelho* é o D. Juan das águas, sedutor de moças donzelas e mulheres casadas (FRAXE, 2004, p.325-326).

No caso desta lenda sob a versão de ribeirinhos ou citadinos abaetetubenses, percebemos a ênfase com características próprias da cultura local como o linguajar e as justificativas que as pessoas (contadores) utilizam para explicar sentidos e significados. Significa dizer que o cidadão amazônico faz alterações, adequações ou até mesmo introduz nesta lenda, acontecimentos naturais, ou seja, os contadores realizam ressignificações das suas narrativas que dizem do imaginário e do real.

A autora Fraxe, estudiosa da cultura amazônica comenta sobre relação do homem e o imaginário, afirmando:

No reino da natureza amazônica, para o *caboclo*, cada coisa é e não é. No ser de cada coisa há uma outra coisa, uma outra razão, uma nova imagem. Cada elemento da paisagem é apreendido como uma revelação cosmogônica, tem sua história de origem e tem um destino além de suas circunstâncias. Há uma necessidade ontológica incansável. O mundo físico exige uma explicação imaginária. O rio, a floresta, o ar são formas que abrigam conteúdos de beleza, traduzidos por signos que constituem configurações dessa modalidade de maravilhamento (FRAXE, 2004, p.331).

Contar histórias lendárias é parte da cultura da cidade, logo compõem nossas raízes e o repertório oral das pessoas. No caso do estudo na feira/beira de Abaetetuba, a contação atualmente manifesta-se de várias formas, como os causos e piadas relacionadas aos mais

⁸ Termo comum na linguagem do povo do 'interior', no caso o meu avô usava o termo se referindo ao espaço, um buraco ou fendas entre uma tábua e outra.

diferentes assuntos, ou seja, se relacionam a futebol, a política, casos amorosos, ou até mesmo casos que aconteceram em torno daquele espaço de trabalho. Aconteceu recentemente de parte da orla da cidade cair, e quando perguntado aos frequentadores eles respondem em tom de risada que *foi a cobra grande que a derrubou*, e desse modo vão dizendo de suas piadas, causos e crenças, com acontecimentos de seu cotidiano, um jeito próprio de viver descontraído.

No entanto, atualmente há pouca visibilidade da contação de lendas e mitos, talvez pelo fato da rotina frenética que acontece na feira, pois, os frequentadores vão às compras geralmente com pressa, mas isso não significa que ela não aconteça ou que os frequentadores desse espaço não saibam e contem histórias e situações do cotidiano, como é o caso do senhor Manoel que trabalha na feira:

Às vezes a gente tá no corre corre aqui e não dá tempo de contar, porque a gente tá na atenção do freguês, do amigo que a gente tem né, por que se você não tiver atento com o seu freguês aqui, ele vai embora. Se vou deixar essa banca aqui na mão de outro, perguntam: - Há *quede* o Manoel? a não tá ai! Outro já tá chamando ele para lá, porque é a atenção que ele deu maior pra ele, assim é que é (Manoel Benedito dos Santos Moraes, entrevista em dezembro de 2020).

A ausência do tempo de contar e de outro para escutar, foi algo observado durante as várias visitas para produção deste trabalho, observei que devido os vendedores precisarem estar sempre atentos aos seus clientes, precisarem estar prontos para atendê-los nessa rotina do vai e vem das pessoas, a contação não foi algo visível nitidamente.

Porém, se você tiver curiosidade e tempo para ouvir uma boa história ou apenas querer conhecer um pouco mais das lendas e mitos da cidade, na feira se encontra ainda exímios contadores, é só chegar e instigar à conversa com alguns deles, são narradores em sua grande maioria, vindos da região das ilhas ou estradas, contextos rurais que são referências de maior influência e aporte cultural enraizado por memórias e a oralidade do lugar. Sobre essa afirmativa Loureiro nos diz que:

No ambiente rural, especialmente ribeirinho, a cultura mantém sua expressão mais tradicional, mas ligada à conservação dos valores decorrentes de sua história. A cultura está mergulhada num ambiente onde predomina a transmissão oralizada. Ela reflete de forma predominante a relação do homem com a natureza e se apresenta imensa numa atmosfera em que o imaginário privilegia o sentido estético dessa realidade cultural (LOUREIRO, 2015, p.78).

Ainda sobre o assunto trago mais uma história para ilustrar, de outro exímio contador da feira:

Agora, A Matinta Pereira, não sei se ainda tem, se existe, porque eu conheci ela. Então a Matinta Pereira é uma lenda também, mas eu a conheci, meu pai também e mais cinco pessoas, só aí são seis. O certo é que pegaram uma Matinta Pereira amarraram, tudo isso aconteceu, e quando o dia clareou que foram olhar, ver onde deixaram ela em cima da ponte, já era uma mulher e eles conheciam a mulher, que estava amarrada, aí foi que desmancharam e soltaram ela. Foi em Beja que aconteceu, lá tinha uma

Matinta Pereira que toda noite assobiava, quando foi um dia eles estavam tomando vinho e se encorajaram pois tinham medo. O pessoal de lá tinha medo dela, aí disseram para pessoas que foram daqui pra pescar lá e iam dormir. Disseram pra gente que tinha uma Matinta Pereira, e eles colocaram na cabeça: - bora pegar essa Matinta Pereira! Mas como? Bora perguntar pro vizinho aonde é que ela assobia, onde é o lugar que ela fica pra nos mostrar. Aí eles foram e ficaram esperando ela, quando a Matinta Pereira chegou bateu três vezes o pé para dá um assobio e voar, eles pularam nela, eles falaram: -então é o seguinte, olha vamo pular com vontade de segurar. Eles seguraram, amarraram, mas ela gatanhou eles. Eram seis, tudo eles ficaram agatanhado, ela só não mordeu eles, mas arranhou tudinho que eles ficaram igual gato tudo arranhado, e essa foi a verdadeira história da Matinta Pereira que foi amarrada (Deonil dos Passos Martins, entrevista em dezembro de 2020).

É evidente que ocorreu e ainda persiste uma transmissão oral na produção da cultura do povo caboclo/amazônico, que se faz notar não somente no ato de contar histórias, mas também por todo um ensinamento e aprendizado informal e costumeiro enquanto prática de fazer-pensar-agir cultural, são exemplos o saber do tempo observado pela ambiência com a natureza e seus recursos; a memória de fatos históricos; o saber-fazer da agricultura com seus ricos plantios e colheitas; o saber das águas com domínio acerca das marés, travessias e percursos aquáticos, todo esse arsenal de saberes-fazeres tornam-se produções culturais, e que sinalizam todo um rico conhecimento sem o sistema da escrita, produzidos somente através da oralidade.

Reiteramos, a oralidade transmitida de geração em geração encontra-se ainda no processo cultural sendo marcada pelo universo imaginário narrado através da oralidade e que é parte de nossas raízes caboclas; pelo ambiente de florestas, matas e *igapós* com seus deuses e deusas, instigando no caboclo amazônico ricas narrativas orais as quais muitas delas conhecemos como a lenda do Açaí, a Matinta Pereira, a Cobra Grande, a Lenda da Pacoca, Mãe-D'água, o Poço da Moça, a Vitória-Régia, entre muitas outras. Podemos dizer que as narrativas orais, o contar histórias possui grande importância na tradição e costume abaetetubense.

A contação de histórias pela oralidade é uma prática que vem narrar a vida do caboclo amazônico, no contexto urbano, rural e de ilhas, afinal a contação de história está no dia a dia do povo. Somando a esse pensamento, Torres e Tettamanzy nos dizem que:

Antes da escrita, todo saber era transmitido oralmente. Deve-se a isto toda a importância dada à memória nas sociedades tradicionais, pois a memória era o único recurso para armazenar e transmitir o conhecimento às futuras gerações. O ato de contar histórias remete a este tempo em que o homem confiava na sua memória e nas suas experiências, resgatando qualidades tão necessárias ao desenvolvimento humano (TORRES; TETTAMANZY, 2008, p.2).

O ato de contar histórias é produzido com as experiências vivenciadas pelo homem e o conteúdo das histórias tem muito do ambiente em que se está inserido, nesse caso o imaginário

do homem amazônico é integrado à sua natureza social e natural, isto é, no contexto amazônico ainda estamos cercados de uma imensa floresta, de muitas águas, de rios com sua dinâmica de marés, de uma flora e fauna que se mistura ao singular modo de existir nos lugarejos, vilas e comunidades, tudo isso fazendo parte da sua cultura.

Diante dessa natureza magnífica o cidadão amazônico, o caboclo, criou e desenvolveu processos altamente criativos e eficazes para sua sobrevivência neste local, ou seja, produziu cultura articulada com o seu território.

Nesta tradição da oralidade, peculiar da região encontramos os seres encantados, eles estão associados a natureza das florestas, rios, quintais, retiros e dos antigos engenhos, daí estão os muitos personagens que compõem as lendas e mitos da região e da cidade de Abaetetuba. Ainda hoje, uma das figuras icônicas da contação de histórias é a do caboclo, do ribeirinho, do negro escravizado, do homem embarcado, das paisagens e tempos naturais, dos animais e seres sobrenaturais, sendo uma das performances do contador de histórias, a dos personagens que traduzem esse acervo cultural e que constroem as lendas da região. Geralmente, o contador possui um rico conhecimento das águas e florestas, dos seres encantados e míticos que habitam o imaginário Amazônico paraense e enriquecem ainda mais sua cultura local, tratando de forma adequada, com respeito e valorização, isso só tende a valorizar cada vez mais este lugar maravilhoso e cheio de encantos.

Para ilustrar, na cidade de Abaetetuba, se convive com a enchente e a vazante das marés, aqui não existe somente ruas, avenidas e estradas, anda-se também pelos rios através das embarcações, e também pelos caminhos de terra batida, conhecidos como ramais. Como já mencionado, a natureza está imbricada com a cultura.

Cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam. É preciso relacionar a variedade de procedimentos culturais com os contextos em que são produzidos. As variações nas formas de família, por exemplo, ou nas maneiras de habitar, de se vestir ou de distribuir os produtos do trabalho não são gratuitas. Fazem sentido para os agrupamentos humanos que as vivem, são resultado de sua história, relacionam-se com as condições materiais de sua existência. Entendido assim, o estudo da cultura contribui no combate a preconceitos, oferecendo uma plataforma firme para o respeito e a dignidade nas relações humanas (SANTOS, 1987, p.8).

Todos esses elementos são importantes, pois, fazem parte da cultura de um povo, e tais elementos mencionados acima estão presentes no cotidiano das pessoas, por isso, são produções da cultura. Nesses termos, a identidade cultural de um povo traz consigo toda sua história, ideologia, ancestralidade e tradição. No caso, do povo amazônico, vivente de um ambiente cercado de águas, rios, várzeas, fazendas, florestas e demais peculiaridades, sua maior riqueza

é a sua cultura, seja através da arte, da literatura, de sua gente trabalhadora, em síntese, o povo pela cultura vai construindo suas identidades amazônicas, e tem seu valor para a diversidade do país, embora ainda seja motivo de preconceito de muitos.

Portanto, a oralidade é parte integrante da tradição de povos amazônicas que se disseminou entre outras coisas pela arte de contar, pela prática de fazeres artesanais como a produção da farinha, do plantio e colheita do açaí, pela linguagem rica e de um vocabulário inerente às práticas sociais do lugar. As narrações como assinalamos dizem das nossas raízes caboclas que envolvem seres míticos, transmitidas pelas gerações e com ricos saberes em mediação com a natureza, usados para nossa subsistência e explicações sobre um modo de olhar o mundo.

Em síntese, este capítulo trouxe discussões importantes acerca da oralidade, não somente para esta pesquisa, ressoante a história cultural de Abaetetuba, mostrando a força das tradições orais e como essas tradições são repassadas, recontadas e transmitidas através do tempo, assim enquanto tradição milenar do lugar, precisam ser valorizadas e difundidas pelos descendentes desta terra, para que não caiam nas redes do esquecimento e venham a se perder com o tempo.

CAPÍTULO II - PRODUÇÃO CULTURAL CABOCLA E AMAZÔNICA

O capítulo aborda as peculiaridades próprias da cidade de Abaetetuba com ênfase a prática da oralidade desencadeadora do contar histórias, importante em sua história. Para isso, discorreremos sobre a cultura de Abaetetuba, pontualmente a cultura do povo, discriminado em dois tópicos: um, que trata de aspectos culturais envolvendo modo de vida caboclo, memórias e tradições, e o outro, da feira/beira de Abaetetuba.

2.1 Aspectos culturais de Abaetetuba

Na região tocantina⁹, de modo geral, a natureza amazônica é um elemento presente na prática social, é parte dos processos e produções culturais que emanam dessa especificidade. Aqui são muitos os povos que para sobreviver se relacionam diretamente com o tempo ritmado pela natureza, como acontece na relação com o tempo de sol no verão ou de chuvas no inverno amazônico, que são às duas estações do ano que marcam a região.

A alimentação é bastante marcada pela cultura negra e principalmente indígena, pontuada pelos elementos da natureza, das águas e da terra, com peixes, caças, frutas e legumes. Há inúmeras frutas com seus sabores e cheiros marcantes e de fácil plantio, são em suas grandes maiorias cultivadas e próprias da região tocantina. Na arte, destacam-se as músicas e danças que exaltam as belezas naturais aqui presentes, produzidas com ritmos de instrumentos musicais próprios da região¹⁰. Há um domínio do transporte aquático prevalecendo as diversas embarcações que circulam os rios, furos e igarapés, com cascos de madeira (canoas, rabudos, rabetas).

Os habitantes desta região também possuem processos identitários próprios, por alguns teóricos são chamados de caboclos, ribeirinhos, quilombolas, rurais e assentados, o fato é que o povo ainda tem na memória, na linguagem e costume muito da relação humano-natureza, da ancestralidade amazônica. A feira de Abaetetuba é prova disso, aí se observa um tipo de relação viva do homem com a natureza, notada por meio dos alimentos (os peixes, o camarão, as caças¹¹), os frutos (açai, bacuri, taperebá, *miriti*, cupuaçu) entre muitos outros, que em sua maioria são produtos e produções de pessoas que habitam os rios e as florestas que cercam a cidade.

⁹ O Território da Cidadania Baixo Tocantins - PA está localizado na região Norte e é composto por 11 municípios: Abaetetuba, Acará, Baião, Barcarena, Cametá, Igarapé-Miri, Limoeiro do Ajuru, Mocajuba, Moju, Oeiras do Pará e Tailândia.

¹⁰ São exemplos: o tambor de vara, a *fava maraca* e a buzina de *cuia* entre tantos outros.

¹¹ Atividade de captura de animais para o consumo alimentício como mucura, preguiça, jacaré, capivara, paca, tatu, arraia, entre outros.

Segundo Loureiro:

Nesse contexto, isto é, no âmbito de uma cultura dissonante dos cânones urbanos, o homem amazônico, o caboclo, busca desvendar os segredos de seu mundo, recorrendo predominantemente aos mitos e à estetização. Uma região que é verdadeira *planície de mitos*, na expressão de Vianna Moog, onde o homem da terra viveu e ainda vive habitando isoladamente em algumas áreas, alimentando-se de pratos típicos, celebrando a vida nas festividades e danças originais, banhando-se prazerosamente nas águas do rio e da chuva e imprimindo “este ritmo fracionado e múltiplo [...]”. Essas características se transportam para as condições em que se exercem o trabalho do caboclo – grande mobilidade e aproveitamento dos movimentos da natureza (safras de peixes, frutas, etc.) (LOUREIRO, 2001, p.38).

O certo é que o estado do Pará tem características culturais específicas. É cercado de águas e florestas, por isso a relação dos povos com rios e a natureza é bastante forte, justificando assim um ritmo de vida com o tempo, vivido de forma bastante peculiar.

Podemos dizer que ao falarmos de cultura estamos tratando do ambiente, da vida humana e dos outros seres, das formas laborais e artísticas, e da visão de mundo das pessoas, tem a ver com toda produção e processo de criação do homem na natureza, e de todos os seus elementos.

Tudo isto para dizer que no contexto amazônico, deriva da relação humano-natureza, as construções criativas das lendas, alimentadas no contexto das águas e da vegetação amazônica, parte do patrimônio cultural e ancestral originário dos primeiros habitantes, tornando-se em sua totalidade o conjunto da cultura amazônica e local.

Abaetetuba é um município brasileiro, localizado no estado do Pará, às margens do rio Maratauíra, fora primitivamente chamado de Abaeté, topônimo indígena que significa “homem forte e valente”. O distrito de Beja foi o berço da colonização da cidade de Abaetetuba, por volta dos anos de 1635, quando os padres capuchinhos vindos de Belém, acompanhados por indígenas nômades, chegaram a essas terras, que no início foi chamado de “Samaúma”, e somente muitos anos depois, foi batizada com o nome definitivo de “Beja” pelo então governador Francisco Xavier Mendonça Furtado.

Mas Francisco de Azevedo Monteiro é considerado no imaginário popular, o fundador do Município, conta a história que no ano de 1745, em uma viagem fugindo de uma forte tempestade, sendo forçado a desviar a embarcação da rota original, adentrou neste território, ancorando dentro do Paraná, que hoje é a cidade de Abaetetuba, tomando posse aqui de uma sesmaria, localizado às margens do rio Maratauíra e protegido das forças das marés pela ilha de Sirituba, ilha da Pacoca e do rio Campompema, fundando aqui um povoado no ano de 1750.

Para cumprir uma promessa feita a virgem de Conceição Francisco Azevedo Monteiro, ergueu uma capelinha de palha para a imagem da virgem, formando com o tempo no local um

lugarinho de Nossa Senhora de Conceição de Abaeté, muitos anos depois tornou-se um povoado independente da vila Samaúma, atual vila de Beja.

Em 1881, foi instituída a Lei 973, de 23 de março que constituiu o município como autônomo, passando a vila de Beja a ser seu Distrito.

O nome primitivo do município era Abaeté, palavra derivada da língua tupi que significa homem verdadeiro, *abá* (homem) e *até* (verdadeiro). Por meio do decreto 4.50, de 30 de dezembro de 1943, acrescentou-se o sufixo “*tuba*”, passando a ser chamada de Abaetetuba a sede do município.

O município é cercado por rios, navegáveis em quase toda sua extensão, possui dessa forma uma grande extensão territorial em ilhas, assim o município é formado por cerca de 72 ilhas, existem áreas de florestas, terra firme e de várzeas.

Atualmente Abaetetuba possui aproximadamente cerca de 159.080 mil habitantes segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do ano de 2019, seu povo é alegre e hospitaleiro, a cidade possui um grande patrimônio paisagístico e cultural riquíssimo, belezas que merecem destaque, fazendo a cidade um lugar rico culturalmente, juntando a beleza de três áreas bem distintas entre si, o centro urbano, a área rural com suas estradas e ramais, e as ilhas, cada qual com sua própria exuberância e particularidade. Seu povo é alegre e muito receptivo, acima de tudo apaixonado por sua terra natal, além das belezas naturais que compõem essa região existem também os patrimônios históricos como exemplo, as belas igrejas antigas, carregadas de histórias como a igreja de São Miguel Arcanjo localizada na vila de Beja, e as igrejas localizadas na própria cidade como a Catedral de Nossa Senhora da Conceição, a sede da Diocese, o Santuário de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e a de Nossa Senhora de Nazaré.

A cidade de Abaetetuba já obteve várias alcunhas, cada uma determinando e caracterizando um período histórico da cidade, como “cidade da cachaça” período que marcava o início do século XX, onde os engenhos e a indústria da cachaça eram abundantes e prósperos, sua matéria prima era a cana-de-açúcar, hoje existem somente as ruínas dessas indústrias e a lembrança na memória das pessoas que vivenciaram esse período, o engenho Pacheco foi o mais conhecido produtor de cachaça da região. Atualmente em Abaetetuba são produzidas cachaças de conhecimento nacional e internacional, vencedoras de vários prêmios, posso citar a cachaça Indiazinha¹².

¹² Essa marca é produzida na destilaria de cachaça, localizada na cidade de Abaetetuba, Pará.

Outra alcunha de destaque é de “cidade das bicicletas”, isso se deu no período em que a cidade não era tão populosa e menos desenvolvida, onde o principal meio de transporte urbano eram as bicicletas, nelas eram transportadas tanto pessoas quanto mercadorias, dificilmente existia algum morador que não tinha em sua residência ao menos uma bicicleta, um símbolo desse período foram os *batalhadores* de bicicleta, pessoas que conseguiam todo o sustento de sua família através desse trabalho, com o processo da globalização e o crescimento da cidade, outros meios de transportes urbanos foram surgindo, perdendo-se o costume e prática de andar de bicicleta, sendo aos poucos substituída por outros meios de transportes mais rápidos, atualmente existem pouquíssimos *batalhadores* de bicicleta, que mesmo ganhando pouco, ainda persistem nesse ramo de serviço.

Na atualidade a cidade possui o rótulo de “Capital Mundial do brinquedo de Miriti”, isso devido ser a produtora mundial do brinquedo de Miriti, o *miritizeiro* é o nome da palmeira abundante nesta região. Dela, aproveita-se tudo, o seu caule bastante resistente as ações do tempo e principalmente a força das marés sem contar que flutua sobre as águas, serve para fazer pontes nas localidades da região das ilhas; do fruto são produzidas diversas iguarias como o conhecido “*vinho de miriti*”, licores e doces; sua amêndoa é utilizada na indústria de cosméticos. Das folhas do *miritizeiro* são confeccionados artesanatos, sendo o mais conhecido o brinquedo do miriti. Sobre este, a escritora Maria de Nazaré Carvalho Lobato afirma que:

Em Abaetetuba predomina a arte de fazer brinquedos de miriti. Quando começou? As pesquisas comprovam a sua existência desde os finais da década de 30 (trinta) e o início da década de 40 (quarenta), quando por ocasião dos festejos da virgem da Conceição, o Sr. Caboco da Nego, Marinho Lobato e Melquiades, moleques ainda, ávidos por fazer uns trocados resolveram utilizar o miriti em brinquedos. Eram vizinhos fato que surgiu uma certa inimizade entre os dois, surgindo daí os primeiros barquinhos, tatus que mexiam as cabecinha os rabinhos presos a uma linha dom suportes de bolinhas de barro, as pombinhas pareciam comer em pratinho, dando bicadas, soca pilão, serradores e outros, que em girândolas, eram vendidos no arraial, por vezes um danificando a girândola do outro (LOBATO, 2001, p.19).

A narração evidencia o surgimento da prática da produção do brinquedo de miriti na cidade, e desde então este vem se propagando como parte da cultura abaetetubense. Atualmente muitas famílias geram seu sustento pela produção desses brinquedos, logo estão presentes tanto os artesãos profissionais dessa produção que em períodos festivos conseguem vender suas obras. Ainda sobre o assunto, Lobato (2001, p.20) confirma que os artesãos mais conhecidos da cidade são “[...] Chanda, Paul, Manoelzinho, Cambota, Nina Abreu e outros tantos que somam um total de mas de trinta artesãos de miriti, dentro da cidade, que unidos aos do interior, aumentam o potencial do nosso artesanato”.

Vale ressaltar que o artesanato abaetetubense é diversificado, sendo o brinquedo de miriti o mais conhecido e difundido, cuja tradição vem sendo repassada dentro das próprias famílias dos artesãos por meio da transmissão oral.

Outra produção cultural que também se destaca em Abaetetuba devido a sua grandiosidade é a tradição da quadra junina, com os concursos de quadrilhas, chamando atenção as apresentações e os detalhes dos figurinos, cujos participantes são constituídos de grupos da própria cidade. A tiração de reis é uma das práticas mais antigas da cultura de Abaetetuba, oriunda da tradição religiosa conhecida como folia de reis. Vale dizer que ainda é uma prática também realizada no interior do município, a cidade foi incorporada com ritmos contagiantes e próprios da região, sendo que desde 2005 a FCA (Fundação Cultural de Abaetetuba) recuperou esta tradição e hoje possui vários grupos de folias.

Outra manifestação é o carnaval que a cada ano participa mais brincantes, devido sua diversidade de apresentações com os blocos tradicionais da cidade, as escolas de samba e os trios elétricos, aqui vale as considerações assinaladas pelo pesquisador, o professor Dr. Dedral Brandão da Silva.

Abaetetuba, com sua crescente mudança e claro com as várias formas de influências externas também mudou, um exemplo nítido, é o modo do carnaval da cidade, o qual tinha como enredo os desfiles de escolas de samba, e grupos de rua, mas hoje as escolas perderam seus espaços para o carnaval enquanto indústria cultural, cópias de outras regiões do país¹³.

O professor da Universidade Federal do Pará, com ricas pesquisas sobre carnaval e detidamente sobre o carnaval de Abaetetuba, assim nos situa:

É fato que os estratos sociais locais têm desenvolvido em sua relação com o fenômeno cultural um fascínio pelo exótico, pela cultura do outro em detrimento da desvalorização de suas expressões culturais. Exemplo disso é o “carnaval” das micaretas que em Belém floresceu, desenvolveu-se e definhou, porém as escolas de samba permaneceram, ao contrário de Abaetetuba (SILVA, 2019, p.97).

Esse é apenas um dos muitos exemplos, em que a cultura local sofre alterações da ‘onda’ de globalização, em detrimento do embelezamento da cultura local com suas raízes e memórias. Com os povos amazônicos essa avalanche também se propaga, e a dinâmica da própria cultura Amazônica é prova disso, que cotidianamente sente seu esfacelamento em sua

¹³ Trata-se de um conceito desenvolvido no final do século XIX e início do século XX por Theodor Adorno e Max Horkheimer, refere-se à ideia de produção em massa, termo muito comum e usado nas fábricas. O termo foi adaptado e utilizado também pela produção artística, seria uma nova forma de fazer arte utilizando os meios tecnológicos. Atualmente, com a modernização e a crescente evolução tecnológica, esse conceito de produção em massa está presente em quase tudo que conhecemos, inclusive dentro da cultura.

lógica territorial marcada pelo ambiente e natureza de rios e florestas, tradição e costume, condição social e cultural.

Na cidade de Abaetetuba, a pessoa que aqui chega pela primeira vez, pode não perceber as grandes mudanças ocorridas pelo tempo e processo da globalização, mas os moradores que aqui sempre viveram percebem de forma bem nítida as mudanças no crescimento desordenado da cidade. O mesmo autor discorre sobre as memórias e tradições culturais da cidade, em seu livro relata sobre essas mudanças ocorridas pelo processo da globalização, afirma:

O visitante que chega a Abaetetuba, à primeira vista, pode percebê-la a partir de uma perspectiva tão-somente histórica, ou seja, que seu desenvolvimento é resultado das ações e transformações feitas pelo homem ao longo do tempo em busca do que poderíamos denominar o protótipo da urbanização. Transitando por suas ruas, periferias e vielas, seus passeios públicos, e feiras, ou participando de sua vida cotidiana e cultural, após um período de convivência maior, é possível que se chegue a uma reflexão acerca do que o processo capitalista trouxe a essa cidade e às demais situadas no vale do Baixo Tocantins (SILVA, 2019, p.83).

São costumes e tradições que vão se perdendo, sendo esquecidos com o passar do tempo pouco a pouco, substituídos por inovações tecnológicas e produções em massa, tanto dos produtos quanto dos serviços, e também pelo fascínio e absorção de outras culturas, fruto da globalização e do capitalismo, “verifica-se, portanto, que a cultura da cidade sendo constituída por fragmentos e por outras singularidades e diversidades humanas [...]” (SILVA, 2019, p.87).

Sabemos que nada é estável, a cultura também faz parte dessa dinâmica de mudanças, com o esquecimento das raízes culturais vai se perdendo nossas memórias, de onde viemos e quem somos. Nesse sentido, todo povo possui uma história a ser contada, e o responsável em contar essa história são seus os próprios habitantes, quando se perde ou se esquece a raiz cultural de povo, sua história fica fragmentada, isso pode acontecer não só com a cultura de Abaetetuba, mas com qualquer outra cultura.

Assim, a perda da identidade cultural pode acontecer também pela oralidade, quando a prática da contação, das lendas e mitos da região, e outras práticas, e costumes tradicionais que tem suas raízes na transmissão oral deixam de fazer parte do cotidiano, da vida, ou não são valorizadas, repassadas e transmitidas, tal prática social tende a ser apagada, com isso as futuras gerações deixarão de conhecer uma parte significativa da história do lugar com toda sua riqueza semântica e de enraizamento com a natureza amazônica, como parte da identidade cultural.

Por exemplo, as lendas e mitos verbalizados por pessoas abaetetubenses tem um tom particular, que rodeia mistérios e encantos, fazendo uma ligação direta entre as lendas ancestrais com as atuais, é o caso da lenda da Pacoca, conhecida em nossa cidade é contada principalmente

por pessoas de mais idade. A seguir, a versão escrita por um dos principais escritores abaetetubenses filho desta terra, o professor Jorge Machado:

É a história de uma bela jovem encantada que mora numa ilha próximo à sede do Município. À noite ela sai a lamentar-se de sua triste sina pelos rios da região. Durante o dia é enorme serpente que ressona enrodilhada na copa de um enorme miritizeiro. Quando encontra um caboclo jovem à noite ela o seduz e pede que vá ao meio-dia de uma certa data até o centro da ilha. Lá deverá duelar com a cobra e feri-la de morte usando para isso um facão novo. Quando o sangue da cobra tocar o solo da ilha esta submergir, levando para o fundo do rio também a cidade de Abaetetuba. O encanto será quebrado e a serpente se transformará pela última vez na bela moça, que será desposada pelo seu libertador. Do fundo do rio emergirá uma nova Abaetetuba, sem dor e sofrimento, cheia de paz, amor e prosperidade, onde o valente caboclo e sua esposa, reinarão para sempre e onde todos viverão em harmonia com todos e com a natureza (MACHADO, 2008, p.67).

Esta lenda explica o surgimento da ilha e cidade, evidencia a oralidade presente no cotidiano das pessoas que narram e reinventam histórias que dizem de si como gente, como povo, dizem da cultura produzida, na prática social no entrelaçamento com as raízes de nossos antepassados, deixar de contar as histórias, e de oralizar acontecimentos e fatos vividos, de certo modo pode deixar esquecido todo o enredo cultural da cidade.

A contação de histórias das lendas tem a ver com a identidade cultural abaetetubense, principalmente de nossa ancestralidade e tal esquecimento ou apagamento de algum modo é gerador da perda cultural do povo, conseqüentemente nos tornamos uma população mais pobre culturalmente, pois, a cultura pode se expandir, crescer, se modernizar, mas um povo não pode deixar de lado suas raízes culturais.

A perda da identidade cultural pela oralidade quando pensada sob a lógica das gerações que aí estão, compromete nossas origens amazônicas e locais, compromete um tipo de cidadania cultural e identitária, sem contar na ausência de conhecimentos acerca das nossas tradições e costumes. Ou seja, precisamos interagir mais, transmitir ensinamentos entre gerações pela prática oral, como vemos as histórias lendárias são narradas atualmente principalmente por pessoas de mais idade, sendo preocupante se não houver um comprometimento das novas gerações com a nossa identidade cultural.

Logo, um dos fatores que vai determinar a valorização ou a perda da identidade cultural é precisamente a conscientização do povo sobre a sua cultura e todos os elementos que as perpassam. A cultura abarca as histórias, de fatos que enaltecem ou apenas fazem lembrar algo que existiu, ou existe em sua importância.

Uma das tarefas deste trabalho foi fazer um levantamento sobre a história da cidade de Abaetetuba, seus escritores e pessoas que trabalhavam ou ainda trabalham exaltando a cultura da cidade, procurar conhecer sobre o que falam, escrevem e narram, que lendas e mitos

propagam buscando descobrir quem são potenciais contadores de histórias. Inicialmente foi constatado que na cidade tem um conjunto de pessoas que tratam da cultura local, são artistas, escritores, compositores, humoristas, cantores e poetas. Desse conjunto, podemos citar algumas memórias vivas como os escritores, Jorge Machado, Maria de Nazaré Lobato, João de Jesus Paes Loureiro, os compositores Cabinho Lacerda e Ney Viola, os humoristas, Otacílio Ferreira (Castor) e Luís Antônio (Coroné Tunico). E outros que já nos deixaram, como a artesã Nina Abreu e a professora Neuza Rodrigues, entre outros que publicizam sobre a memória cultural abaetetubense.

Agora, mesmo com todo esse coletivo de produtores foi difícil encontrar um significativo material impresso, resumindo a poucos livros e apostilados encontrados na biblioteca municipal. Isto mostra o quanto a história da cidade vem se perdendo de muitas maneiras, ou seja, as raízes culturais podem ser perdidas de várias formas, é o caso dos arquivos vivos e mortos (documentos históricos e registros manuais) sem o devido cuidado e zelo; instaurando com isso a própria negação da história cultural abaetetubense.

Reiteramos, a perda da identidade cultural é a falta de sentido dos próprios valores culturais e o contrário é a valorização da cultura local de modo amplo e pleno. Como já mencionado, são muitos os fatores que contribuem tanto para a perda da identidade cultural quanto para sua valorização, esses dois processos podem ocorrer dentro de qualquer cultura a depender de uma política municipal e do nível de consciência do povo diante do processo cultural. Por isso no próximo tópico irá tratar da feira/beira e sua relevância enquanto identidade cultural do povo abaetetubense.

2.2. A Feira/Beira e outras produções culturais

A cidade de Abaetetuba é conhecida por suas produções culturais, assim irei fazer um breve apanhado dessas produções representadas na feira de Abaetetuba. Para isso, são partes que integram esse item: o surgimento da feira até os dias atuais, as muitas produções culturais presentes na feira e a oralidade que compõe o enredo comunicativo da feira com suas crenças e opiniões. A feira é especialmente um lugar que se propaga, se diverte e conhece um pouco da cultura abaetetubense.

As feiras livres de modo geral possuem papel importante dentro das sociedades, principalmente em relação à subsistência humana, porém, não existe um conceito fechado sobre a definição de feira. Para Barros (2009, p.154): “Diante da rica diversidade cultural, biológica e das grandes redes de relações sociais que se estabelecem nesses espaços no contexto brasileiro, as feiras livres no Brasil assumem diferentes funções”. Tal afirmativa tratando da

importância das diversidades que existem nas feiras, se aplica muito bem a feira/beira de Abaetetuba, que é riquíssima neste item, e nesse aspecto temos a oralidade que se perpetua de várias formas dentro desse ambiente.

A feira é popularmente conhecida pelas pessoas como “*beira ou beiradão*”, por se localizar às margens do rio Maratauíra, é um dos lugares mais antigos existentes na cidade, já passou por inúmeras transformações no decorrer do tempo. É um dos símbolos marcantes da cidade, por ser um ponto de encontro que abrange às três áreas do município: as ilhas, o centro urbano e a área rural. E, por conseguir reunir as pessoas das três áreas territoriais, é um local muito frequentado, sendo o comércio da feira o mais forte da cidade e, talvez, um dos principais pontos de fonte de renda da população.

A feira é onde as pessoas trazem seus produtos do extrativismo, da pecuária, da agricultura, se observa a transação da prestação de serviços à terceirização. Trata-se de um espaço onde podemos encontrar vários mecanismos transmissores da cultura local, isto é, se transmite e se propaga uma forma de linguagem, costumes, comidas, artesanatos, ritmos musicais, plantas medicinais, para não dizer da contação de lendas e mitos.

Por ser um local da cidade tão representativa vários autores já escreveram sobre, dentre eles Moura, que nos descreve como era esse espaço de livre comércio e de transações:

Quando saltamos na ponte de Abaeté havia uma porção desses paineiros [de farinha de mandioca], empilhados na frente do trapiche, à espera de embarque para Belém. Visitamos a cidade, cheia de uma edificação antiga e sem gosto, com 3 grandes ruas, 5 travessas 2 praças e 2 igrejas católicas. A rua fronteira ao rio quase é um segmento de pontes, que dão desembarque para os estabelecimentos comerciais, que ali abundam. Fiz uma ligeira visita para o padre Pimentel, vigário daquela freguesia católica e um dos mais antigos sacerdotes do clero paraense, o qual me deu algumas informações para o meu canhenho de viagem. A cidade tem cerca de 1.000 habitantes, famílias quase todas de autoridades ou de comerciantes. O Paço Municipal funciona em um bom prédio de sobrado (MOURA, 1989, p.46 apud SILVA, 2019, p.85).

Também, Lobato faz alusão a esse espaço de antigamente:

O sol nasce no horizonte, a beira agora é tomada de assalto por uma multidão de pessoas, entre elas os cablocos mal vestidos e desnutridos, pobres e crianças vendendo isto ou aquilo.

E como vendedores descem dos barcos nas pontes ou no Beiradão e oferecem afoitos, frutas, açai, miriti, plantas medicinais ou mesmo ornamentais, em peneirinhos empalhados com folhas de aningueiras ou arumã (LOBATO, 1996, p.103).

Esta descrição do traçado do que futuramente vinha a ser a feira da cidade, nos revela o quanto o espaço em si era pequeno, simples e modesto, contornado pelas poucas ruas existentes e edificações, além de existir um reduzido número de habitantes. O que se sobressaia e ainda hoje é assim, era a extensão do rio naquela beira e sua paisagem. Desse modo, a localização da feira é estratégica para os habitantes da cidade que trabalham e produzem seu

sustento junto dela, somado a facilidade de acesso dos habitantes advindos das várias localidades, fazendo existir na feira um verdadeiro mosaico de pessoas, linguagens, histórias, iguarias e fluxos migratórios, comerciais e de dinâmicas culturais.

Sobre o significado da feira na vida dos abaetetubenses, o professor Barros (2009) afirma:

A beira tem um significado tão tácito na vida da maioria das pessoas, que se torna difícil classificar as diferentes funções que este espaço exerce na vida dos sujeitos. O que faz essa feira mais especial é sua existência única, e isso lhe dá ainda mais importância, pois agrega um número maior de atores. Não há feiras nos demais bairros da cidade. Em vista de sua magnitude em tamanho, sua perfeita localização e sua riqueza do ponto de vista da quantidade e qualidade dos produtos e serviços ofertados, torna-se remota a hipótese de surgir outra feira que detenha tamanha relevância (BARROS, 2009, p.153).

A assertiva do autor ainda é bastante atual, pois, retrata uma visão da feira com características que ainda permanecem vivas, e no movimento que ela exerce na vida dos frequentadores, sobretudo na vida dos que aqui vivem. Como um cidadão abaetetubense que sou, percebo o quanto a cidade cresceu, sendo a feira da beira do rio Maratauíra um espaço valorizado na cidade pelas pessoas. A feira/beira é o maior espaço de comercialização da cidade, devido sua grandiosa extensão, pela sua diversidade e riqueza consegue atender tanto a população local como também pessoas vindas de outras cidades vizinhas como Acará, Barcarena, Igarapé-Miri, Moju entre outras.

Sob a lógica da globalização o espaço territorial da feira cresceu consideravelmente, o que antes era somente um posto comercial organizado por barraquinhas de madeira em cima de terra batida; um fluxo migratório de pessoas de diferentes localidades onde o embarque e desembarque dava-se por pontes, tornou-se um grande aglomerado de fluxo de pessoas e de venda de produtos, mercadorias, de variadas espécies e preços posso citar: os paneiros, as rasas de açaí, sacas de farinha, etc.

Com a passagem do tempo, com o crescimento populacional e conseqüentemente a expansão da cidade, o cenário da feira também foi se transformando, se ampliando, ganhando cenários advindos da tal modernidade, os prédios mais antigos que compõem este cenário praticamente já não existem, deram espaços para a área comercial, há mais ruas na redondeza, o número de habitantes atualmente é muito maior, as praças e as igrejas são inúmeras dentro da cidade fazendo parte também do entorno da feira.

Traços antigos se misturam nesse espaço atual como as pontes de madeiras que vão cedendo espaço para o trapiche de concreto, bem como o asfaltamento das ruas e avenidas, as bicicletas disputam espaço com as inúmeras motocicletas, os paneiros de tala de miriti que eram feitos artesanalmente e de uso no transporte do açaí, do miriti, da farinha, entre outros

alimentos, hoje estão sendo substituídos por *basquetas* (caixas plásticas) por ser considerado material mais resistente. As plantas medicinais que eram bastante usadas antigamente e comercializadas na feira da cidade, quase já não se encontram tanta variedade.

A linguagem que circula na feira também sofreu alteração, lendas e mitos da região raramente se ouvem como já mencionado. Os jovens ou pessoas mais novas já não se interessam tanto em ouvir e contar as lendas, causos e mitos. Também a linguagem entre os jovens não é a mesma ou igual as de pessoas com mais idade. Vemos os jovens ligados e por dentro das novas tecnologias como o celular, a internet, o computador e as redes sociais, sendo atrativo para eles. Tudo isso faz com que a oralidade seja de outra forma, e nessa direção os jovens que frequentam a feira/beira possuem outros contornos sociais – modos, significados, outras formas de representação, bastante dentro da lógica tecnológica.

As mudanças aos poucos vão ocorrendo, e muitas vezes os habitantes com suas rotinas corridas não se dão conta do tamanho das transformações ao seu redor. A feira já passou por várias mudanças, conseqüentemente a cultura local também se modificou, atualmente a feira está passando por mais uma transformação sob a vertente da reforma trazida devido ao seu estado de precariedade.

Assim, presenciamos outro cenário na feira/beira. No período da manhã, naquele espaço predomina a circulação de pessoas e do comércio pontualmente a movimentação das barracas dos trabalhadores das áreas territoriais mencionadas. Enquanto no período noturno o espaço se movimenta por pessoas nos bares e restaurantes existentes na área, o que até pouco tempo não existia com essa força, pois, atualmente eles dominam a frente da cidade. No caso do trapiche citado por Moura lá em 1989 que funcionava como ponto de embarque e desembarque de pessoas e mercadorias, foi retirado sem ser incluído outro no lugar, considerando esse projeto de reforma. Reiteramos:

Quem se propor a fazer uma leitura da Feira de Abaetetuba, atualmente, encontrar-se-á diante de uma realidade mutável, cíclica, fragmentada, a-histórica, uma multiplicidade de tempos sociais sendo experienciados, fato que possibilita avaliar o peso simbólico de sua vasta heterogeneidade cultural (SILVA, 2019, p.88).

O autor discorre sobre a mudança ocorrida na feira situando seus contrastes sociais e políticos, alterações no tempo vivido na cidade de modo geral, diz de uma mistura de modernidade e de sua ancestralidade convivendo na atualidade, desse modo ainda presenciamos uma linguagem e rotina cotidiana articulada com o “mundo das águas” dos rios e ilhas, entreposto de pessoas e contextos; de forte cruzamento dos sujeitos que transitam na cidade e circulam por entre os pontos históricos como a Catedral e a beira/feira. Tudo isto expressando

um tipo de linguagem mítica, cabocla, amazônica ditada na oralidade das pessoas com suas muitas histórias contadas e reinventadas.

Assim, na pesquisa busco ouvir e saber o que se fala na atualidade, o que está vivo e compõe parte da identidade cultural do povo de Abaetetuba no espaço da feira/beira, o que compõe a oralidade nos dias atuais entre os frequentadores, na tentativa de se perceber a cultura viva do falar e até o que está esquecido. Pois, já sabemos que cabe aos habitantes ter a consciência da importância de suas raízes que estão entre outros modos, pelo que se conta história, pelo que se narra, pelo que se canta, pela paisagem que se constrói, logo precisam ser valorizadas e preservadas, os habitantes de uma cidade precisam ter a noção da dimensão que a palavra cultura abrange, de sua produção viva, assim quando abordado a feira da cidade neste trabalho, não me refiro tão somente a parte estrutural, mas tudo o que a feira/beira compõem, seus significados, simbolismos e seus entrelaçamentos com a oralidade.

Neste sentido, um dos aspectos culturais da cidade são as lendas e mitos amazônicos, formado pelo conjunto de histórias que fazem parte do folclore, com destaque as que são narrações ligadas a algum símbolo da cidade de Abaetetuba, são exemplos a igreja de Nossa Senhora da Conceição, a feira/beira ou ainda sua paisagem de floresta, rios, praias, o alimento típico como o açaí, mostrando o imaginário e a explicação do surgimento ou criação da cidade de Abaetetuba.

Vale ressaltar que sob uma lógica institucional, um mosaico de lendas e mitos estão presentes nos eventos municipais, seja através de cordões de pássaros e de bichos que foram revitalizados nos anos de 2009 a 2016, além da programação conhecida como semana de arte que também abrange parte do folclore abaetetubense, realizadas pela prefeitura da cidade. Num aspecto mais informal tais lendas e mitos amazônicos são narrados e transmitidos pela população de modo geral, é o caso que ouvimos no espaço da feira – aspecto que discorreremos na próxima seção.

Por enquanto, cabe dizer que a feira é rodeada de mistérios, histórias lendárias, opiniões, causos e acontecimentos do cotidiano, por isso a importância de dar visibilidade a algumas das narrativas orais presentes nela. Uma das principais histórias lendárias narradas nesse espaço é a lenda da cobra grande, que transcrevo a versão contada por um frequentador da feira, o senhor Otacílio:

É, muitas lendas, a lenda da cobra grande. Vocês sabem que nos anos 60 até 70 essas cidades aqui eram isoladas, o caminho para se chegar em outro lugar era o caminho das águas, e ele tinha muitos bichos ferozes. Nesses rios, nas matas e aqui em Abaetetuba a cobra grande é muito falada. Esta cobra que mora na ilha da pacoca, com sua cabeça na ilha e a cauda dela fica em frente embaixo da igreja da Conceição, passando seu corpo por baixo da feira de Abaetetuba. Então diz a lenda que quando

ela se mexe cai um pedaço da frente da cidade e quem conseguir encontrar a cobra precisa cortar seu rabo e pingar três gotas de sangue no animal, pois isso vai quebrar o encanto da cobra, que vai se tornar numa bela moça. Mas quando isso acontecer a nossa igreja Matriz vai sumir e reaparecerá no lugar da ilha e a ilha da pacoca desaparecerá. Enquanto isso não acontece, toda vez que a cobra se mexer uma parte da frente da cidade, da feira irá se quebrar, indo para o fundo, é uma das lendas mais conhecida (Otaclíio Ferreira Dias Junho, entrevista em dezembro de 2020).

Quando essa história é contada na feira puxa risos e contestações sobre a versão, ela é uma narrativa conhecida da maioria de nós amazônidas, pois, circula nas localidades e cidades, nas escolas e feiras, circula por entre o povo paraense de modo geral. Nesta versão narrada, talvez explique as constantes reformas feitas na feira devido ao mover-se da cobra grande que sempre a derruba em parte. Vale lembrar que as lendas não possuem uma única versão e nem forma de contar, ela carrega a personalidade do contador, mas deixa viva a memória e aspectos culturais através de sua linguagem, estética corporal, entonação e o conteúdo da história em si.

Pondo em evidência este aspecto da cultura, as lendas e mitos são uma peculiaridade local, que estão inteiramente ligadas aos pontos mais antigos e de maior encontro das pessoas, sendo a feira um dos principais. Na feira/beira, convivem exímios contadores de histórias, o famoso pescador morador das ilhas, o agricultor rural, o apanhador ou o atravessador de açai, o *rabeteiro* do transporte escolar, e junto todo o processo de compra e venda de produtos e de mercadorias, são sujeitos que conversam sobre a vida cotidiana, e também, narram histórias de assombração e de monstros existentes nos rios e florestas onde vivem.

Na feira/beira o morador da área urbana conta a lenda de criação da igreja mais antiga aqui existente, a da Catedral de Nossa Senhora da Conceição junto com toda a parte mítica da criação do município, já os moradores das estradas e ramais contam histórias que tratam do surgimento dos muitos lagos e poços de águas cristalinas que existem há muito tempo. Todos eles, são sabedores da cultura local da cidade, e transmitem seus segredos e encantos, sempre articulando causos de assombrações e personagens ligados ao ambiente onde habitam. Todos eles, dizem, opinam, reinventam a cidade, traduzem uma dada identidade cultural.

Sobre essa conscientização da identidade cultural, Loureiro afirma:

A identidade da cultura cabocla, como ocorre também com relação a outras culturas, tem a ver com os registros de determinadas matrizes de pensamento e de comportamentos que estão secularmente registrados na memória social dos grupos humanos e que gozam da condição de durabilidade e de persistência no tempo; constituem-se nos elementos fundadores da cultura e, ao mesmo tempo, nos elementos que acabam por conferir-lhe força e peculiaridade (LOUREIRO, 2001, p.45).

Ainda, Loureiro afirma que a cultura amazônica que se mescla com a natureza, diz de um estilo mítico:

Situado diante de uma natureza magnífica de proporções monumentais, o caboclo, como homem amazônico, o nativo da terra, além de ter criado e desenvolvido

processos altamente criativos e eficazes de relação com essa natureza, construiu um processo cultural dissonante dos cânones dominantes. O caboclo humanizou e colocou a natureza na sua medida. Pelo imaginário, pela estetização, pelo povoamento mitológico, pelo universo dos signos, pela intervenção na visualidade, pela atividade artística, ele definiu sua grandeza diante desse conjunto grandioso que é o “mundo amazônico” (LOUREIRO, 2001, p.45-46).

O caboclo faz relação do ambiente onde vive e os seres lendários que habitam o seu imaginário cultural, gerando um ambiente vivo e misturado, como uma forma de dar explicação ao inexplicável, onde de alguma forma, tudo está interligado em sua simplicidade sem ter um grande conhecimento científico, mas ao seu modo tenta dar explicações para as coisas que acontecem ao seu redor.

A contação de história é ao mesmo tempo, exuberante e simples, não necessita de muita coisa, é preciso de tão pouco para que ela aconteça, por isso pode estar presente em qualquer ambiente, inclusive dentro da feira de Abaetetuba, compondo a misticidade que este ambiente possui. Mas é como se fosse um segredo que fica guardado, para ser encontrado ou descoberto precisa ser procurado, instigado, perguntado, conversado, falado sobre, para que se possa ouvir uma boa história das muitas aqui existentes e que representam muito bem nossas belezas naturais e riquezas culturais. Trata-se de histórias que ditam as belezas dos lugares, embebida por processos interativos com a natureza, sobressai então as lendas do açai, do miriti, do poço da moça entre outras, que demonstra com clareza o ‘mundo amazônico’ que nos cerca.

São saberes importantes acumulados, e conhecimentos repassados entre as gerações de maneira oralizada, é o caso dos saberes pelas plantas medicinais que ainda é cultivada e comercializada na feira que compõem o ambiente rico de conhecimento deste espaço cuja transmissão se dá pela oralidade.

Dentro da feira de Abaetetuba estes remédios medicinais ainda podem ser encontrados de várias formas, em plantas, em sementes, nas famosas garrafadas ou extraídos os óleos. Segundo Machado (2008, p.46): “Na esfera caseira, as plantas medicinais podem ser usadas em infusão, decocção, maceração, emplastos, compressas, gargarejos, xaropes e banhos”. Atualmente tais indicações são utilizadas principalmente pelas pessoas de mais idade, que possuem o conhecimento sobre as plantas e ervas, discriminam os tipos e para que serve cada uma delas.

Nas idas à feira pude constatar que um frequentador da feira pode não conhecer nenhuma planta medicinal ou suas funções, mas ao relatar a doença ou dores para um frequentador que trabalhe com as plantas medicinais com certeza este consegue indicar o remédio apropriado para aquele mal assim como o seu modo de uso. Trata-se dos conhecimentos do homem amazônico, do caboclo, sendo utilizado não somente pelos povos

tradicionais, mas pela população de maneira geral. Sobre as plantas medicinais encontradas na beira/feira Barros (2009, p.158): “Para os que se encontram doentes física ou espiritualmente e confiam no poder das plantas medicinais, é a beira o melhor local para serem obtidos tais remédios”. Isso demonstra o quanto a feira além de sua rica biodiversidade faz uma movência do saber e de um bem viver, concentra em si de estudos, convívios, o aproveitamento do lugar de vivência.

Outra produção cultural antiga do lugar são os artesanatos presentes na feira. Machado (2008, p.33) define artesanato assim “[...] é qualquer tipo de trabalho realizado manualmente, em oposição aos executados por meios mecânicos, ou em série”. Entre os muitos artesanatos dos vários contextos territoriais da cidade são presentes na feira para comercialização ou não, instrumentos como *a rasa, cesto ou paneiro*¹⁴; *o matapi*¹⁵; *a cuiá*¹⁶; *a peneira*¹⁷; *o tipiti*; as cerâmicas¹⁸.

Todas essas produções fazem parte da cultura abaetetubense e são práticas antigas desta região, que apesar das grandes transformações ocorridas na cidade e na região ainda estão vivas conforme foi evidenciado no espaço da feira. Elas revelam um certo modo de viver do povo, sendo por isso representativo de nossas raízes, são geradoras de processos identitários atuais e contribuem para o avivamento de uma transmissão oral ainda bastante diversificada e de beleza ímpar.

Em síntese, no capítulo foi dado ênfase às produções culturais, e sob a vida da feira/beira da cidade, em seus modos de transmitir, opinar e evidenciar a oralidade, aspecto bastante sombreado na cultura, mas que dita muito de nossas raízes, tradições, costumes; parte vital e orgânica da nossa cultura popular.

¹⁴ Produto feito de tala de miriti e usado no armazenamento de alimentos.

¹⁵ Objeto utilizado para captura do camarão.

¹⁶ Produto confeccionado artesanalmente da *cabaça* ou do fruto da árvore cabaceira (*Crescentia cujete*) e utilizada para pôr o tacacá.

¹⁷ Utilizado para coar nos retiros e em casas, é produzido da tala do miriti e amarrado em varas de madeira, sendo útil para coar a farinha, o açai, a massa de mandioca e pôr para secar o peixe.

¹⁸ Produções feitas de barro como jarras, vasos, potes.

CAPÍTULO III - O QUE FREQUENTADORES DIZEM E SABEM DA FEIRA E DA CIDADE

Neste capítulo são descritas e analisadas as várias narrativas contadas e relatos orais dos frequentadores da feira/beira, são vozes que narram histórias lendárias acontecidas ou experiências vivenciadas nesse espaço, para uma análise a partir dos referenciais teóricos.

3.1. Temporalidades e produções da cidade e da feira

Os frequentadores da feira/beira, tem vivo em suas memórias como era este espaço de antigamente e na atualidade, fato bastante importante para esse trabalho, pois, o seu enriquecimento está com a produção da oralidade sob diversas formas e que ditam a processualidade do tempo vivido por habitantes abaetetubenses, ou seja, dizem dos relatos das pessoas que vivenciaram outros tempos, outras épocas, dizem do crescimento da feira/beira e da cidade como um todo. Nesses termos, os relatos, experiências, causos e histórias lendárias narram tempos e memórias.

Vamos então às histórias, memórias e vozes das pessoas desse lugar. Para dar evidência trazemos o senhor Deonil, que conta a sua versão sobre a cidade:

A cidade de Abaetetuba teve muita mudança, aqui ao longo do tempo a cidade mudou. Antes a gente andava pela lama, pelo caroço do açai, pelas pontas das tábuas que era feito e enterrado na lama. Também pra terra, pro centro, a estrada, mudou muito mais também, né? [...]. Agora se cada um prefeito fizesse um serviço bom a gente estava andando em cima do tapete e não em cima do asfalto e nem da piçarra (Deonil dos Passos Martins, entrevista em dezembro de 2020).

O relato desse senhor enfatiza a cidade em épocas atrás que se encontram vivas em sua memória, lembrança de tempos vividos. Para Silva (2008, p.85): “Falar da memória é, antes de tudo, falar de uma faculdade humana. A faculdade de conservar estados de consciência pretéritos e tudo o que está relacionado a eles. Bem, a faculdade da memória é responsável por nossas lembranças”. Nesse caso que traz uma lembrança e a narra, percebemos Abaetetuba como cidade em construção, marcada de outro jeito em comparação ao que ela é hoje, e de como a conhecemos. Traz a ideia de um vilarejo que teve seu crescimento nascendo na área que ainda hoje é o ponto da feira, e desse tempo em diante foi se construindo a cidade como hoje a vemos e vivemos.

É fato, a cidade cresceu consideravelmente, com destaque que a grande maioria das pessoas que vivem em sua área urbana vieram da região das ilhas, exemplo disso é que o ocorreu com o senhor Manoel, conforme seu relato:

Porque na verdade parceiro, eu nasci no interior, rio Furo Grande [...] lá na Vila Santa Terezinha [...]. Naquele tempo era difícil não tinha dinheiro mesmo [...] no nosso terreno tinha cacau, seringa, *ucuuba* e azeite, era isso que dava dinheiro para gente

comprar uma folha de caderno, o caderno era de folhas soltas que tinha de encapar, colando com a folha de seringa. Aquele tempo era assim. [...] Depois de grande, Deus me abençoou e eu fui viajar com um amigo, viajei um ano pra cá [cidade], o cara disse: - olha Manoel tenho um serviço pra ti lá no bar próximo ao mercado de carne. Lá trabalhei tirando o sustendo da minha família e gostei do trabalho. Depois comecei a trabalhar com a venda da farinha. Amo meu trabalho, porque gosto do que faço, isso aqui você tem que ter um dom. (Manoel Benedito dos Santos Moraes, entrevista em dezembro de 2020).

O senhor Deonil também explica sobre esse período:

Com 15 anos eu comecei a viajar do interior para cá [cidade], mas quando eu vim morar foi em 1983 e estou até agora aqui. Naquela época eu vinha pra feira trazer açaí, *miriti*, camarão, peixe na caixa de isopor grande pra vender, pois era o nosso ramo. A gente trazia pra vender para o *marreteiro*, pra venderem o nosso gênero e eles pagavam com dinheiro que servia pra comprar café, açúcar e farinha que naquele tempo era difícil e caro. A nossa despesa maior no interior era café, açúcar e farinha. A comida a gente dava o jeito por lá mesmo (Deonil dos Passos Martins, entrevista em dezembro de 2020).

Trata-se de uma prática ainda bastante visível, a vinda principalmente do povo das ilhas e também de outros contextos rurais para a cidade, e vem ocorrendo há muitos anos. Nesse sentido, a cidade se movimenta nos aspectos culturais e de uma produção alimentar. “A economia está baseada, principalmente, nas atividades da pesca, do extrativismo, sobretudo do açaí, e na agricultura” (BARROS, 2009, p.154).

Acontecia e ainda acontece, com o dinheiro que vendiam seus produtos as pessoas compram seus mantimentos que não faziam parte de suas produções familiares, com a ressalva que antigamente quando não conseguiam vender os produtos, simplesmente trocavam por aquilo que necessitavam, isto é, o escambo era presente nesse local que hoje é o espaço da feira. Hoje, infelizmente com o avanço do capitalismo não se observa mais a prática da troca de mercadorias, ficou e tem força cultural o costume do povo de contextos rurais trazerem seus produtos para comercialização.

Sobre como era a feira da cidade antigamente, visto sob o tempo de sua infância o senhor Deonil, relata que:

Na minha infância à beira de Abaetetuba era só pau, se andava só em cima do pau e ponte. Pra gente andar tinha que firmar um pé numa tábua ver se não quebrava pra poder passar, principalmente quando vinha com o açaí, com o *miriti*, com camarão, tinha que colocar na cabeça e ir devagar. Porque eu vi diversas vezes os carregadores que andavam no *beiradão* varar na ponte devido a tábua quebrar e caia todo açaí, o camarão, o *miriti* na saca, tudo caía no chão. Perdiam o produto, coitados, mas eles não tinham culpa era a tábua que quebrava (Deonil dos Passos Martins, entrevista em dezembro de 2020).

Os relatos frisam situações que ocorriam na feira enfatizando aspectos de sua estrutura, da paisagem, da variedade de produtos e gêneros alimentícios, além das lutas e sacrifícios

vivididos pelas pessoas moradoras das ilhas com seus produtos para comercialização, e de todos que frequentam o local.

Esse espaço como mencionamos foi erguido na beira do rio Maratauíra, e traz pelo menos duas condições contrastantes e interessantes. A primeira demonstra a beleza principalmente por situar-se às margens do rio, com a travessia nele trazendo pessoas e toda uma forma de subsistência das ilhas para à cidade. Já a segunda trata do rio que inunda a feira, devido à existência de um forte processo de erosão, fazendo com que grande parte da feira/beira caia por conta da água sob as ações das marés, por consequência fazendo com que os comércios fiquem alagados. São situações que vem acontecendo desde a fundação da cidade e perduram até os dias atuais.

Acerca das águas e marés no espaço da feira, dona Elina comenta:

Quando era pequena e eu trabalhava lá [na feira] [...] lembro da padaria do Chico padeiro, aqueles comércios quando a água enchia, enchia tudinho, a água ia até lá dentro da padaria. Todos os comércios inundavam [...] conforme vão passando os prefeitos, tentam melhorar e vão aterrando, agora não se sabe quando enche, pois, fizeram uma barreira (Elina Elza Quaresma Lopes, entrevista em dezembro de 2020).

Dona Elina realmente tem autoria de fala, sabe com propriedade e conhece a cidade e o espaço da feira, segundo ela presenciou mudanças que ali ocorreram, sendo vividas e percebidas desde sua infância, quando acompanhava sua mãe no trabalho na feira, e posteriormente, quando desenvolve seu labor com a venda de mingau até o momento. Portanto, ela vive e produz sua subsistência mediada por relações que se passam em grande parte nesse espaço.

Desse tempo das águas, da relação do rio com a feira pelas pessoas, da sensibilidade para apreciar o rio em sua beleza e o encantamento na paisagem da feira, de observações sobre ações que degradam e desestruturam tanto a natureza do lugar como da própria feira, e ainda sobre o movimento das águas que adentra este espaço (inundações, etc.), o senhor Deonil sabe muito bem, diz: “A feira teve muitas mudanças com o passar do tempo, e em cada tempo um tipo de mudança, porque quando eu comecei a vir pra essa beira caía tudo e não tinha prefeito que desse conta de montar, era montar e ela desarmar todinha indo embora pro fundo, e sumia tudinho” (Deonil dos Passos Martins, entrevista em dezembro de 2020).

Reiteramos, este senhor com propriedade soube explicar a dinâmica de águas fortes que já fizeram sumir estruturas inteiras por entre elas, indo tudo para o fundo, um exemplo disso segundo este senhor e outros frequentadores da feira aconteceu com o mercado de peixe, que foi para o fundo do rio.

Assim, ainda na tônica do contraste entre o rio e a feira, são dois espaços que se completam, que interagem e conectam-se a um existir natural e social, eles se mantêm vivos através do tempo. A melhoria de ambos exige um bom planejamento na ordem do serviço público que passa pelo conhecimento daquele solo, com estudos topográficos e acerca das marés, como assinalamos as transformações da feira também se vincula de aspectos decorrentes da natureza, sem contar em outros aspectos.

Vale ressaltar que os próprios frequentadores dizem e tem em certa medida essa consciência, ou seja, justificam que parte da queda da feira decorre das ações das marés, chuvas, conjugado aos investimentos públicos sem a devida qualidade dos serviços no espaço. O certo é que a desestruturação da feira é constante, visto que recentemente (em 2020) caiu parte dela novamente, inclusive com notícias em mídias locais.

Há que se levar em conta o seu próprio crescimento, que a cada ano só aumenta no sentido de ter mais feirantes/trabalhadores no local e muitos deles não possuem um espaço fixo de trabalho. Na estrutura atual são espaços fixos os dos mercados de peixe, de carne e existe também um intitulado de misto¹⁹. Os feirantes/trabalhadores atuam principalmente nas barracas de alimentos (frutas, verduras, farinha e caça), de vestuário, de aparelhos eletrônicos e de bijuterias, sendo que esses estão sempre mudando de local, assim a cada dia a feira/beira cresce em termos de estrutura, expandindo-se para as ruas adjacentes. E, conforme mais feirantes/trabalhadores passam a trabalhar nesse espaço, se espera e requer que aquele espaço seja reorganizado, repensado em sua dimensão econômica e cultural até porque como já explicado antes houve várias mudanças ao longo do tempo e também ainda são constantes as quedas daquela frente da cidade.

Sobre a estrutura e condição da feira, Barros (2009) afirma que:

Muito embora as sucessivas reconstruções do cais por causa da “cobra grande”, ou por outros motivos, suscitem a vontade das autoridades políticas municipais de transferir a feira da beira do rio para outro local, a possibilidade de mudança sempre se traduziu como uma ideia inexecutável. Certamente os homens e mulheres desse pedaço da Amazônia paraense entrariam em guerra pela permanência da feira no seu devido lugar – a beira do rio. Além de estar nesse local, a feira conta também com o comércio formal estabelecido em seu entorno, compondo um verdadeiro complexo constituído pelos mercados do peixe e da carne (BARROS, 2009, p.153).

Essa colocação do autor sobre a mudança do espaço da feira/beira para outro local e com a não aceitação por parte dos feirantes/trabalhadores já ocorreu diversas vezes, elas são realizadas pelas autoridades municipais com o intuito de melhorar e organizar o espaço e também devido as constantes quedas daquela beirada, e assim persistem propostas e mais

¹⁹ Refere-se a um espaço da feira que se comercializa gêneros alimentícios diversos, que fica localizado ao lado do mercado de peixe.

propostas de melhorias. Um exemplo disso ocorreu com a feira do produtor, um espaço que foi criado para que os feirantes/trabalhadores pudessem comercializar seus produtos alimentícios num local mais apropriado, no entanto, não foi bem aceito nem pelos frequentadores e nem pelos feirantes/trabalhadores. Pela não aceitação foi um espaço que funcionou por pouco tempo. Com base em observações feitas no espaço, percebemos que atualmente o mesmo está completamente abandonado, e vem sendo utilizado pela Secretária de meio ambiente do município e também servindo pontualmente como depósito de máquinas pela prefeitura.

Sobre tais dinâmicas e a mobilidade dos feirantes/trabalhadores na feira da beira da cidade, outra contribuição é a do senhor Manoel cuja explicação é a seguinte:

Essa feira teve várias mudanças de lugar, mudou pra lá. Depois voltou para rua Quinze de agosto [...]. O mercado de peixe passou lá pra cima, lá pra feira do produtor [Travessa Tiradentes], depois voltou para cá. [...] Nesse processo três mercados afundaram. Caiu no fundo do mar viu! Tivemos aqui mais de 30 anos nessa rua, na passagem Estrela. Agora no atual governo nós temo aqui e lutando pra ver se melhora (Manoel Benedito dos Santos Moraes, entrevista em dezembro de 2020).

Podemos dizer que o crescimento da população e da feira empurra para se pensar profundamente na logística dos espaços da cidade e, especialmente, como conviver coletivamente no espaço da feira, que continuará sendo alvo de mudanças. Nesse aspecto, no momento atual algumas alterações que estão em processo não são totalmente aceitas pela maioria dos feirantes/trabalhadores deste local, uma constatação disso é a citada pelo senhor Manoel sobre a feira do produtor.

O espaço desta feira foi construído para a comercialização de produtos alimentícios da agricultura como dito linhas acima, que não houve aceitação dos interessados justificando que era um local distante para desenvolverem a atividade comercial, eles afirmavam que o espaço não tinha a presença dos “*fregueses*” e quando existia o fluxo de pessoas era aquém do que acontece na feira da beirada. Assim, esse espaço pensado pela prefeitura para a feira do produtor foi abandonado e os interessados acabaram retornando aos poucos aos antigos locais de trabalho.

Outro aspecto da feira é a sua composição sob o ponto de vista dos que convivem com ela. É comum o cidadão abaetetubense fazer a identificação dos produtos e dos locais onde são comercializados, iniciando com a palavra feira, assim, existem: feira da farinha, feira do açaí e feira do camarão. Silva (2019, p.88), afirma que a feira/beira: “Em seu conjunto, representa uma espécie de “floresta de símbolos” mediada que é pela existência de subfeiras, cada uma identificada às diferentes formas de ocupações em seu espaço cujas práticas fazem parte das estratégias do trabalho cotidiano”. Significa dizer que todas essas subfeiras compõem a feira na beira, a feira/beira.

Na feira se vive a circulação do saber pela oralidade, logo retornamos ao que Barros (2009) nos trouxe de que a feira também se movimenta “por causa da “cobra grande””, até porque segundo os interlocutores da pesquisa, com extratos trazidos neste item, vimos que a queda da feira/beira já aconteceu várias vezes, explicada a partir de uma simbologia, as lendas e os mitos e até mesmo inventivas piadas que são expressos por frequentadores deste local. A lenda da cobra grande segundo eles, habita embaixo da feira, derivando as constantes quedas.

Leiamos sobre esta lenda sob a narrativa de um dos interlocutores da pesquisa:

Além de ser uma lenda, é uma história grande. Essa cobra grande, ela tem um buraco aí por baixo da cidade e dizendo os mergulhadores que também passa por debaixo da igreja da Conceição esse buraco. Bom se isso existe, ou existia! Eu conto porque os outros me contaram, se trata de uma história, então eu penso que não tenho, como diz o caso, eu não tenho a certeza, mas eu falo. Como diz o rapaz que trabalha comigo, *eu tô vendendo o peixe pelo mesmo preço que eu comprei*²⁰, entendeu? Como me contaram eu sei. Contaram para mim que aí existia uma cobra grande e essa cobra fazia parte até na igreja da Conceição, pois o buraco dela passava *lá pra terra*, vai embora isso os *dantes*²¹ contavam. Essa história foi passando dos antigos pros *novatos* e até hoje, e aconteceu mesmo o pessoal achava que a beirada tava caindo por causa desse buraco no *beirão* (Deonil dos Passos Martins, entrevista em dezembro de 2020).

Nessa contação desse senhor temos nitidamente uma real e tradição da palavra falada e de uma leitura de mundo em sentido freiriano. Nessa autoria disserta oralmente a história lendária da cidade com uma desenvoltura que nos permite dizer que sabe contar, talvez pela experiência incorporada que advém dos habitantes de antigamente que contavam histórias. Segundo ele, foi devido crescer ouvindo essa e outras histórias, como afirma “foi passado dos antigos pros *novatos* e até hoje”. Sua opinião contada e relatada pode representar muito bem a força da tradição oral presente na cultura do povo abaetetubense.

Ainda sobre esta narrativa, ela nos mostra uma das histórias da cidade que perpassa a vida dos habitantes, a lenda da cobra que existe naquele meio há muitos anos desde as primeiras quedas ocorridas da frente da cidade, no espaço que circunda a feira. Na versão aqui narrada, percebemos todo uma forma de linguagem viva e latente do povo abaetetubense, traduzida por exemplo por provérbios ou ditados populares como esse “*eu tô vendendo o peixe pelo mesmo preço que eu comprei*”, que trata de um dito frequente no processo de compra e venda cuja interpretação diz respeito a contar somente aquilo que ouviu. Também, evidencia que as narrativas sofrem modificações, ainda que permanecendo sua essência, a que explica de modo mítica as constantes transformações da beirada. Dessa forma, podemos dizer que nas histórias contadas e narradas pelos frequentadores da feira o tempo é vivido, problematizado,

²⁰ Esta fala é muito utilizada na feira de Abaetetuba para dizer que ele está contando do mesmo jeito que lhe falaram sem aumentar ou diminuir o assunto.

²¹ Se refere às pessoas de antigamente ou de outrora.

historicizado considerando as transformações que foram acontecendo na feira e cidade. Eles guardam e reavivam na memória, ensinamentos de seus antepassados, discutindo situações de antigamente e de hoje.

Outro aspecto a ser salientado é o de que nos territórios da cidade (ilhas, ramais, estradas e centro) se desenvolve de modo distinto os produtos que são comercializados na feira e a própria dinâmica cultural, logo na visão dos frequentadores da feira reconhecem a importância que cada área territorial tem para o crescimento da cidade como um todo, assim como para o fortalecimento da nossa cultura. Esse mescla de pessoas, culturas e produções advindas dos vários lugares significam:

A feira pra mim e pra maioria dos abaetetubenses é o pulso que pulsa mesmo com muita força. Porque tudo parte dessa feira, ali se encontram os ribeirinhos, os moradores das colônias, das estradas, da cidade, e eles fazem as suas transações comerciais durante a manhã, que começa 5h e se estende até 13h da tarde. Uma luta grande e de intensa negociação acontece nessa feira, eu posso dizer com firmeza que Abaetetuba tem um movimento muito maior em sua feira do que no Ver-o-Peso em Belém do Pará, devido ter muito mais gente, que diariamente reúnem-se nela, são cerca de 20 mil pessoas todos os dias aqui na feira (Otacílio Ferreira Dias Junho, entrevista em dezembro de 2020).

A posição do senhor Otacílio sobre o movimento de pessoas na feira evidencia o fluxo comercial que consegue reunir uma imensa quantidade de pessoas em um único espaço, que conta com rica diversidade de produtos, de pessoas, de linguajares, de culturas, de identidades e outras produções diversificadas. Dessa característica que esse senhor faz comparação com a feira do Ver-o-Peso, a qual possui o título de maior feira da América Latina.

Com base nas entrevistas e observações podemos constatar que as pessoas possuem relações diferentes no que diz respeito a feira, porém, uma situação comum é a ideia e afirmação de que esse espaço faz parte de suas vidas, o que segundo Barros (2009, p.156) “[...] existe uma relação de pertencimento muito forte com a beira”. Para reafirmar tal assertiva segue outros relatos dos interlocutores da pesquisa:

Eu frequento a feira desde a minha infância, pela necessidade de fazer as compras junto com minha mãe, também porque eu moro próximo da feira, na rua Lauro Sodré. Sem contar que eu gosto de frequentar a feira por ser um lugar alegre, movimentado, e você encontra uma variedade de produtos que vem da região do arquipélago do Marajó e das ilhas, e daqui do Baixo Tocantins (Otacílio Ferreira Dias Junho, entrevista em dezembro de 2020).

Muito importante [a feira], foi de lá que a mamãe criou nós, quando ela veio do interior trabalhou em uma fábrica de palmito, mas logo passou pra feira. Foi da feira que ela criou praticamente todos os filhos dela, ela ensinou cada um trabalhar e hoje pra mim é muito importante porque é de lá que eu consigo dar o sustento para minhas filhas, então é importante o trabalho na feira. Às vezes a mamãe fala: - ó minha filha! arruma um outro serviço! mãe não arrumo, na feira é aquele horário da meio-dia ou 11h eu já tô em casa. O serviço é meu, vou quando eu quero e se eu tiver doente eu não vou. Eu gosto da feira porque lá vejo pessoas, converso, tenho amigos (Elina Elza Quaresma Lopes, entrevista em dezembro de 2020).

Eu trabalho nesta feira há 50 anos, e o que eu mais gosto aqui é a liberdade. Nossa liberdade no tempo do trabalho, porque você pode ter o melhor dinheiro do mundo, porém sem liberdade e saúde. Assim, sobressai o modo de tratar, isso é importante você saber lidar, trabalhar em uma área bonita. Amo meu trabalho que faço graças a Deus, pois cada um tem dom na vida (Manoel Benedito dos Santos Moraes, entrevista em dezembro de 2020).

A feira é muito importante pra mim. Nela eu já trabalhei vendendo açaí e hoje eu compro meu camarão, meu peixe, a farinha, o alimento da minha família, converso com amigos. Eu conheço muita gente na feira e quase todo mundo me conhece. Também, gosto de ir à feira pra andar, ver as pessoas, conversar, por isso vou todo dia na feira, de domingo a domingo, só não vou quando estou doente (Deonil dos Passos Martins, entrevista em dezembro de 2020).

Os depoimentos tratam de uma sociabilidade, da produção de subsistência, de um aprendizado humano e de trabalho, de uma paisagem que pode ser apreciada e que se processam no espaço. Evidenciam os frequentadores os vínculos com este lugar que são mesclados por laços de amizade e convívio diário ali, podemos dizer que: “Para muitos atores desse cenário antropológico, a beira é um lugar abençoado porque fornece, por meio do trabalho, o sustento da família. A convivência e as amizades que nela se constroem também tem um significado importante na vida das pessoas” (BARROS, 2009, p.156). Esses são os vários significados que são atribuídos ao local.

As narrações dos interlocutores da pesquisa remetem ao tempo, de relatos orais que dizem de mudanças, vidas e transações relacionais e comerciais da feira, além dos vários significados que a ela são atribuídos. Em suma, a feira/beira é um local cultural da cidade que se aviva no contínuo movimento das pessoas que a frequentam.

Pelas falas dos interlocutores da pesquisa percebemos que eles possuem em suas memórias fatos e momentos em que mudanças ocorreram no espaço da feira. Ao mesmo tempo, tais narrativas que o vetor do pertencimento sentido e vivido por elas, ou seja, aquele espaço é um ambiente cheio de significados para os que com ele convivem, sobressai assim por meio dos relatos orais tempos vividos em busca de sobrevivência, a mobilidade das pessoas das ilhas e estradas para o centro urbano, sem contar nas formas que dão movimento a aspectos culturais.

Também, são visíveis nas narrativas que os espaços do rio e propriamente da feira se completam e coexistem, pois, há naquele espaço os frequentadores que de forma simultânea dão vivacidade ao lugar com suas embarcações, com seus modos de carregarem e descarregarem os produtos, com o costume e prática da alimentação realizada ali, o embarque e desembarque, apenas para citar alguns. E a oralidade perpassa toda essa dinâmica do vai e vem, da sociabilidade daquela gente que cada vez mais é fortalecida e vivificada através dos tempos. A oralidade circula movimentando saberes, sabores, contações, piadas, acontecimentos

etc. A oralidade dita situações da vida cotidiana e suas circunstâncias, dita o aprendizado e o gosto de ser contador advindo dos antepassados.

3.2. Fluxo de pessoas e produtos

Conforme mencionamos, a feira/beira é um grande espaço ao ar livre composto por vários estabelecimentos ao entorno. Ela possui um ritmo próprio ditado pelas pessoas que a frequentam, sendo atualmente o local de maior movimentação na vida cotidiana da cidade, cujo funcionamento ocorre todos os dias do ano.

Às 5h da manhã inicia o movimento na feira, com a chegada dos primeiros frequentadores são comerciantes e *rabeteiros* em suas embarcações, de pessoas rumo a mais uma travessia, em suas *rabetas*, *rabudos* trazendo inúmeros produtos vindos das muitas ilhas de Abaetetuba, todos aportam à beira e na feira situada ao rio.

A movimentação intensifica em torno das 7h, quando as ruas ficam repletas de barracas, de comerciantes informais em meio ao grande número de frequentadores. Já por volta de 12h as 13h presencia-se alguns poucos frequentadores e é quando também fecham os mercados de peixe e de carne, os feirantes/trabalhadores já saíram de suas barracas, sendo que as lojas e alguns pequenos comércios reabrem às 15h, estendendo o funcionamento até as 20h. Vale ressaltar que alguns poucos feirantes/trabalhadores que atuam no local não seguem esse horário de funcionamento, pois eles normalmente não fecham para almoço, ou abrem mais cedo ou fecham mais tarde seus estabelecimentos.

Outra movimentação diferenciada acontece durante noite com o funcionamento intenso na orla da cidade que foi recém-inaugurada, assim as lojas dão lugar aos bares e restaurantes que atendem pessoas que buscam apreciar a paisagem e outros afazeres. Também, nesse período as ruas da feira são tomadas por uma logística composta de brinquedos (cama elástica, pula-pula, moto elétrica, etc.), postos para entreter pais e crianças que promovem a diversão no espaço. Ainda, são visíveis pessoas realizando atividades físicas no local.

Acerca da movimentação da feira, Silva (2019, p.90) comenta que: “A reciprocidade ali encontrada não se esgota em si mesma, ela põe em movimento uma série de atividades sociais e culturais, de ordem pessoal e coletiva, de ordem fabril e ritual”. Assim, a feira é lugar de ritmos, de movimentações, de tessituras relacionais, e dentro de cada período do dia ela é vivida de uma forma.

No espaço da feira circula vários tipos de serviço por trabalhadores que atuam ali. Estes desenvolvem atividades geralmente informais dentre as quais citamos algumas como a de vendedores, feirantes, barraqueiros, carregadores, pescadores, barbeiros, mototaxistas,

rabeteiros, taxistas, *batalhadores* de bicicleta, comerciantes, entre muitos outros trabalhadores e formas laborais, que compõem o cenário daquele espaço. Muitos desses trabalhadores são também usuários da feira, isto é, são frequentadores assíduos do lugar.

Para ilustrar evidenciamos a atividade do *rabeteiro* narrada pelo senhor Deonil que na feira, o qual atua mais ou menos assim:

Bem, o pessoal das ilhas tem essa missão de domingo a domingo a de trazer passageiro, os *freteiros*, eles trazem o *miriti*, a manga, o açaí, o camarão, o peixe tudo pra vender e trazem também os passageiros. Esse é o compromisso do dia a dia deles, isto é, o trabalho deles. Agora, quando dá umas 11 h no máximo eles estão saindo, voltando para o mesmo local de onde vieram, deixando cada morador nas suas casas (Deonil dos Passos Martins, entrevista em dezembro de 2020).

A atividade de *rabeteiro*, dentre outras, presente na feira, é de admiração e aporte cultural ímpar na paisagem nesse espaço. Também, porque como mencionado no capítulo anterior a cidade possui muitas ilhas habitáveis cujo transporte para o ir e vir são as embarcações dirigidas por *rabeteiros* aptos ou não. Os *rabeteiros* como bem disse seu Deonil trazem pessoas e produtos, embarcam e desembarcam no cotidiano da feira. Eles, os *rabeteiros* ou *freteiros* vivem em travessias por entre os lugares da feira, das ilhas e das localidades ribeirinhas.

Um dos produtos mais vendidos e produzidos por pessoas que moram nas localidades rurais é a farinha, alimento necessário na mesa de qualquer abaetetubense, o senhor Manoel, assim comenta:

Abaetetuba veio da lama, do nada e hoje Abaeté é parecida com uma capital. Se você entrar em Abaeté pode se imaginar estando em Belém, pela movimentação. Eu trabalho no ramo da farinha e escuto: - Manoel a farinha tá cara! Mas tem 200 mil pessoas pra comer e não tem 10 mil pra fazer, entendeu? Isso dá trabalho, muito serviço, então tá é bom estarmos comendo farinha nesse preço ainda, porque ninguém quer ir pra roça, e o cara que tá na roça ele é da roça, tá entendendo? Ninguém quer ir, então não se pode reclamar. O terreno não tem, falta terra para fazer a roça e a nossa farinha vem toda da roça, muitas frutas vem da roça. A laranja, a pupunha, o milho, o mamão, assim a roça é importante. O povo da estrada é importante, pois abastecem a nossa feira (Manoel Benedito dos Santos Moraes, entrevista em dezembro de 2020).

A narrativa acima evidencia o quanto a cidade cresceu e hoje possui um imenso fluxo de pessoas, de produtos e de intensa comercialização com participação de municípios vizinhos ou não. Um dos produtos de venda e compra na feira/beira é a farinha, inclusive bastante consumida pela população abaetetubense e cultivada maciçamente em contextos rurais da cidade, sendo destacada pelo seu Manoel com outro significado. Ele destaca o ato de produzir a farinha, por meio do serviço da roça que muitos intitulam da *fazição* da farinha como atividade que dá muito trabalho devido à forma artesanal de fazer. É pelo relato desse senhor se mostra a força do trabalho da roça e também tantos outros produtos.

O relato diz de uma tradição, a do trabalho familiar, que na maioria das vezes é transmitido pela oralidade, e ao dizer que “ninguém quer ir pra roça, e o cara que tá na roça ele

é da roça” se evidencia um costume familiar repassado para os descendentes, muitos que ainda hoje subsistem a partir da roça. Evidencia um ensinamento pela oralidade, como parte das tradições culturais. Desse modo, as narrativas mostram a importância cultural, econômica e produtiva que vem de povos ribeirinhos, rurais e urbanos que vivenciam e são parte da constituição da feira e dos fluxos que ali acontecem.

Reiteramos, o fluxo de pessoas vindas das várias localidades sedimenta um tipo de diversidade interpessoal e de saberes presente na feira, como exemplo temos a grande procura dos consumidores pelo mingau, seja de açaí ou de *miriti*. Vale dizer que tomar um mingau na feira/beira pode render uma boa conversa ou a escuta de uma piada, ou causo.

Com propriedade de quem trabalha vendendo mingaus, dona Elina ressalta:

Abaetetuba é uma cidade que é muito boa com relação à comida, os visitantes e moradores sempre vêm procurar a diversidade. Olha eu já passei por várias cidades, mas Abaetetuba ganha todas elas, por que você encontra de tudo e vem gente de fora na busca do *miriti*, do mingau de *miriti* que eles procuram muito e até mesmo quando não está na época. Isso é uma cultura bem avançada e de longe. As pessoas já conhecem sobre Abaetetuba quando vem procurar o *miriti*, que é o buriti que eles chamam, então o mingau também. Eu trabalho com ele, e quem chega do interior, da estrada, é primeira coisa que eles vêm procurar é o mingau. Então é uma cultura daqui de Abaetetuba (Elina Elza Quaresma Lopes, entrevista em dezembro de 2020).

No tocante às pessoas de modo geral que frequentam esse espaço, são pessoas vindas em sua maioria dos contextos rurais da cidade que chegam de ônibus, bicicletas, motos ou embarcações. Existem alguns pontos de embarque e desembarque dos produtos como os pontos ao lado da igreja matriz Nossa Senhora da Conceição, na praça da bandeira e no local onde ficava a feira do produtor localizada na Travessa Tiradentes, próximo a colônia dos pescadores.

Quanto a atual revitalização do espaço, com a construção da orla, os senhores Otacílio e Deonil ponderam:

Com investimento do governo federal, muito interessante foi a mudança dessa frente da cidade, que era feia e hoje tá uma orla bonita, sem contar que temos mais tranquilidade para andar na feira e nas pontes, a orla além de bonita nos proporciona segurança e qualidade de vida. Isso é bom pra nós, pra cidade, bom para os colonos das estradas, dos ramais e também para os ribeirinhos. Muito interessante essa nova cara da feira e digamos assim, da frente da cidade de Abaetetuba (Otacílio Ferreira Dias Junho, entrevista em dezembro de 2020).

O que eu mais gosto de fazer na feira é andar, o espaço ficou grande pra todo mundo andar [...], andar ali é muito bom, porque tem espaço suficiente que não tinha e isto é um orgulho para o abaetetubense. Permite até caminhar e também nos convidam pra dar um passeio conversar com o amigo um parceiro, levar a família (Deonil dos Passos Martins, entrevista em dezembro de 2020).

Tais narrativas demonstram a nova visão sobre a feira no conjunto daquele espaço com uma orla que antigamente não existia, e que tem proporcionado entretenimento e diversão, o de caminhar apreciando a paisagem. Esse novo ambiente é visto com orgulho pelos entrevistados.

Os depoimentos ilustram muito bem um outro tipo de movimentação que acontece na feira que além de sua beleza, como mencionamos atualmente tem como característica a diversão e o entretenimento agora no período da tarde e noite por pessoas das mais variadas idades, crianças, jovens e adultos, o que antigamente não acontecia, e hoje ganha forma e até a aprovação dos moradores e visitantes.

Percebemos por meio dos relatos e das observações realizadas como a feira/beira cresceu e se desenvolveu, situando outras dinâmicas sociais, econômicas e culturais para a cidade, somado ao fluxo de pessoas e do comércio, conta-se ainda os complexos industriais que se instalaram nas cidades vizinhas, principalmente na cidade de Barcarena, o que acaba tendo um impacto para Abaetetuba ainda que indiretamente. Por conta disso, a cidade recebe mais pessoas devido situar-se próxima à Barcarena, além de oferecer viagens constantes entre uma cidade e a outra.

O certo é que Abaetetuba cresceu consideravelmente em vários aspectos, e sobre esse crescimento tomado sob a existência desses complexos industriais para região do Baixo Tocantins, as citações a seguir são bastante pertinentes:

Quando da implantação da ALBRÁS (o projeto iniciou em 1985, com a produção de 80 mil ton/ano de lingotes de alumínio), esperava-se o progresso. Os comerciantes estavam entusiasmados com a construção da Vila dos Cabanos – importante centro consumidor – e com a Codebar (Companhia de Desenvolvimento de Barcarena), que viria trazer progresso à região. De fato, até que em Abaeté circulou alguma riqueza nos anos 80, principalmente devido à construção da fábrica [...] Abaeté a então maior cidade da região, onde os “peões” vinha para gastar os salários. O comércio progrediu, roças foram abandonadas, inúmeras famílias deram adeus a jiraus e xerimbabos²² e instalaram-se na cidade em busca de uma vida melhor [...] (MACHADO, 2014, p.37).

Dos anos 80 pra cá com a chegada da Albrás e Alunorte, desse complexo industrial no porto do Pará junto com outras empresas que chegaram também para somar com o desenvolvimento da região, nos deram uma outra forma de viver, de melhor empregos. Então eu digo assim a geração de emprego e renda foi bem melhor e já não é mais aquela cidade pacata antes dos anos 80. Hoje já é uma cidade bem movimentada, elétrica, agora surge também os problemas sociais como a situação assim de muitas pessoas que vivem nos bairros periféricos, que precisam de qualificação profissional para terem seu espaço, pra viver uma vida digna também (Otacílio Ferreira Dias Junho, entrevista em dezembro de 2020).

As citações de Machado e de seu Otacílio trazem opiniões divergentes. O primeiro, acentua o crescimento da cidade dispondo a precariedade do trabalhador do lugar e, o segundo, narra que as empresas vieram contribuir para o desenvolvimento da cidade destacando a melhoria de empregos e a vida da população. A vista de nossos olhos a realidade parece nos dizer muitas coisas que são indicativas de um profundo e necessário debate com a participação

²² Segundo Machado (2005, p.32) refere-se a: 1. Animal domesticado e manso, mesmo silvestre. 2. As aves do terreno. 3. Pessoa dócil, às ordens de outra.

de cidadãos de ambas as cidades. Por ora, ousamos dizer que a região do Baixo Tocantins ainda carece de mão de obra qualificada; que a agricultura da região precisa ser melhor potencializada para que tenhamos menos “roças abandonadas”; que a juventude também tem o direito a outras experiências para além do roçado, olarias e os engenhos. Que o povo de contextos rurais em grande medida migra para a área urbana da cidade na expectativa de ‘emprego’, derivando que muitos hoje atuam na feira/beira para sua subsistência.

Além disso, sustentada pela narrativa desse frequentador se evidencia o crescimento da cidade e por consequência a feira, que vive um frenético movimento como já assinalamos. O senhor Otacílio define a cidade da seguinte maneira:

Eu posso definir a cidade como uma cidade muito movimentada, de ritmo grande e cujo povo se comporta assim também, muito elétrico, então quando você vai em São Paulo, Rio de Janeiro, você não estranha nada, porque Abaetetuba tem toda essa movimentação intensa que há nas cidades grandes (Otacílio Ferreira Dias Junho, entrevista em dezembro de 2020).

Essa movimentação é percebida nos vários cantos da cidade, expressada pela quantidade de pessoas nas ruas e de veículos, de vendas com espaços cheios em meio as motos e bicicletas que adentam o espaço, com gentes enfileiradas em frente de instituições públicas, etc., sem contar na ebulição da feira nos mais variados aspectos, descrita no texto.

Assim, se evidencia um cenário diferente de antigamente, como observa dona Elina, e outro frequentador e trabalhador da feira, o senhor Manoel:

Melhorou muito as coisas, a cidade ficou mais desenvolvida em todos os aspectos comercial, na saúde. Pra mim melhorou, antigamente as coisas eram mais difíceis e hoje já não tanto como antes, tinham mais dificuldades. A gente passou dificuldade com a minha mãe, mesmo ela e meu pai trabalhando na feira porque eram muitos filhos. Hoje a gente tem médicos, especialistas que antigamente a gente não tinha isso (Elina Elza Quaresma Lopes, entrevista em dezembro de 2020).

Abaeté cresceu em tudo, no desemprego, na população, na violência. Antigamente tu no interior dormias de janela aberta e na cidade e agora não pode. Olha na semana passada eu fui assaltado aqui, o cara veio com o revólver e disse: - bora passa o que tem!, levou meu short e uns 300 ou 400 reais, mas eu estou vivo graças a Deus. Isso não significa que eu esteja aqui amanhã, então a diferença da mudança é essa, ela vai crescendo em tudo. Se tu ver a foto de Abaeté do passado era só ponte, eu cheguei a ver a ponte, lama passando por cima da tua cabeça. Hoje nós *temo* no paraíso, Abaeté tá um luxo agora graças a Deus, a tendência é essa (Manoel Benedito dos Santos Moraes, entrevista em dezembro de 2020).

Observamos, que os moradores demonstram terem orgulho de serem filhos desta terra ressaltando as belezas e riquezas aqui existentes apesar das dificuldades enfrentadas.

Vimos com isso que o modo de vida das pessoas também mudou, costumes antigos como dormir com as janelas das casas abertas, transitar até altas horas da noite nas ruas tornou-se perigoso. No caso dos frequentadores da feira que precisam sair de suas casas ainda de

madrugada, eles saem de suas residências com medo da violência que podem sofrer durante o percurso até a feira e em seus locais de trabalho.

Porém, no geral os interlocutores da pesquisa e eu como morador da cidade notamos que com o crescimento houve uma certa melhoria de vida dos habitantes em termos de infraestrutura, de assistência pelos serviços públicos, as formas de locomoção e de interação das pessoas, mas também existem problemas sociais graves e urgentes.

O que os moradores da cidade, frequentadores e trabalhadores da feira sempre ressaltam é a diversidade de produtos e de serviços, de fluxos culturais por meio da sociabilidade e o valor que dão ao espaço e que podem ser encontrados no local, fato que chama atenção também de pessoas que vem apenas visitar esse ambiente.

A nossa riqueza cultural chama atenção das pessoas que moram aqui e que chegam de outras cidades, são riquezas imortalizadas nas narrativas, nos cantos e poesias, nas músicas e na contação de histórias, no artesanato e produções alimentícias. Aqui se encontra um leque de possibilidades.

Nós temos uma variedade cultural muito grande. Nós temos poetas, humoristas, artesões do brinquedo do miriti, os guitarristas, tecladistas, atores que lamentavelmente devido à falta de investimento no teatro sumiram, temos cantores, jogadores de futebol, desenhistas, enfim uma variedade muito grande de arte. Abaetetuba já apresentou muitos craques do futebol. É uma coisa linda, uma riqueza cultural que temos aqui (Otacílio Ferreira Dias Junho, entrevista em dezembro de 2020).

A riqueza cultural se manifesta de muitas formas e nos mais variados âmbitos como muito bem colocado pelo entrevistado e também mencionado no primeiro capítulo, em que são destaque a diversidade existente na cidade e que se passa no cotidiano da feira.

As pessoas moradoras ou não da cidade, frequentadoras ou trabalhadores da feira, todos são espelhos do crescimento e da vivacidade dela, também da perpetuação da dinâmica cultural com toda sua forma de narrar o que se passa e se vive. Assim, ocorre um vivo processo de estar nos lugares e dizer a sua palavra, aspecto que trataremos no tópico seguinte sob a versão das múltiplas narrativas existentes, contadas pelos próprios frequentadores da feira.

No entremeio do fluxo de pessoas e de produtos estão presentes as narrativas orais e histórias lendárias que dão vida, força, e exalta as tradições e costumes culturais.

3.3. Histórias lendárias e outras narrações orais

Um dos aspectos para visualizarmos a riqueza cultural é pela oralidade dos sujeitos. No caso são narrativas que se propagam de geração em geração, que dizem e contam parte da

nossa história abaetetubense, de como viveram nossos antepassados, como explicavam as situações cotidianas entrelaçadas ao ambiente onde habitam.

São narrativas diversas, presentes no cotidiano que retratam causos, piadas, o linguajar local, as lendas e mitos. Elas entrelaçam o enredo simbólico e a realidade abaetetubense, e estão fortemente presentes na feira/beira, assim sobressai nesse espaço as conversas que são múltiplas, sendo pontuadas as narrativas tipificadas aqui.

Podemos dizer que a tradição oral permanece viva e presente, o destaque é que apesar das adversidades dos frequentadores da feira observamos que dão importância a tradição oral, até porque é o modo usual de transmitirem seus saberes, os sabores, de processarem suas compras e vendas, de interagirem entre si, logo são disseminadores dessa prática.

Eu acho muito importante contar histórias porque nós como temos filhos e netos, a gente sempre tem que contar as histórias que foi dos antigos pra eles ficarem sabendo. Como diz o caso, às vezes eles estão no mundo presente e não sabem o que aconteceu no passado, né? Hoje em dia se eu tiver um dinheiro eu vou colocar meu filho no berço de ouro, mas ele não sabe o que foi que eu passei lá atrás, então ele tem que saber, é essa a situação, por isso que eu conto histórias e gosto do que faço (Deonil dos Passos Martins, entrevista em dezembro de 2020).

Foi de uma riqueza ímpar ouvir um pouco de algumas das histórias contadas por este senhor, sem falar que mesmo com pouca escolaridade possui uma leitura de mundo e consegue compreender a importância da tradição oral, do aprender das crianças de nossas origens, e possam relacionar com situações do presente. Que as crianças consigam pela oralidade, saber da vida humana de antigamente vividos por seus pais e avós.

Este senhor é um exímio contador de histórias herdado segundo ele de seus antepassados, ou seja, diz ter crescido imerso nas histórias lendárias de Abaetetuba. “Eu ouvia histórias dos meus antigos, avós e pais que contavam, isso aí é mesmo que ser uma lenda, fica para todo tempo entendeu” (Deonil dos Passos Martins, entrevista em dezembro de 2020). Hoje como cita em seu relato transmite para seus filhos e netos o que aprendeu, ouviu e herdou, narra muitas histórias antigas acontecidas em sua infância e com seus antepassados.

Passamos a mais uma de suas histórias, sua versão da lenda do boto:

Sobre boto eu já ouvi os antigos contarem e eles falam mesmo. Ali no rio Arapiranga passando Beja aconteceu um fato com uma família. Lá o boto existia, pois, o marido da mulher saía e o boto ia dormir com ela, mas só que o seguinte, o boto quando chega para dormir com a mulher ele vem transformado no marido dela e dessa transformação a mulher não fica sabendo, só sabe dizer que é o marido, entendeu? Então aconteceu um fato com esse *camarada* [marido] que viajava. Ele chegava e tinha no *aguedar*²³ muito peixe salgado e ele perguntava pra ela quem tinha trazido aquele peixe e ela falava: - és tu que trazes pra mim e como tu não sabes? tu tá me *exprementando*²⁴?

²³ Vasilha feita de barro tradicionalmente utilizada na região das ilhas.

²⁴ Fala comum entre as pessoas que vivem nas ilhas, significa fazendo teste, pondo a prova, duvidando sobre algo dito.

Ele [marido] agarrou e ficou na dele, aí o pessoal, os vizinhos disseram: - olha tem um homem que tá se metendo aí na tua casa quando tu sai. Então tinha uma mangueira lá no porto da casa dele, um *miritizeiro* comprido. Eram três *miritizeiros* pra chegar do porto da casa deles até na beira do rio, *feito estiva*²⁵. Assim, o marido agarrou, pegou emprestado uma cartucheira do vizinho, uma lanterna e ficou no galho da mangueira, sentado esperando. À noite, no sítio é igual a um dia claro de luar. Quando o marido reparou aquele camarada [boto] veio secando a água do *casco*, chegou no porto da casa deles, pegou a corda do *casco* amarou. Ele [marido] olhando que era um *casco*, viu também um homem [boto], aquele cara se abaixou, pegou aquela cambada de peixe e chegou até no meio do *miritizeiro* da ponte de *estiva* com a cambada do peixe na mão. Esse homem [boto], sentiu alguma coisa e voltou com a cambada de peixe. Próximo de onde o marido estava tinha umas árvores de açai, o boto colocou a mão e a cambada do peixe aí, o cara [marido] não suportou mais. O dono da casa que era o marido da mulher deu um tiro, virou de frente e deu um tiro no peito do boto. O pessoal se acordou, os vizinhos e a mulher também. O homem boto, foi se batendo, se batendo, se batendo até que pegou a água. O marido pega a lanterna e focou no casco do boto, no lugar do *casco* estava uma *aningueira* a corda era um *cipó*, a cambada do peixe ficou lá no lado do *miritizeiro*. O chapéu que o boto trazia na cabeça era uma folha de *aninga*, o *remo* dele era um pedaço de pau velho, e aí a mulher veio de lá fez o maior *alarde*, ela olhou. O marido disse: - olha que tava trazendo o peixe para ti e tava te matando. Porque o seguinte, da feita que o boto dá com uma mulher, ela vai ficando anêmica, amarela, vai ficando seca, parece que o boto vai sugando ela, entendeu? É assim que funciona as lendas dos botos. Tu que ver um boto virar gente? É dia de lua nova na beira da praia. Eu já vi, o boto sai da água, é um homem e bonito ainda tem mais essa, mas não vai atrás dessa *boniteza* porque você não sabe o que pode causar, um problema pra você mesmo (Deonil dos Passos Martins, entrevista em dezembro de 2020).

Essa lenda simboliza muito bem a vivacidade do caboclo ribeirinho com todo seu linguajar rico em palavras próprias do lugar e até da região, são exemplos *aguedar*, *miritizeiro*, *aninga*, *casco*, parte do vocabulário comum presente no cotidiano do abaetetubense.

No caso da lenda do boto existem muitas versões, estudos e opiniões sobre ela. Nela, também existe uma misticidade envolvendo este animal encantado, isso porque é comum vê-los nos rios que cercam a cidade. O boto é um animal temido devido aos muitos mistérios que o rondam, logo trazemos mais uma vez a lenda cuja experiência enfatiza alguns dos seus mistérios, contada pelo senhor Deonil:

O boto é o seguinte ele não gosta de mim e nem eu dele, assim que nós se tratava. Hoje em dia não sei, mas naquele tempo eu não podia ver boto que eu queria matar e eu matava. O bruto não podia me ver que ele queria sacanear comigo, se eu saísse pra ir pescar ele ficava me perturbando, se colocasse a rede perturbava. Outro podia colocar a rede, mas se eu colocasse a minha ele [boto] partia e eu descia chumbo nele. Então a lenda é o seguinte, o boto é vingativo é mesmo como se fosse um ser humano, porque ele vira gente, ele tem carne. Ele tem uma parte do corpo que é peixe e outra parte é carne, isto é, ele vira o ser humano, e nesse momento que ele vira ser humano é quando começa a aprontar pelas casas. E quanto ele tá peixe não apronta nada. Mas, só que o seguinte se você fizer maldade pra ele [boto], ele bota a marcação em cima de você e se você tiver uma mulher que ela esteja fora do tempo e não guardar, ficar andando pela beira do rio, na beira da praia, o boto vai bater atrás, ele vai lá entendeu? O boto é assim (Deonil dos Passos Martins, entrevista em dezembro de 2020).

²⁵ Ponte construída de miritizeiro, açazeiro ou madeira na frente das residências nas ilhas.

Agora vamos ler a versão contada por dona Elina, que segundo ela o boto veio para cidade, dando ênfase para seus movimentos e aparições também na feira/beira:

Uma vez eu tava com a minha cunhada lá [na feira] trabalhando bem na ponte e quando chegou assim umas 6h da manhã a gente viu dois rapazes vindo num casquinho remando, de chapéus brancos, de calça branca. Eles subiram e chegaram lá pela escada, e só sei que os rapazes eram muito lindos de uma formosura que a gente nunca tinha visto, eu pelo menos nunca tinha visto dois rapazes tão lindos e tudo de branco. Eles tavam sem camisa e de chapéu, a gente fala que aquilo foi boto. Eu só sei que eles subiram [para o centro da cidade], aí não demorou eles desceram, pegaram o casco deles sumiram aqueles dois, aí eu disse: - Noemi, olha isso é boto. Porque eu nunca tinha visto dois homens assim todo de branco, não sei se é verdade ou se foi boto. Olha! essa eu e minha cunhada que serviu de testemunha, parece que quando eles pegaram aquele casquinho, sabe? eles sumiram, foi rápido que eles sumiram, que a gente não viu pra onde eles foram. Parecem mesmo rapazes de uma formosura que a gente ainda não tinha visto (Elina Elza Quaresma Lopes, entrevista em dezembro de 2020).

São versões e cenários diferentes trazidas nas duas histórias, como seres místicos presentes em lugares e ambientes diversos. No caso das narrativas, os cenários referem-se as ilhas e o centro urbano, e o cerne da história é o ser mítico nas duas versões, o ser peixe encantador que se transforma num homem bonito e sedutor, vestido de branco e saindo das águas da beira da cidade. Uma beirada que não é praia e é cortada pelo rio, justamente de onde nasce esse ser lendário e também muitas outras histórias presentes em nossa cultura.

Um dos seus encantos é sua parte homem e peixe, isto é, envolve ser boto, o peixe, que se transforma em um homem bonito e sedutor durante as noites de luar. Agora, existem também outras versões de encantos, de credices que envolvem esse animal, como a de perseguir os pescadores para roubá-los os peixes das redes de pesca, trata da perseguição aos homens como o senhor Deonil nos relata, ele mesmo se sentia perseguido pelo bolo que rasgava sua rede. Leiamos o que Fraxe (2004, p.326), pesquisadora do Amazonas nos relata: “Os botos costumam seguir de perto as embarcações, fazendo um ruído, como quem respira cansado de tanto nadar, aproximam-se das embarcações atraídos pelo fogo, nadando em movimentos ondulares acima da superfície das águas”. O boto é um peixe que se alimenta de outros peixes, isso pode justificar o fato dele perseguir os pescadores, indo atrás de suas redes por conta dos peixes.

Outra forma de encantar do boto é atrair mulheres menstruadas que se banham nos rios, além daquelas que por ele são encantadas, assombradas e perseguidas fazendo com que fiquem doentes ou até desfalecidas. O bicho-homem vai também atrás de mulheres que estão

de *resgarde*²⁶, essas não podem se banhar nos rios, pois, pode acontecer-lhes algo, assim nos cita Machado:

Reza a lenda que o boto costuma perseguir as mulheres que viajam pelos rios e inúmeros igarapés; às vezes tenta virar a canoa em que elas se encontram, e suas investidas contra a embarcação se acentuam quando percebem que há mulheres menstruadas ou mesmo grávidas (MACHADO, 2008, p.72).

Todas essas crendices são verdades acreditadas e inquestionáveis para as pessoas de mais idade que são moradoras principalmente das ilhas e que frequentam a feira da cidade.

Outro aspecto das narrativas é a de dar notoriedade a forma interativa com a natureza, logo são citados os rios, os peixes, as praias, as árvores sem contar no mítico presente nas histórias. Nesta última, o peixe é a figura do boto, e ao mesmo tempo se transforma em homem que seduz mulheres, também é visível o encantamento expresso na paisagem de florestas ou dos rios que dizem sobre a vida do homem e da mulher amazônidas. Nesses termos, Loureiro (2015, p.59) afirma: “O caboclo humanizou e colocou a natureza na sua medida. Pelo imaginário, pela estetização, pelo povoamento mitológico, pelo universo dos signos [...]”. Podemos dizer assim, que o caboclo abaetetubense se apropria do meio em que vive e dessa maneira vai ao longo do tempo construindo suas identidades e suas narrativas.

Por meio das lendas percebemos o modo de vida do povo, e podemos compreender melhor sobre uma tal identidade cultural, que no caso da pesquisa evidenciou um tipo de subsistência vinda do ‘mundo rural’ que oxigena e se oxigena com o espaço urbano da cidade, são elementos desse processo as águas, os animais, a alimentação, os lugares mais distantes, aqueles que ainda não possui energia elétrica, as pontes, os meios de transporte. Tais elementos estão em grande medida, descritos nas lendas com forte teor de fantasia, mas também possui a trama da realidade, duas dimensões que se completam, há sempre uma verdade por trás de uma lenda.

Nesse sentido contar histórias é uma prática trazida e perpetuada por pessoas geralmente de mais idade, que continuam procurando manter viva esta tradição, são exímios contadores existentes que gostam de contar, de expor ideias, de *jogar conversa fora* como dizem os abaetetubenses.

A incerteza dessa prática continuar já é uma realidade, pois, já não se dá mais valor nas trocas entre pessoas, não se acha mais tempo para conversar e o ato de contar fica cada vez mais escasso. A oralidade faz parte das nossas raízes culturais, mas que já não se observa com tanta frequência como antigamente, assim a arte da contação que os antigos tanto praticaram

²⁶ Refere-se a guardar, preservar, se defender. Também, o termo é conhecido como quarentena, de 42 dias a oito semanas, após o parto.

está ficando no esquecimento, e os jovens imersos dentro de outras realidades também pouco ou nada sabem da contação, ainda que seja de grande conhecimento e encanto.

Daí derivou escolher trazer nesse trabalho as narrativas contadas, criadas e recriadas mediadas pelas vozes que opinam, conversam, descrevem, de pessoas que possuem relações com a feira/beira, pois, lá ainda a processualidade das pessoas substancialmente se dá pela oralidade, independente de classe social, gênero, etnia, ali as pessoas ainda ouvem e contam histórias, causos, piadas. Histórias que podem ser lembradas, que nos fazem (re)memorar os tempos, acontecimentos e pessoas, nos levam as lembranças de nossa infância. E os que ouviram poucas histórias lendárias têm a oportunidade de se maravilhar com as que são trazidas nesse texto por exemplo, que tratam de aspectos amazônicos e da cultura abaetetubense, como as narradas sobre a cobra grande e a Matinta pereira:

Essa lenda da cobra grande é de lá do sítio, aconteceu quando o meu pai era vivo. Ela [cobra grande] só não comeu ele, mas ela chegou até na *proa* do nosso barco, na ponta do *casco* porque nós *rememos* tanto, que deixemos nossa rede que nós tava malhando, na pesca, *encalhem* na beira e corremos pra terra. Quando nós chegarmos em terra o meu pai pegou a lanterna e a espingarda, focou a lanterna e viu a cobra grande, ela tava raspando o *casco*. A cabeça dela parecia igual a cabeça de um boi, meu pai não teve nem ação de atirar nela porque quando ele focou a cobra grande subiu mais de dois metros da água pra cima e ele ficou sem coragem de atirar. Eu vou te dizer uma coisa, é uma cobra que quando você olha assim uma *lancha* [barco] dessa aí, é do que eu me lembro, dessa cobra grande que correu atrás de mim e dele.

Outra [cobra grande] correu atrás de mim com meu irmão lá perto da Prainha [ilha]. Essa só não pegou nós por milagre de Deus, e dessa vez aí nós chegamos só de manhã, nos metemos no mato eu com meu irmão, *cheguemo* de madrugada umas 5:30 da manhã em casa desde às 10h da noite. Nós fomos pra lá pra cima chamar uma turma [amigos] pra pegar mapará e nós mal *cheguemo* lá e a cobra queria nos comer, e viemos já com o pessoal de madrugada 5:30 da manhã. Quase a cobra grande come nós. Essas são outras lendas, mas essa aí foi verdade pois aconteceu comigo (Deonil dos Passos Martins, entrevista em dezembro de 2020).

Onde eu morava, no rio Urubueu tinha uma Matinta Pereira que era até vizinha nossa, a gente conhecia ela. Ela a matinta deu uns assobios, e oferecemos pra ela o que ela queria. Ela veio ver de manhã, pra gente conhecer quem era, mas de lá para cá eu não vi mais esse *comento* [falar] de Matinta Pereira. Então não sei se acabou ou se ainda existe, mas se existe tá muito bem *entocado* [escondido]. Porém, naquele tempo, até 1983, pra trás lá tinha, de lá pra cá já não se viu falar de Matinta Pereira, porque os antigos já faleceram tudinho, só tem gente de boa idade ainda viva (Deonil dos Passos Martins, entrevista em dezembro de 2020).

O boto e a cobra são animais que vivem nessa região, por ser um lugar muito propício tanto para a sobrevivência quanto para a reprodução deles, nos espaços dos rios, das florestas bem como do clima quente e úmido. Sobre a questão Fraxe (2004, p.330) esclarece: “Os rios e as florestas são a matriz dos principais mitos narrados pelos ribeirinhos. A paisagem ribeirinha amazônica, composta de rios, igapós, lagos, terra molhadas e florestas, é contemplada pelo caboclo-ribeirinho [...]”. A região amazônica é um berço com significativo contingente de lendas, que retratam seres da natureza e seus elementos, de assombrações e simbologias, da

mata, da terra e das águas, etc., é o caso dos animais jiboia e a sucuri, cobras que habitam toda região amazônica e também os rios da cidade de Abaetetuba.

A lenda da cobra grande é contada das mais variadas formas e versões, já que cada contador a modifica conforme as suas vivências, logo acrescenta, retira ou reinventa. Cabe informar que contar de modo próprio é uma característica da oralidade, assim as histórias, fatos, acontecimentos, causos, lendas, piadas são narrativas que não são fechadas, quer dizer prontas, elas se compõem e editam considerando os sujeitos que ouvem, entendem e criam. As versões são produções daquele contador, que não precisa ser um profissional basta a pessoa gostar de contar, de falar e de falar em público, ser extrovertido e com espírito aventureiro com mergulho nas águas e na natureza em geral, somado ao mar de narrativas amazônicas. O senhor Deonil, diz do valor que há em contar: “Eu acho importante a gente contar histórias do que já se passou e do presente. Eu gosto de conversar com as pessoas idosas, de pessoas de 50 anos pra frente sobre as histórias, do que aconteceu, e o que acontece nos dias de hoje” (Deonil dos Passos Martins, entrevista em dezembro de 2020).

Esse sábio senhor, exímio contador de histórias da cidade, afirma que para contar aprendeu ouvindo as pessoas falando das nossas raízes, gastando tempo ouvindo sobre o tempo presente e sobre os conhecimentos do passado por meio de conversas. Pela sua oralidade e das pessoas não só conta histórias como também se faz uma leitura da realidade em que vive. Ele gosta de conversar e de ouvir fatos que acontecem na vida, da contação sobre aspectos ancestrais. Segundo ele “Os jovens de hoje não têm muito interesse nisso [ancestrais, contação] e nem querem saber acham que é mentira, não dão valor, só os antigos que sabem contar.

Vamos a mais duas narrativas, que aborda o Lobisomem:

Tinha outra história lá [no sítio] que era o lobisomem e eu conheço ele. Isso é uma lenda lá das ilhas. Você olha para ele e ele não olha certo pra sua cara. Ele ainda é vivo, é um *veterano*²⁷, mas é lobisomem, se transforma toda lua. Matinta Pereira e Lobisomem se transformam no tempo de lua, saiu fora de lua pode ficar frio. Pode dormir junto com ele, mas chegou tempo da lua, ele se transforma, seja a Matinta Pereira, seja lobisomem, chegou a lua cheia eles se transformam. Agora o boto já é diferente, o boto já faz o seguinte, se tiver uma mulher que esteja fora do tempo e ela não guardar, ficar andando pela beira do rio, beira da praia onde ela mora, o boto vai bater atrás dela, onde ela esteja, entendeu? Ele já é assim (Deonil dos Passos Martins, entrevista em dezembro de 2020).

A gente tava contando a história de quando a gente saía de madrugada pra trabalhar, a gente levava um carrinho e empurrava, foi passando pelos irmãos, quase todos trabalharam na feira. Quando a gente saía de madrugada com a mamãe [...], era 3h saía com aquele carrinho e contando essas histórias de lobisomem, que se falava antigamente. Existia um lobisomem que quando chegava bem ali na outra esquina, saía um porco que a gente não sabia, falavam que era lobisomem, não sabia de onde. Olha, a gente corria com o carrinho na frente, a mamãe, eu, meus irmãos, as minhas

²⁷ Pessoa que exerce por muito tempo uma mesma atividade, ofício ou profissão. Também, diz-se para pessoa de mais idade.

irmãs. A Elza, o Nando, sempre contam que era nessa outra esquina perto da padaria do Manoel Ferreira, quando se dava aquele porco saia e corria atrás da gente, e tinha a preocupação do carro com as panelas. Só sei que a gente passou muita coisa, muitas histórias, a gente tava cantando esses dias essa história, se falava que era lobisomem (Elina Elza Quaresma Lopes, entrevista em dezembro de 2020).

As narrativas são histórias, algumas delas, vividas na infância como a do lobisomem. Um fato comum dessa lenda na cidade é que o mesmo é representado por outro animal comum na região, o porco, conforme foi evidenciado acima por dona Elina, em contraposição a outras versões que também costumamos ouvir, do homem que se transforma em lobo ou *labisonho* como e conhecido pelo povo das ilhas, de igual anotação é ressaltado por Machado (2008, p.68), “[...] o labisonho é outro tipo de animal, sendo mais comum um enorme porco”.

Dona Elina, ainda hoje recorda e conta sua versão da história no itinerário do trabalho até a feira, ela lembra com nitidez do fato ocorrido consigo e familiares.

A cultura está na feira, faz-se relatada, contada, expressa por pessoas que a frequentam. No cotidiano são compartilhadas sabedorias; causos e narrações são oralizadas com as pessoas ao redor, seus fregueses, amigos, colegas, vizinhos de vendas, etc.

O fato de relembrar no seio de sua família as histórias ocorridas com eles de forma simples e com detalhes evidenciam que a arte de contar pressupõe ouvir e saber transmitir de forma natural, até porque os contadores natos não se percebem ou se reconhecem como tal, embora cotidianamente realizem essa prática. Prática despretensiosa que se processa em rodas de conversas ou simplesmente entre duas pessoas que recordam de fatos passados ocorridos em suas vidas, ou vivenciados por seus antepassados.

Outra forma de narrar apresentada por frequentadores da feira são os causos, contados principalmente pelo senhor Otacílio, um humorista que gosta de muito risos:

Eu gosto de uma boa história, de uma boa piada. Valorizo a história porque aliás é uma compreensão do presente. Através da história você se interessa pela história, você compreende um pouco melhor as coisas do dia de hoje. Dessa forma se valoriza o folclore, a cultura, eu amo muito. E na minha família nós somos descendentes de portugueses, e eu trouxe por parte da família Ferreira essa habilidade com humor, eu Castor, a Denise Felisbunda que faz show em todo o Brasil, Roberto Dias meu irmão, Davi Figueiredo também nosso parente. Então nós fazemos humor, porque tá no sangue. Tinha outros também, dona Neves que era Figueiredo, Birilinho um humorista nato. Sabe, então nos herdamos essa habilidade e me sinto feliz de levar alegria através do humor à todas as pessoas, porque a gente sabe da grande necessidade que as pessoas têm de dar uma boa gargalhada, de como é difícil fazer alguém dar uma boa gargalhada nos dias de hoje! Devido à violência física, violência no trânsito, violência da droga, isso tudo dificulta as pessoas soltarem uma boa gargalhada (Otacílio Ferreira Dias Junho, entrevista em dezembro de 2020).

Então, como vimos no seu depoimento ele carrega a contação no sangue, no seu meio familiar que exercita tal prática, e hoje ele conta histórias, conta piadas, reconhece e valoriza a

oralidade, além de levar consigo em seus shows e em suas andanças, a cultura de Abaetetuba, sempre procurando exaltar as belezas e realidades existentes.

E, mais um causo desse mesmo contador:

O seu Birilinho é um vendedor de café da feira, e ele uma vez passou a dar pão molhado no leite pra um cachorro de rua, e o cachorro se apegou com o Birilinho. Aí o cachorro começou a seguir o Birilinho pra casa dele, em sua casa ele dava um caudozinho, um *pirãozinho*, caldo da carne com farinha e ossos pro cachorro. O cachorro foi ficando na casa dele [Birilinho], ele colocou o apelido de lambe porque o cachorro só vivia se lambendo. Ao longo do tempo o cachorro trocou os pelos ficou bonito, forte, e um dia lá no café que ele vende um homem se aproximou e disse assim: - me veja um café por favor! mais que cachorro bonito! o Birilinho retrucou: - esse é o lambe. Tá bonito assim e é luxento, tão luxento *sumano* que eu ponho uma bacia pra ele com café e leite misturado, ele bebe todo leite e só deixa o café (Otacílio Ferreira Dias Junho, entrevista em dezembro de 2020).

Os causos são mais comuns no dia a dia da feira. São narrativas pequenas, rápidas de serem contadas e de tom engraçado, proporcionando ao ouvinte risos ou gargalhadas, por isso chamam atenção também de quem simplesmente vai passando. Vale ressaltar que os contadores de causos precisam ter dom para o humor, precisam quando contam prender a atenção do ouvinte, precisam se fazer engraçado e/ou interpretar um personagem. Ainda, o causo é uma narrativa popular contada no cotidiano.

Cumpadre Vardivino, por exemplo, é um personagem criado e personificado pelo senhor Otacílio, que o utiliza na contação dos causos e piadas em seus shows. Cumpadre Vardivino apresenta-se como um caboclo típico que mora nas ilhas, traz um linguajar peculiar, jeito diferente e de um repertório de narrativas que traduz também seu aprendizado como frequentador da feira, logo causos e piadas evocam aspectos e situações da região enfatizando a cultura e as belezas naturais, a linguagem do caboclo/abaetetubense, suas crenças. Diz ele, sobre o que isso que comentamos:

É tem muitos casos na feira, digamos assim piadas. Na verdade, a maioria das piadas e histórias surgem na feira, dentro do mercado de carne, de peixe, de camarão. Eu posso contar mais uma do Zeca Maués, essa figura do rio Tucumanduba, ele segundo informações é um bom mergulhador, mergulhador de natureza que não usava equipamentos, e um belo dia um *camarada* foi lá na casa dele, porque o barco desse *camarada* tinha afundado na cabeça da ponte do Guaraná Abaeté. Ele foi desesperado no rio Tucumanduba falar com seu Zeca Maués, para que ele o ajudasse, tirasse o barco dele do fundo, aí seu Zeca disse: - *sumano* eu já não queria mais mergulhar, tu sabes, eu já não quero fazer esse tipo de serviço, é muito duro. Mas me sensibilizei pela sua história e eu vou mergulhar no fundo, tirar teu barco do fundo já que tu diz que é o ganha pão da tua família. Vou tirar o teu barco do fundo e agora tu me adiantas um dinheiro que eu quero fazer um *rancho* [compras]. O cara disse assim: - é pro senhor deixar pra sua família. Seu Zeca Maués disse: - não! é pra eu levar comigo pro fundo, porque não sei quantos dias eu vou passar lá. Mais uma mentira, mais um causo da feira de Abaetetuba (Otacílio Ferreira Dias Junho, entrevista em dezembro de 2020).

Bom, como se costuma dizer os causos e piadas são mentiras, por isso que na narrativa acima feita pelo senhor Otacílio diz “mais uma mentira, mais um caso da feira de Abaetetuba”, ou então ao se desejar ouvir um caso, ou uma piada por um contador abaetetubense, se diz assim “conta uma mentira aí”. Essa forma não é tomada como desrespeito ou que não se goste de ouvir tais narrativas, porque trata do linguajar do povo considerada uma forma de brincar com o contador nato que contar causos. Evidência situada por Barros (2009, p.160): “Ao passar pela beira, comumente se ouvem termos que, para os de fora, podem parecer desagradáveis ou empregados de maneira inoportuna, mas que fazem parte do falar cotidiano dessa gente que frequenta o lugar”. Leiamos mais um caso que ilustra bem essa situação:

Seu Zeca Maués como figura folclórica contava uma mentira que dava gosto. Uma vez, um cara o chamou e disse: - Seu Zeca me conte uma mentira! Aí seu Zeca disse: - tu tá me achando com cara de mentiroso? Tu tá aqui livre graças a esse *caboclo* que foi um dos combatentes, um dos pracinhas que lutou na segunda guerra mundial defendendo o Brasil da mão do Hitler, defendendo das tropas alemãs. Tu tem muita sorte de tá aqui solto, trabalhando. Agradece a mim, basta dizer que quando *cerquemo* as tropas alemãs no Monte Castello na Itália, tiro parecia farinha caindo da saca, os meus colegas ficaram *nervusu, nervusu*. Rapa! Eu [Zeca Maués] digo: - não se afobe, deixa comigo! eu puxei dois *punhar* que eu tinha no *burso*, e virava esses *punhar* na minha frente, de um lado para o outro, aí tu me perguntas pra que eu tava virando o *punhar*? Seu Zeca: -Um! Pra desviar as balas dos *curpo* (Otacílio Ferreira Dias Junho, entrevista em dezembro de 2020).

O povo abaetetubense gosta de ouvir causos, piadas, gosta de conversar e de tirar brincadeira entre si, tudo dentro do respeito. Assim,

Na feira rola de tudo digamos assim. Se fala, se conversa sobre política, futebol, religião. Tem as brincadeiras dentro de um limite, ninguém ultrapassa, sobre um sacanear com o time do outro, do remo e do Paysandu, de presidente, de governador, tudo se conversa na feira. Inclusive na feira surge as lendas, as histórias de Abaetetuba, as figuras folclóricas, os mentirosos né, como o Zeca Maués, que gostava de contar uma mentira com o seu Birilinho (Otacílio Ferreira Dias Junho, entrevista em dezembro de 2020).

Essa afirmação nos leva a pensar na feira como espaço de múltiplas sociabilidades (amizade, encontro, escuta, lembrança, etc.) que se dão a partir do papel social e singular da palavra, na oralidade. A feira assume diversos papéis dentro da sociedade, ela é ponto de troca, de diálogos e de falas sobre os mais variados assuntos. Se fala e opina sobre:

Futebol. Com encarnação por causa de time e de amizade. Lá [na feira] parece que todo mundo se conhece, conta história e vem pra tomar mingau, pra comprar alguma coisa. Sempre tão contando essas histórias e é muito bom mesmo. É bom a gente ouvir as histórias que o outro conta, porque a gente vai aprendendo também certas coisas, vai aprendendo a entender as pessoas. Muitas vezes estão contando histórias de suas vidas, de seus sofrimentos e a gente tem um aprendizado grande, até mesmo de tá convivendo com muitas pessoas no nosso cotidiano. A gente conhece vários tipos de pessoas e cada uma com sua história, com sua vida, contam o que tá passando. As pessoas que vem do interior contam as histórias de lá, então é muito interessante e um aprendizado grande, sabe? Eu mais escuto histórias do que conto, às vezes acontecem as coisas aqui mesmo na cidade, lá a pessoa chega e conta. Então sempre tô escutando, sentam e começam a conversar, a falar. Os fregueses da gente que compram mingau

começam falando, conversando, contando histórias (Elina Elza Quaresma Lopes, entrevista em dezembro de 2020).

Na feira se aprende a vida vivida. Se aprende a ouvir e a falar. Se aprende com a alegria e o sofrimento do outro que é narrado. Dona Elina fala, e tem autoria de uma vida inteira escutando, conversando e aprendendo na e com a feira, consegue ilustrar com seu depoimento o cenário de conversação presente neste local, espaço onde os frequentadores sabem conversar e contar histórias, possuem diversas narrativas orais de suas vidas e da cultura local, contam e dizem as suas próprias vivências na cidade.

Em suma, este tópico trouxe narrações lendárias, causos, personagens e formas de contar e dizer a sua palavra que são parte do cotidiano da feira/beira, mais uma vez demonstrando o quanto a oralidade é parte da convivência e sociabilidade, e no estudo vimos bastante presente no cotidiano de frequentadores deste lugar como bons contadores e propagadores de cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia central deste trabalho foi ressaltar a oralidade como parte constituinte da vida cotidiana de seres humanos, e que perpassa nossa história cultural, processos identitários e raízes ancestrais, nos colocando em sintonia com narrações que já estão eternizadas e, ao mesmo tempo, são reinventadas como as lendas da cobra grande, do boto e da feira de Abaetetuba. Buscamos pela oralidade dos frequentadores da feira/beira, dar visibilidade para histórias e vivências que focam, em grande medida, quem somos e de onde viemos.

Ao longo do texto foram destacados pontos importantes envolvendo a oralidade que precisam ser melhor debatidos e pesquisados, pois, as colocações aqui trazidas não se esgotaram, logo carecem de maiores aprofundamentos. De nossa parte, as narrativas e relatos orais de frequentadores/trabalhadores da feira, dizem e problematizam um pouco da importância da palavra e da cultura do povo, dizem da construção e reinvenção da história cultural abaetetubense, dizem de uma oralidade presente no cotidiano de nossas vidas e manifestada sob diferentes formas e que compõe aquele ambiente social. São parte desse cenário o gostar de frequentar e trabalhar lá, a luta por sobrevivência pelo trabalho, o linguajar peculiar da feira, o trânsito entre a cidade e o campo das pessoas e, ainda, as várias narrativas sobre as mudanças ocorridas no espaço da feira e na cidade.

Os resultados obtidos por esta pesquisa são parciais e provisórios, pois o seu processo por conta da atual pandemia que estamos vivenciando impediu que tivéssemos um maior tempo de trabalho de campo, proporcionando com isso um estudo mais aprofundado em termos teóricos e de pesquisa empírica. Ainda assim, apresentamos alguns apontamentos acerca da oralidade observada na feira com base no vivido de frequentadores/trabalhadores do espaço, sendo:

a) A oralidade não é estática, fixa. Também não existe uma única forma de manifestá-la, ao contrário ela é múltipla em termos de significados e simbologias, são exemplificações a performance do senhor Otacílio criada para contar seus causos e piadas; os usos de termos próprios do caboclo amazônico presente na oralidade do senhor Deonil que acentua costumes e tradições; pela dona Elina é ressaltado o valor da alimentação (mingau de açaí e miriti) como elemento representativo da cultura local; no dizer do senhor Manoel quando se utiliza dos termos próprios de tratamento com seus clientes na compra e venda da farinha na feira. Tudo isso representa aquele cenário de feira livre que confirma uma tal cultura sendo produzida, e cuja oralidade como uma forma de registro que se utiliza de gestos, da retórica, de improvisações que esteve visível nos modos gestuais manifestos pelos participantes da

pesquisa, notado por processos de timidez e ousadia ao fazer uso da palavra contada ou relatada, ou por sentimentos de satisfação em participar do estudo, são formas desse registro oral.

b) Por meio da oralidade são imortalizadas narrações e ativadas memórias, são ensinados e aprendidos costumes e tradições, como bem narraram os frequentadores da feira/beira sobre episódios da vida, da história da cidade e de lendas amazônicas. Eles nos apresentaram saberes e vivências que retratam o século passado e a transmissão por seus antepassados, saberes e formas de transmitir de geração em geração pela tradição oral.

c) No aspecto educativo da feira, se apresentam processos sociais que são internalizados como formas relacionais de vida comum, isto é, constroem regras próprias para uma boa convivência naquele local; são transmitidos visões sobre a cidade que ressaltam o fluxo de mercadorias e produtos, os ambientes urbano e rural, o movimento de pessoas das ilhas, estradas e da cidade; cotidianamente são evidenciados saberes locais amazônicos que em outros ambientes são pouco visíveis, como tomar mingau de miriti ou açai; aprendem a ouvir e a falar, praticando seja no ato da venda ou dando uma informação a quem necessita, etc., o certo é que ali são vividos processos de ensinar-e-aprender num ciclo diário e informal. Podemos dizer que ali acontece um tipo de processo educativo, em que as pessoas aprendem a ouvir, a contar, a dominar as regras daquele tipo de comércio, a gostar do lugar valorizando cada um à sua maneira aquele ambiente.

d) A feira como espaço público, aberto e de comercialização permanente, contém em si situações sociais positivistas e negativas, logo o espaço configura-se lócus de conflito.

Pontuamos nesse momento excertos que derivam da cidade como um todo, cujo crescimento também emite problemas sociais, sendo um dos muitos presentes na feira a violência, que é a insegurança sentida por parte dos frequentadores do lugar. Até porque na feira circula um grande fluxo de pessoas e de dinheiro por conta das compras e vendas que acontece ali. Também, ressalta-se a falta de um policiamento constante no espaço. Um outro problema social presente na feira e mencionado por seu Manoel é o alto índice de desemprego existente em nossa cidade, fato que impulsiona as pessoas irem trabalhar naquele espaço, constituindo-se num ‘ganha pão’ e sustento familiar. Sabemos que há outras questões sociais que são visíveis na feira, como situações de vandalismo e o trânsito caótico.

Este tópico diz bastante para a escola na sua tarefa de intercambiar saberes e a oralidade das pessoas diz bastante de um processo cultural e de narrativas locais que podem servir como conteúdo da gramática social dos sujeitos. A escola pode trabalhar com todo esse conteúdo do saber local, explorando a diversidade e aspectos singulares da feira, afinal as diretrizes curriculares orientam para um processo de contextualização no ensino.

Assim, a oralidade e a contação dentro da prática educativa e curricular, é de suma importância, pois, vem agregar valor as ações do professor e ao conhecimento dos alunos, pois pode ser frutífero o trato pedagógico com assuntos a serem abordados sobre a cultura local. O professor deve estimular em seus alunos a oralidade para que estes possam aprender a se expressar com desenvoltura, sem medo e timidez, conseguindo expressar suas opiniões e pensamentos para que não sejam somente alunos ouvintes, ou reduzidos a depósitos de conhecimentos, mas pessoas produtoras de conhecimentos.

E uma das formas do professor trabalhar a prática da oralidade com seus alunos, é através da contação, instigando para que o aluno faça a contação dentro da sala de aula sobre suas vivências, o seu dia-a-dia, sua família, pedir para que o aluno(a) realize a contação das histórias, narre as histórias que seus familiares contam, o que ouve na rua, dentro da comunidade em que está inserido, deixando que os alunos falem dos seus gostos e de suas práticas e vontades.

Dentro deste trabalho foram trazidas muitas histórias lendárias contadas pelos frequentadores da feira/beira e elas falam sobre a nossa cidade, resalto aqui a história da cobra grande que é muito antiga e fortemente conhecida pelos abaetetubenses, tomo ela como uma das referências a serem trabalhadas pelo professor dentro da sala de aula, por vários motivos: por fazer parte da nossa cultura, por ser parte do repertório dos munícipes, assim o professor estará partindo de um saber local ao conhecimento sistematizado, por exemplo, no aprendizado da gramática oficial; por trazer a relação do rio e dos animais que habitam este local com a cidade; por fazer o link do místico com o concreto; problematizar a realidade social representada pelas constantes quedas da feira por causa da “cobra grande”; trabalhar o espaço da feira/beira como sendo um dos pontos mais antigos da cidade, estes são apenas alguns dos muitos pontos que o professor pode explorar em sala de aula, tendo uma prática educativa e curricular mais significativa e contextualizada com a realidade de seus alunos.

E, como morador da cidade de Abaetetuba, este trabalho contribuiu para o aprendizado da história local e da contação bem como suscitou em mim o desejo de dar continuidade ao estudo em um curso de pós-graduação, por exemplo. Também, voltado para docência, o estudo me proporcionou refletir sobre a escola para além dela mesma, e pesquisar a feira me proporcionou isso, isto é, os espaços sociais de uma cidade são canais de saberes e de cultura que a escola precisa aprender a se relacionar mais com eles.

Ainda, o estudo instigou-me a qualificar minha docência no sentido de um professor contador de histórias galgando habilidades dessa arte e vivência, como forma de atuar situando

as raízes amazônicas no espaço escolar. Em síntese, por esta pesquisa aprendi para além dela, na medida que permeou outro ambiente, e foi pontual para a formação na e sobre a educação.

Vemos que os resultados podem instigar outros estudos sobre a temática da oralidade presente da feira de Abaetetuba, abrindo caminhos para abordar o assunto e até aprofundá-lo como mencionamos linhas atrás.

Em suma, a oralidade nos permitiu ouvir belas histórias de vida e lendárias, valores e formas de lidar com a luta por subsistência, formas de dizer sobre a cidade e o cotidiano da feira, nos deixando convictos de que viva deve permanecer nossa memória pela força da palavra dita, expressada, narrada, transmitida. Por isso, temos como educadores que cada vez mais deixá-la em evidência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, F. B. Sociabilidade, cultura e biodiversidade na Beira de Abaetetuba no Pará. **Revista Ciências Sociais Unisinos**, v. 45, n. 2, mai./ago. 2009. p. 152-161.

BARBOSA, Rogério Andrade; FREDIANI, Magda. Histórias da tradição oral: Os contos etiológicos *In*: SILVA, René Marc da Costa. **Cultura popular e educação**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2008. p. 246 - (Salto para o futuro).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Viver de criar cultura, cultura popular, Arte e educação *In*: SILVA, René Marc da Costa. **Cultura popular e educação**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2008. p. 246 - (Salto para o futuro).

_____. Cultura, culturas, cultura popular e Educação *In*: HARTWIG, Adriana Vieira Guedes; SCHUBERT, Arlete M. Pinheiro. **Cultura (s): Interculturalidade e interdisciplinaridade na educação do campo**. Vitória, 2014. Disponível em: <http://www.educacaodocampo.ufes.br>. Acesso em: 3/11/2020.

_____. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e Cultura**, v. 10, n. 1, jan./jun. 2007, p. 11-27.

COSTA, E. M. No rastro da tradição oral: a cultura material nas vozes de povos tradicionais da Amazônia marajoara. **História oral**, v.22, n. 1, 2019. p.11-30.

D'ANGELI, Wilmar. Histórias dos índios lá em casa *In*: SILVA, René Marc da Costa. **Cultura popular e educação**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2008. p. 246 - (Salto para o futuro).

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. Cultura cabocla-ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade – São Paulo: Annablume, 2004. p. 374.

LARAIA, Roque de Barros, 1932. **Cultura: um conceito antropológico**. 14.ed. Rio de Janeiro: Jorge "Zahar" Editora, 2001.

LOBATO, Nazaré. **Kamaig: a linguagem dos rios**. Belém: IOE, 1996. p. 131.

_____. **Nossa Arte, Nossa Vida**. Abaetetuba, 2001. [S.I. – s.n.]. (Obra completa)

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica** – uma poética do imaginário. Obras Reunidas. poesia I. – São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

_____. **Cultura Amazônica** – uma poética do imaginário. 4. Ed. – Belém, PA: Cultural Brasil, 2015.

MACHADO, Jorge Ricardo Coutinho. **Glossário abaeteense: Palavras e expressões do linguajar regional**. Abaetetuba, PA: Alquimia, 2005.

_____. **História de Abaetetuba: Com referenciais na história social e econômica da Amazônia**. Abaetetuba, PA: Alquimia, 2014.

_____. **Nosso Folclore: Panorama de Folclore amazônico.** Abaetetuba-PA: Edições Alquimia, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Ângela Paiva. **Fala e escrita.** 1ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 208.

RICHARDSON, Roberto J. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** 3. ed. – São Paulo: Atlas, 2012.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura.** 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23 ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Dedival Brandão da. **Repensando o folclore: memória, tradição, identidade cultural, cidade e educação / Dedival Brandão da Silva - 1. ed. - Curitiba [PR]: CRV, 2019.**

SILVA, René Marc da Costa. **Cultura popular e educação.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2008. p. 246 - (Salto para o futuro).

SOUSA, Andréia Lisboa de; SOUZA, Ana Lúcia Silva: Cantos e Re-encantos: vozes africanas e afro-brasileiras. In: SILVA, René Marc da Costa. **Cultura popular e educação.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2008. p. 246 - (Salto para o futuro).

TORRES, Shirlei Milene; TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. **Contação de histórias: resgate da memória e estímulo a imaginação.** Revista Eletrônica de Crítica e Teoria de literaturas sessão aberta. Porto Alegre. v. 04, n. 01, jan/jun. 2008, p. 1-8

ANEXOS



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
Rua da Angélica s/n.º - Mutirão - Fone/Fax: (91) 3751-1107
ABAETETUBA – PARÁ

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento eu, abaixo identificado(a), autorizo Richard Reiverson P. do Nascimento, brasileiro, residente na Travessa Altino Costa, Alameda Ent. 1º de Maio e Joaquin mendes contente, Nº 168 – Abaetetuba/PA, RG nº. 6680920, discente na Universidade Federal do Pará. Campus Universitário de Abaetetuba, a utilizar os depoimentos orais/entrevistas realizados. e as imagens produzidas através de fotos e vídeo gravações, em seu TCC intitulado **“A oralidade traduzida pela contação de histórias por frequentadores da feira/beira e suas implicações culturais, Abaetetuba-PA”**. Os dados obtidos poderão ser utilizados para fins acadêmicos, de fomento à pesquisa científica, em seminários, congressos, dos quais o discente venha a participar, sem limitação de tempo e/ou número de exibições.

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autor, o discente poderá dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização por si ou por terceiros por ele autorizados. Depois de assinada esta autorização, não caberá a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Assinatura da orientadora: *Elana C. Pejo Tautorge*

Assinatura do frequentador ou trabalhador: *Deonil dos Passos Martins*

Assinatura do pesquisador: *Richard Reiverson P. do Nascimento* Abaetetuba, /12/2020.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
 Rua da Angélica s/n.º - Mutirão - Fone/Fax: (91) 3751-1107
 ABAETETUBA – PARÁ

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento eu, abaixo identificado(a), autorizo Richard Reiverson P. do Nascimento, brasileiro, residente na Travessa Altino Costa, Alameda Ent. 1º de Maio e Joaquin mendes contente, Nº 168 – Abaetetuba/PA, RG nº. 6680920, discente na Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, a utilizar os depoimentos orais/entrevistas realizados, e as imagens produzidas através de fotos e vídeo gravações, em seu TCC intitulado “**A oralidade traduzida pela contação de histórias por frequentadores da feira/beira e suas implicações culturais, Abaetetuba-PA**”. Os dados obtidos poderão ser utilizados para fins acadêmicos, de fomento à pesquisa científica, em seminários, congressos, dos quais o discente venha a participar, sem limitação de tempo e/ou número de exibições.

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autor, o discente poderá dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização por si ou por terceiros por ele autorizados. Depois de assinada esta autorização, não caberá a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Assinatura da orientadora: Elana C. Pojo Teutinger

Assinatura do frequentador ou trabalhador: Jaime Elza A. Lopes

Assinatura do pesquisador: Richard Reiverson P. do Nascimento Abaetetuba, /12/2020.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
Rua da Angélica s/n.º - Mutirão - Fone/Fax: (91) 3751-1107
ABAETETUBA – PARÁ

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento eu, abaixo identificado(a), autorizo Richard Reiverson P. do Nascimento, brasileiro, residente na Travessa Altino Costa, Alameda Ent. 1º de Maio e Joaquin mendes contente, Nº 168 – Abaetetuba/PA, RG nº. 6680920, discente na Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, a utilizar os depoimentos orais/entrevistas realizados, e as imagens produzidas através de fotos e vídeo gravações, em seu TCC intitulado “**A oralidade traduzida pela contação de histórias por frequentadores da feira/beira e suas implicações culturais, Abaetetuba-PA**”. Os dados obtidos poderão ser utilizados para fins acadêmicos, de fomento à pesquisa científica, em seminários, congressos, dos quais o discente venha a participar, sem limitação de tempo e/ou número de exhibições.

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autor, o discente poderá dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização por si ou por terceiros por ele autorizados. Depois de assinada esta autorização, não caberá a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Assinatura da orientadora: *Elana C. Pojo Tautenge*

Assinatura do frequentador ou trabalhador: *Monod B. S. Moraes*

Assinatura do pesquisador: *Richard Reiverson P. do Nascimento* Abaetetuba, /12/2020.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
Rua da Angélica s/n.º - Mutirão - Fone/Fax: (91) 3751-1107
ABAETETUBA – PARÁ

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento eu, abaixo identificado(a), autorizo Richard Reiverson P. do Nascimento, brasileiro, residente na Travessa Altino Costa, Alameda Ent. 1º de Maio e Joaquin mendes contente, Nº 168 – Abaetetuba/PA, RG nº. 6680920, discente na Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, a utilizar os depoimentos orais/entrevistas realizados, e as imagens produzidas através de fotos e vídeo gravações, em seu TCC intitulado “**A oralidade traduzida pela contação de histórias por frequentadores da feira/beira e suas implicações culturais, Abaetetuba-PA**”. Os dados obtidos poderão ser utilizados para fins acadêmicos, de fomento à pesquisa científica, em seminários, congressos, dos quais o discente venha a participar, sem limitação de tempo e/ou número de exibições.

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autor, o discente poderá dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização por si ou por terceiros por ele autorizados. Depois de assinada esta autorização, não caberá a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Assinatura da orientadora: *Elana C. Pejo Tenteige*

Assinatura do frequentador ou trabalhador: *OGAUSTO FERREIRA DIAS JUNIOR*

Assinatura do pesquisador: *Richard Reiverson P. do Nascimento* Abaetetuba, /12/2020.